

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

FLÁVIO LUIZ PEZZI GOUVEA

**VOZES DE ESTUDANTES E DOCENTES SOBRE SEXUALIDADES E
HOMOFOBIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE REFLEXÃO
SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**

Campo Grande/MS

2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

FLÁVIO LUIZ PEZZI GOUVEA

**VOZES DE ESTUDANTES E DOCENTES SOBRE SEXUALIDADES E
HOMOFOBIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE REFLEXÃO
SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**

Dissertação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação – Profeduc – da Unidade Universitária de Campo Grande/Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Área de concentração: Formação de Professores Linha de pesquisa: Formação de Professores e Diversidade.

Orientação: Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda.

Campo Grande/MS

2019

G735G Gouvea, Flávio Luiz Pezzi

Vozes de estudantes e docentes sobre sexualidades e homofobia na escola:
construção de um espaço de reflexão sobre sexualidades não heteronormativas /
Flávio Luiz Pezzi Gouvea. Campo Grande, MS: UEMS, 2019.

182f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Educação - Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientadora: Dra. Léia Teixeira Lacerda

1. Homofobia. 2. Instituição escolar. 3. Inclusão. I. Lacerda, Léia
Teixeira II. Título

CDD 23. Ed. – 372.372

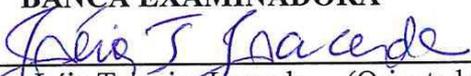
FLÁVIO LUIZ PEZZI GOUVEA

**VOZES DE ESTUDANTES E PROFESSORES SOBRE SEXUALIDADES E
HOMOFOBIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE REFLEXÃO
SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**

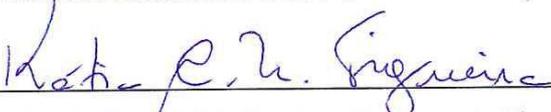
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande-MS, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de Educadores.

Aprovado em 24/04/2019

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda... (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Zaira de Andrade Lopes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Aos meus alunos

Meus filhos Pedro, Mariana e Angelina

À meu pai Osvaldo

À minha esposa Maria G. Gouvea

AGRADECIMENTOS

Agradeço as Universidades públicas e gratuitas, em especial a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) pela oferta do mestrado profissional em educação que me permitiu o início e conclusão do mesmo.

Agradecimento especial a minha orientadora Dra. Léia Teixeira de Lacerda pela condução desse trabalho que me permitiu ampliar meus horizontes ao me apresentar um leque de autores e correntes teórico-metodológicas que me permitiram adquirir as ferramentas necessárias para a compreensão e análise das questões sobre gênero, sexualidades e homofobia.

Gostaria de agradecer a turma do mestrado 2017-2019 pela convivência, as professoras e professores do curso, a coordenação e em especial a minhas colegas cuja proximidade do tema de nossos objetos nos aproximou. A minha colega Cristiane pelo apoio e trocas contínuas durante esse período.

Resumo

A abordagem escolar de temas ligados a gênero e sexualidades, diferente daquelas que são tomadas como convencionalmente normativas, vem gerando inúmeras polêmicas e desencadeando reações de inquietação em determinados segmentos da sociedade. Em função da discriminação e de práticas homofóbicas que se reproduzem no interior de nossa sociedade, essa temática vem chamando atenção crescente de educadores, movimentos sociais e pais no mundo contemporâneo, necessitando ser bem trabalhada no contexto escolar para que possamos avançar nessa pauta. Dessa perspectiva, nosso problema é compreender como a instituição escolar pode se constituir em um espaço de reflexão e promoção da cidadania por meio da inclusão de estudos de gênero, sexualidades e homofobia. Considerando, pois, a importância da educação na promoção da inclusão e da cidadania, o presente trabalho tem por objetivo analisar fatores que colaboram ou dificultam a discussão escolar de temas relacionados à homossexualidade e à homofobia. Trata-se de um estudo pós-estruturalista realizado a partir da execução de seis oficinas em uma turma de 20 estudantes do Ensino Médio, de 8 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e duas professoras de uma escola pública de Campo Grande-MS. No decorrer dessas oficinas, estudantes e professores foram convidados a responderem algumas questões sobre o tema investigado. Para isso, os dados foram coletados a partir de roda de conversa, uma entrevista semiestruturada, pelo preenchimento de um formulário de dados sociodemográficos, bem como pelas informações registradas no diário de campo, analisados posteriormente de acordo com os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa. Os resultados desta investigação permitem a compreensão de determinantes que dificultam e/ou favorecem a abordagem de temas ligados à sexualidade e homofobia na instituição escolar e seus principais desafios, além do entendimento de necessidades, entraves e facilitações, que podem contribuir para o planejamento de políticas públicas e de estratégias de prevenção contra a homofobia. A partir do que foi observado apontamos cinco dispositivos que precisam ser observados quando abordamos esse tipo de temática, são elas: 1) posicionamentos contrários de parte dos professores aos estudos de gênero sexualidades e homofobia; 2) naturalização da homofobia; 3) experiências e proximidade afetiva com LGBTs; 4) desconhecimento sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia; 5) religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença. Dessa forma entendemos parte do que dificulta e também favorecem estudos de gênero, sexualidades e homofobia compreendendo melhor esses dispositivos. O conhecimento produzido está vinculado ao anseio de profissionais da área da educação em também encontrar estratégias para solucionar os conflitos decorrentes da intolerância enfrentada por estudantes homossexuais, possibilitando uma intervenção mais efetiva e a criação de programas de combate aos diversos tipos de violência e assédio dirigidos a estudantes e aos demais indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormatividade, podendo, assim, potencializarem-se mudanças positivas nesse cenário.

Palavras-chave: Homofobia. Instituição escolar. Inclusão.

Abstract

The school approach to issues related to gender and sexuality, unlike those that are taken as conventionally normative, has generated numerous controversies and triggered reactions of restlessness in certain segments of society. Due to the discrimination and homophobic practices that are reproduced within our society, this theme has attracted increasing attention from educators, social movements and parents in the contemporary world, needing to be well worked in the school context so that we can move forward in this agenda. From this perspective, our problem is to understand how the school institution can constitute a space for reflection and promotion of citizenship through the inclusion of studies of gender, sexualities and homophobia. Considering, therefore, the importance of education in the promotion of inclusion and citizenship, the present work aims to analyze factors that collaborate or make difficult the school discussion of themes related to homosexuality and homophobia. It is a poststructuralist study carried out from the execution of six workshops in a group of 20 high school students, eight students of the Education of Young and Adults (EJA) and two teachers of a public school in Campo Grande- MS. In the course of these workshops, students and teachers were invited to answer some questions about the subject under investigation. For this, the data were collected from a conversation wheel, a semistructured interview, by the completion of a sociodemographic data form, as well as by the information recorded in the field diary, analyzed later according to the assumptions of the qualitative research approach. The results of this research allow the understanding of determinants that hinder and / or favor the approach of themes related to sexuality and homophobia in the school institution and its main challenges, as well as the understanding of needs, obstacles and facilitation that can contribute to policy planning prevention strategies against homophobia. From what was observed, we pointed out five devices that need to be observed when addressing this type of subject: 1) opposing positions on the part of teachers; 2) naturalization of homophobia; 3) experiences and affective closeness with LGBTs; 4) lack of knowledge about gender issues, sexualities and homophobia; 5) religiosity as the axis for actions of homophobia and indifference. In this way we understand part of what hinders and also favor studies of gender, sexualities and homophobia better understanding these devices. The knowledge produced is linked to the desire of professionals in the field of education to also find strategies to solve the conflicts arising from the intolerance faced by homosexual students, enabling a more effective intervention and the creation of programs to combat the various types of violence and harassment aimed at students and other individuals with sexual orientation different from heteronormativity, and thus, positive changes can be potentiated in this scenario.

Keywords: Homophobia. School institution. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DO PROBLEMA DA HOMOFOBIA	14
1.1 A escola como espaço de resistência	17
1.2 Percurso teórico-metodológico da Pesquisa	19
1.3 Procedimentos adotados para a coleta de dados	25
2. ESTADO DA QUESTÃO E MAPEAMENTO DE FONTES ACADÊMICAS	28
2.1. A homofobia no espaço escolar.....	31
2.2. A memória de estudantes sobre homofobia.....	33
2.3. A visão dos professores sobre homofobia	34
2.4. Discursos que regulamentam a homofobia.....	35
2.5. Políticas públicas de combate à homofobia no Brasil	37
2.6. A escola como espaço de resistência à intolerância	38
2.7 Artigos que abordam a temática gênero, sexualidades e homofobia.....	39
2.8 A homofobia reproduzida na escola	41
2.9 A escola enquanto espaço de reflexão, cidadania e inclusão	43
3. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS E ENTREVISTAS: GÊNERO, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA	48
3.1 Um encontro no trabalho de campo: apresentação da EJA sobre sexualidades	61
3.2 Em uma roda de conversa com estudantes	63
3.3 Entrevistas individuais.....	90
3.4 Dados sociodemográficos.....	99
4. FATORES QUE DIFICULTAM E/OU FAVORECEM OS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA	104
4.1 Posicionamentos contrários de parte dos professores aos estudos de gênero sexualidades e homofobia	105
4.2 Naturalização da homofobia.....	108
4.3 Experiências e proximidade afetiva com LGBTs.....	111
4.4 O desconhecimento sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia.....	114
4.5 Religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
Proposta de atuação na Escola: gênero, sexualidades e homofobia	126
REFERÊNCIAS	130

Apêndice.....	137
Transcrição das entrevistas.....	149
Anexos.....	169

INTRODUÇÃO

O interesse por esse objeto surgiu assistindo uma audiência pública sobre direitos para indivíduos LGBT transmitido pela TV Senado onde um pastor apresentava de forma agressiva uma série de argumentos homofóbicos para desqualificar a iniciativa de atender a demandas desse segmento. Outro fator foi a observação do isolamento de alunos homossexuais em sala de aula e da dificuldade que a escola e os demais alunos tinham para acolher esses estudantes.

O problema da homofobia foi a motivação inicial para pensarmos na possibilidade da escola se constituir em um espaço de reflexão sobre gênero e sexualidades. O problema que nos colocamos foi compreender como a instituição escolar pode se constituir em um espaço de reflexão e promoção da cidadania por meio da inclusão de estudos de gênero, sexualidades e homofobia.

Estima-se compreender como a instituição escolar pode se constituir em um espaço de reflexão para a promoção da cidadania, de modo que inclua pessoas de orientação sexual diferentes do padrão heteronormativo.

Espera-se compreender como o estudante participante do estudo vivencia questões relacionadas a gênero, sexualidade e homofobia; compreender os fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados pelos estudantes no ambiente escolar investigado.

Espera-se que os resultados forneçam subsídios relevantes para a compreensão do fenômeno, que possibilitem a reorganização dos currículos e novas práticas educativas a serem oferecidos pelo sistema de educação, com vistas a incrementar o bem estar das pessoas estigmatizadas por sua identidade de gênero divergente da norma estabelecida no cotidiano.

Com base no conceito de sexualidade proposto por Foucault (2015), que a compreende como uma construção histórica permeada por relações de poder, buscamos verificar as reações e concepções de estudantes e professores à possibilidade de estudos de gênero e sexualidades serem abordadas em sala de aula, considerando essas relações de poder. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, de acordo com os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa desenvolvido em uma escola localizada em um conjunto habitacional do BNH (Banco Nacional de Habitação) com estudantes e docentes do ensino regular e da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O processo de produção de dados ocorreu por meio de oficinas, rodas de conversa, questionário sócio demográfico, entrevistas semiestruturadas e diário de campo.

No capítulo 1 apresentamos uma breve justificativa sobre a relevância dos estudos de gênero, sexualidades e homofobia e os procedimentos teóricos metodológicos que nortearam o presente trabalho. As reflexões estão situadas no campo do pós estruturalismo, tendo em vista que recorreremos aos conceitos foucaultianos como: dispositivos e relação de poder.

Ao avançarmos para o capítulo 2 apresentamos um mapeamento dos trabalhos acadêmicos elaborado no âmbito de Programas de Pós-Graduação no Brasil, que versam sobre questões de educação escolar, sexualidades e homofobia. No levantamento das produções acadêmicas, escolhemos 47 trabalhos diferentes, sendo 14 teses de doutorado e 33 dissertações de mestrado que foram agrupadas em seis categorias que de acordo com suas abordagens foram assim classificadas: A homofobia no espaço escolar; as memórias sobre homofobia dos estudantes; a percepção dos professores sobre homofobia; políticas públicas de combate a homofobia; a escola enquanto espaço de resistência e os discursos que sustentam a homofobia.

Em levantamento realizado no banco de dados da plataforma scielo selecionamos 16 artigos que foram classificados em dois eixos temáticos: Direitos Humanos, cidadania, escola enquanto espaço de reflexão e violência, e homofobia no espaço escolar.

No capítulo 3 descrevemos as atividades realizadas na escola por meio de 6 oficinas e entrevistas com docentes e estudantes. Nas oficinas, foram trabalhados filmes e textos cuja temática abordava questões ligadas à sexualidade não heteronormativa e homofobia, selecionados a partir do que foi produzido por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e de pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual. As entrevistas foram realizadas a partir de rodas de conversas e individualmente. Nessas ocasiões percebemos como esses estudantes estão reagindo às discussões em torno desses temas e também suas reações quando o tema foi abordado por iniciativa de alguns docentes que já trabalham na escola.

Um questionário socioeconômico foi aplicado aos estudantes que participaram das oficinas, da roda de conversa e da entrevista. Posteriormente esses dados foram confrontados com aqueles realizados pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisa) para que pudéssemos compreender as questões socioeducativas da escola onde realizamos a pesquisa, dos estudantes e professores participantes.

No capítulo 4 passamos a analisar os dados produzidos e os problemas encontrados no campo empírico, apontando cinco dispositivos que devem ser levados em consideração enquanto políticas públicas voltadas à educação ou serem consideradas pelos gestores educacionais, coordenadores pedagógicos e professores quando abordarem em sala de aula

temáticas sobre gênero, sexualidades e homofobia. As reações dos estudantes e os comportamentos que observamos nas oficinas, seminários e entrevistas foram agrupadas em cinco categorias da seguinte forma: 1) posicionamentos contrários de parte dos professores aos estudos de gênero sexualidades e homofobia; 2) naturalização da homofobia; 3) experiências e proximidade afetiva com LGBTs; 4) desconhecimento sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia; 5) religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença. Dessa forma apontamos parte do que dificulta e também favorece estudos de gênero, sexualidades e homofobia, compreendendo melhor esses dispositivos.

Concluimos que a efetividade da abordagem depende da compreensão dos dispositivos de sexualidade que afetam professores e estudantes. A naturalização da homofobia está vinculada a esses dispositivos que estabelecem códigos culturais normativos e criam narrativas sobre o comportamento sexual. Assim, cabe à escola um papel fundamental, contrário à alardeada doutrinação: disseminar o conhecimento já disponível sobre gênero, sexualidades e homofobia como parte da dinâmica a que estamos sujeitos, mostrando que as relações de poder dessa dinâmica produzem efeitos múltiplos, não doutrinários.

1. QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DO PROBLEMA DA HOMOFOBIA

O desenvolvimento desta pesquisa se justifica em razão da discriminação vivida por indivíduos homossexuais e da predominância da homofobia em nossa sociedade, sobretudo na instituição escolar. O relatório da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2013), que não levou em conta as subnotificações, aponta, por exemplo, que “[...] em 2012 foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas” (BRASIL, 2013, p.18). Dados do estado de Mato Grosso do Sul também figuram nesse documento. De acordo com ele, em 2012, “[...] foram registradas 46 sobre 93 violações denúncias relacionadas à população LGBT pelo poder público, sendo que em setembro houve o maior registro, de 10 denúncias. Houve um aumento de 253% em relação a 2011, quando foram notificadas 13 denúncias” (BRASIL, 2013, p. 69). Essa violência é fruto de um tipo de discriminação que vem sendo denominada homofobia.

Porém, para entender comportamentos homofóbicos, é necessário uma melhor compreensão das sexualidades interditas em nossa sociedade e, para tanto, propomos como referencial o livro *A história da sexualidade: a vontade de saber* (FOUCAULT, 2015), como norteador para esta investigação na medida em que o discurso homofóbico parte do pressuposto da heteronormatividade.

Ao abordarmos questões de sexualidade, gênero e homossexualidade, neste trabalho, compreendemo-nas como um dispositivo inscrito em um jogo de poder, relacionado a certos tipos de saberes, que se constitui em um conjunto de “[...] efeitos produzidos no corpo, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 2015, p. 120), motivado por saberes e práticas de poder que tomam a homossexualidade como uma anormalidade, um desvio de comportamento, o que tem como consequência práticas homofóbicas.

Para Becker (2008), a pessoa homossexual é compreendida como aquela que invalida regras básicas estabelecidas socialmente para a diferenciação entre os seres humanos. Em outras palavras, “[...] a homossexualidade é doença porque a heterossexualidade é a norma social” (BECKER, 2008, p. 19). Esses padrões de gênero geram hierarquia e exclusão, uma vez que “[...] os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações” (BENTO, 2011, p. 553).

Nesse cenário, são muitas as violências cometidas contra pessoas com orientação sexual homoafetiva, e a patologização social desse tipo de experiência identitária talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de inferioridade relacionada a esses indivíduos. Portanto, “[...] cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições” (BENTO, 2011, p. 554), o que nos leva a entender a violência homofóbica, entre outros aspectos, como uma punição.

Além da violência promovida diretamente por terceiros, pesquisas apontam que, entre aqueles cuja orientação sexual se difere do padrão heteronormativo, há “[...] mais chances de [eles] pensarem e cometerem suicídio” (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2012, p. 651). Nesse estudo, os pesquisadores chegaram, a partir de sua amostragem, a valores muito próximos aos de estudos que vêm sendo realizados nos Estados Unidos. Sua pesquisa aponta, por exemplo, que 38,6% dos jovens estudantes não-heterossexuais já pensaram em se matar enquanto entre heterossexuais o índice foi de 20,7% (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2012, p. 659). Para compreender os motivos para esses índices, os autores afirmam que:

O suicídio em adolescentes não heterossexuais está acompanhado de certa desesperança e negação interna da sexualidade, que costumam ser reforçadas pela sociedade heteronormativa em que vivemos. [...] Tal pressão social vem, portanto, acentuar um estado de melancolia no sujeito, que dificultará que ele faça o luto da heterossexualidade, que é um passo fundamental para a construção de uma identidade sexual na qual a pessoa se reconheça e se sinta autorizada a expressar seus desejos, ainda que o contexto em que viva não seja propício (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2012, p. 661).

A homofobia se sustenta a partir de uma lógica que hierarquiza as orientações heterossexuais e homossexuais (LOURO, 2009), sendo a homossexualidade subordinada e com status de anormalidade.

Mas a manutenção dessas posições hierarquizadas não acontece sem um investimento continuado e repetitivo. Para garantir o privilégio da heterossexualidade— seu status de normalidade e, o que ainda é mais forte, seu caráter de naturalidade — são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (na família, na escola, na igreja, na medicina, na mídia, na lei). [...] Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais [...]. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos (LOURO, 2009, p. 86-87).

Os problemas decorrentes da discriminação e da homofobia são, assim, múltiplos, mas em função dessa realidade a instituição escolar pode vir a ser um espaço privilegiado para a reflexão sobre esses problemas. Isso porque, mesmo que os professores se sintam desconfortáveis e até cheguem a ignorar esse tema, a diversidade sexual está cada vez mais presente na vida dos estudantes, pois eles podem ter relação com gays, lésbicas e transgêneros tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Como os próprios PCN enfatizam, os docentes não devem estar sozinhos nessa caminhada, “[...] mas devem ser apoiados com palestras, discussões em grupo, leituras e supervisão que permita uma maior compreensão dos seus próprios valores e limites, bem como ajudá-los a desenvolver uma atitude ética” (SILVA; NETO, 2006, p. 187).

Nessa seara, em 2003, foram lançadas campanhas de prevenção com o financiamento do Programa Nacional DST e Aids do Ministério da Saúde, como “Homossexualidade na escola: toda discriminação deve ser reprovada” e a “Travesti e respeito: está na hora dos dois serem vistos juntos”. Ambas abordavam a necessidade de combater a discriminação no âmbito escolar, familiar, no trabalho e no cotidiano de profissionais da saúde e da educação (HENRIQUES et al., 2007, p. 54).

Contudo, a principal política de combate a homofobia no Brasil foi o *Programa Brasil sem homofobia*, criado em 2004 “[...] com o objetivo de promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais” (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO, 2004, p. 11).

Ao investigar os efeitos das políticas públicas de combate à homofobia, principalmente esta última, Quartiero (2009) analisa as práticas instaladas no cotidiano de duas escolas de Porto Alegre, apontando para a importância da conquista de direitos jurídicos e de espaços para a apropriação, pelos professores, de discursos ligados aos direitos humanos e aos sexuais.

Nesse âmbito, questões relacionadas à inclusão de direitos de indivíduos de orientação sexual diferente da heteronormatividade estão em pauta na maioria dos países ocidentais. Fernandes (2011, p. 96), sobre o tema, “[...] aponta uma sintonia entre uma situação global, no que se refere ao combate da homofobia, com uma demanda local em que os movimentos internacionais e locais fazem circular categorias e pautas políticas de combate a homofobia”.

No Brasil, algumas políticas públicas voltadas à superação de desigualdades relacionadas às pessoas LGBT foram tratadas por Daniliauskas (2011), que avaliou como a

temática tem sido problematizada na agenda da educação. Ele constatou, dentre outros resultados, a mudança na percepção social de sujeitos LGBT, antes relacionados apenas a temas polêmicos, para o status de sujeitos de direitos nas políticas públicas de educação e direitos humanos.

Quanto à inclusão das pautas LGBT e sobre as políticas públicas de educação, Souza (2011) defende o cumprimento de programas de governo voltados para a inclusão e para o combate ao preconceito, bullying e homofobia. Ao analisar as ações públicas em âmbito federal, K. Rocha (2012), por sua vez, investiga a absorção dessas políticas pelos estados e principalmente pelas escolas. Os resultados de suas pesquisas demonstram alguns avanços no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual como um direito inerente a todos e um aumento da visibilidade das demandas pautadas pelo movimento LGBT.

ONGs do movimento LGBT, por seu turno, produziram material e cursos de formação com propostas de ações em defesa dos direitos humanos relacionados a esse público. Em sua conclusão, apresentam algumas reflexões quanto ao papel da educação nesse campo “[...] para a formação de novas lideranças e para a capacitação de docentes para lidarem com a temática em sua atuação, referenciando-se também com as propostas das políticas públicas como o Programa Brasil sem Homofobia” (LIBERATO, 2012, p.9.).

Essas produções, aliadas a um balanço sobre os dez anos de existência da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), que atua na promoção dos direitos humanos para a superação da homofobia e de outras desigualdades, demonstram “[...] possibilidades de a noção da diversidade constituir uma resposta interseccional às múltiplas discriminações e desigualdades que atingem os sujeitos concretos no cotidiano da vida e, especificamente, nas instituições educacionais” (CARREIRA, 2015, p. 13).

Frente ao exposto, vê-se que os problemas envolvendo a discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente do padrão heteronormativo e práticas homofóbicas já estão sendo tratados por políticas públicas. Nessa esfera, também a escola se torna um espaço estratégico para a reflexão e a inclusão de temáticas que abordem questões de gênero, sexualidade e homofobia.

1.1 A escola como espaço de resistência

Para Foucault (2015), os mesmos dispositivos de poder são também os de resistência. Igualmente, não se deve imaginar que há discursos admitidos e excluídos, dominantes e

dominados: na verdade, o discurso reforça e também enfraquece o poder. Ele “[...] pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2015, p. 110). A partir desse entendimento, se a heteronormatividade é fruto de um conjunto de discursos e de saberes que se impõem por meio de dispositivos de poder, sua resistência pode utilizar os mesmos suportes, e a instituição escolar é um deles.

Assim sendo, a produção consistente de dados sobre a homofobia em escolas brasileiras é de fundamental importância para a percepção e enfrentamento do preconceito, da discriminação e da violência homofóbica. Não se trata apenas de reprimir atos homofóbicos, é necessário compreender os mecanismos de sua produção. A esse respeito, Junqueira (2009) afirma que:

Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquirentidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bemcomo os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas (JUNQUEIRA, 2009, p. 16).

Sobre o processo de formação continuada de professores da rede pública de Fortaleza-CE, realizado pelo Grupo Resistência Asa Branca, Joca (2008) aponta as possibilidades da escola para o desenvolvimento de práticas educativas de reconhecimento e de defesa de identidades de gênero e diversidade sexual, propondo uma educação capaz de enfrentar a homofobia. Romper o silêncio em torno da problemática e reverter a marginalização a que a homossexualidade foi relegada também são possibilidades indicadas por Araujo (2011) a partir do material que seria destinado a todas as escolas públicas, conhecido como Kit “anti-homofobia”.

Leonardo Rocha (2012) contribui para essa discussão ao indicar iniciativas de enfrentamento à homofobia empreendidas por educadores da rede pública de ensino de Belo Horizonte-MG. Ele investiga articulações teórico-metodológicas em torno da compreensão da homofobia, além de negociações que possibilitam projetos de intervenção do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Universidade Federal de Minas Gerais.

Assim como nesta pesquisa, Moura (2012), utilizando o conceito foucaultiano de dispositivo da sexualidade, aponta para enfrentamentos diários no campo da educação e da cidadania, identificando relações de saber-poder que têm envolvido questões LGBT positiva e negativamente, por meio de instituições de poder e subjetividade como força de ruptura.

Esse breve relato visou apresentar uma compilação de produções acadêmicas referentes

à homofobia e a políticas públicas que pretendem enfrentar esse problema, bem como ratificar que a instituição escolar não pode se furtar da responsabilidade de incluir pautas que contemplem os interesses de pessoas com orientação sexual diferentes do padrão heteronormativo.

A questão investigativa que buscamos é compreender como a instituição escolar pode se constituir em um espaço de reflexão e promoção da cidadania por meio da inclusão de estudos de gênero, sexualidades e homofobia.

Nosso objetivo geral foi analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se: identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; e apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa.

A hipótese que levantamos é de que o grau de envolvimento e eficiência da escola enquanto espaço de reflexão e promoção da cidadania LGBT deve variar na medida em que a temática afete ou não os sujeitos que estão no processo escolar. Aqueles que nutrirem algum tipo de afeto positivo ou negativo com a temática ou aqueles que não tiverem qualquer tipo de afeto é que definirão maior ou menor efetividade desse espaço (escola) na promoção da cidadania e reflexões sobre orientações sexuais diferentes do padrão heteronormativo.

1.2 Percorso teórico-metodológico da Pesquisa

Este estudo fundamenta-se no conceito de sexualidade proposto por Foucault (2015), que a compreende como uma construção histórica permeada por relações de poder que ocorrem por meio de dispositivos. Como dispositivos de sexualidade, Foucault (2015) entende uma série de relações atuando em diversas direções, produtos de relações de poder que atuam em rede: os dispositivos de poder.

Segundo o pesquisador:

[...] Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em

suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 246).

Assim, sendo a escola um espaço de circulação desses saberes que constituem os dispositivos de poder e sexualidade, procuramos entender como a heteronormatividade se reproduz como discurso para compreender o fenômeno da homofobia.

A presente pesquisa trata-se de um estudo descritivo-exploratório, de acordo com os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa.

A abordagem da sexualidade, da homossexualidade e de questões de gênero está sendo realizada principalmente no campo teórico do pós-estruturalismo, que, segundo Oliveira (2015), estava inicialmente vinculado ao estruturalismo e “[...] constitui-se a partir de debates significativos em que autores como Foucault e Lacan vão construindo teorias que acabam questionando as concepções estruturadas de linguagem” (OLIVEIRA, 2015, s/p.).

Aguilar e Gonçalves (2017) acrescentam que um evento importante nessa abordagem ocorre na segunda metade do século XX a partir das discussões em torno do feminismo, debates que não só promoveram uma crítica teórica, mas também impactaram o feminismo enquanto movimento social, fazendo emergir “[...] inúmeros questionamentos políticos e sociais sobre a forma como os sujeitos masculinos e femininos são constituídos, incluindo questões como subjetividade, formação das identidades sexuais e de gênero” (AGUILAR; GONÇALVES, 2017, p. 38).

Por inicialmente ter se originado no estruturalismo, algumas compreensões desse campo ainda se mantêm:

Os pós-estruturalistas continuam, de forma variada, a sustentar essa compreensão estruturalista do sujeito, concebendo-o, em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas, continuando a questionar também as diversas estruturas filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista (PETERS, 2000, p. 31).

O Pós-estruturalismo compreende estudos que rompem com o binarismo e questionam conceitos de normalidade, anormalidade e de heteronormatividade.

Além da teoria do discurso e Estudos Culturais, a perspectiva pós-estruturalista abrange também os estudos desenvolvidos pela Teoria Queer, que questiona a ordem política e cultural da heterossexualidade hegemônica e busca um foco menos “minoritarizante” com relação às sexualidades dissidentes – transexuais, travestis, intersexo, etc., conforme Miskolci (2014). A emergência das demandas de reconhecimento homossexual se deu nos movimentos da metade de século XX, quando os intelectuais passaram a questionar as fontes teórico-conceituais existentes para compreender as

chamadas sexualidades dissidentes, partindo da premissa da heterossexualidade enquanto norma (AGUILAR; GONÇALVES, 2017, p. 41).

Essa ruptura com o binarismo explorador e explorado, masculino e feminino, heterossexual e homossexual, é uma das características dos estudos pós-estruturalistas e da teoria Queer. Sobre o tema, Silva afirma que:

As oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. "Nós" e "eles", por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam. (SILVA, 2005, p.82.).

Para Peters (2000), a genealogia do pós-estruturalismo francês está filiada ao pensamento de Nietzsche, “[...] em particular, com sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação; com a centralidade que ele concede a questão do estilo, visto como crucial, tanto filosófica quanto esteticamente” (PETERS, 2000, p. 32). Outra proximidade com Nietzsche é quanto à importância dada ao conceito de vontade de verdade e vontade de saber. Segundo o pesquisador:

Esses temas filosóficos foram assumidos, adotados e experimentados pelos pós-estruturalistas franceses sob novas e estimulantes formas. Foucault, por exemplo, desenvolveu a genealogia nietzscheana como forma de história crítica que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se, em vez disso, nos conceitos de proveniência e emergência (PETERS, 2000, p. 32).

Oliveira (2015), por seu turno, explica que o pós-estruturalismo ancorado nos conceitos elaborados por Foucault busca analisar o poder “por meio do diagnóstico das estruturas de ‘saber-poder’ e da denúncia das tecnologias da dominação. Para Foucault, o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, [...] [seus dispositivos] podem tanto oprimir quanto libertar” (OLIVEIRA, 2015, s/p.). Dessa forma, os dispositivos de poder que forjam uma oposição entre heterossexualidade e homossexualidade podem produzir outras concepções ou mudanças.

O comportamento sexual, segundo Foucault (2015), até o século XIX era uma

preocupação quase que exclusiva da igreja, da religião. Foi apenas a partir do século XIX que outras áreas passaram a se interessar pelo tema, inclusive as científicas, como a Medicina e a Psicologia. Quando Foucault, em “A história da sexualidade: a vontade de saber” (2015), afirma que seu livro não trata da história da repressão, mas da sexualidade como construção histórica, está desnaturalizando essa sexualidade como fenômeno meramente biológico, reduzido à Fisiologia. Entende-a como carregada de subjetividades e, portanto, de valores subjetivos, como a moral e a ética.

Um conceito fundamental para a compreensão da sexualidade, das subjetividades, da moral e das relações de poder que estão implicadas na maneira como nossa sociedade lida com o sexo é o de “dispositivos”.

O dispositivo [...] está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele (FOUCAULT, 1979, p. 246).

Compreender a sexualidade como um dispositivo é considerá-la inscrita em um jogo de poder, relacionada a certos tipos de saberes e como conjunto de “[...] efeitos produzidos no corpo, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 2015, p. 120) devido a certos saberes e a práticas de poder.

Dessa maneira, sobre o dispositivo de sexualidade, Foucault (2015) afirma que há uma série de relações de poder circulando em diversas direções e atuando hierarquicamente de cima para baixo, mas também em sentido contrário. E em razão de sua natureza, não está localizado exclusivamente no Estado, mas que, antes, o Estado é também criação dessas relações e não somente seu criador, ou seja, produto que atua em rede, esta a que Foucault (1979) designa dispositivos de poder.

Em sua obra “História da sexualidade: a vontade de saber”, Foucault (2015) privilegia uma narrativa diferente, tendo em vista que não elabora uma história da repressão, mas de mecanismos que foram colocados em cena para funcionarem a partir da abordagem da sexualidade, quando várias instituições passaram a instigar as pessoas a falarem sobre sexo.

A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? Através de que hipérbole conseguimos chegar a afirmar que o sexo é negado, a mostrar ostensivamente que o escondemos, a dizer que o calamos [...] (FOUCAULT, 2015, p. 13).

Para ele (FOUCAULT, 2015), o que importa é a história das relações de poder que configuraram a sexualidade como a concebemos a partir do século XVII, e principalmente com o advento da sociedade burguesa no século XIX. Para tanto, procede com uma análise dos dispositivos e de como estes foram implantados. Trata-se, nesse caso, de uma história desses mecanismos que, a partir da igreja, que instituiu a confissão dos desejos sexuais, até o psiquiatra e os psicanalistas, por meio dos mais variados métodos, arrancam as confissões mais íntimas de seus fiéis, de seus pacientes ou clientes.

Nessa analítica proposta por Foucault (2015), situa-se como ponto de partida suas análises o século XVII, com a instituição de práticas cristãs de confissão que servem de suporte para uma direção e exame de consciência. “A igreja obriga a pessoa a dizer quase que infinitamente tudo o que se relaciona ao jogo de prazeres” (FOUCAULT, 2015, p. 23).

Além disso, a centralidade do sexo como núcleo de saberes e de poderes aos quais o filósofo chama de biopoder passa também pelas instituições de ensino, pelo pedagogo, de modo que a arquitetura dos colégios e os procedimentos internos revelam a preocupação com a sexualidade das crianças e dos jovens. “O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios [...] tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 2015, p. 31).

Contudo, a escola não só produzia um discurso sobre a sexualidade como também colocava o próprio estudante para discorrer sobre o tema a partir dos referenciais fornecidos pelos próprios pedagogos. De acordo com Foucault (2015), no ano de 1776, ocorreu um grande evento para mostrar o sucesso da educação sexual ministrada aos alunos, a partir da qual eles, após demonstração de profundo conhecimento e desembaraço com que lidaram com a temática, foram aplaudidos com entusiasmo pelos adultos que ali se encontravam.

[...] Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário [...] codificou o conteúdo, qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que fale dele os educadores, os médicos [...]. Ou então falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimento canônicos ou formando a partir delas um saber que lhes escapa (FOUCAULT, 2015, p. 33).

Assim, por meio das práticas de confissão nas igrejas e com o cuidado pedagogo da escola, foram se constituindo os dispositivos institucionais e as estratégias discursivas de gerenciamento racional da sexualidade. Eles receberam um grande reforço a partir do século

XIX, com a Medicina se interessando pelas questões da sexualidade, definindo normativas, normalidades e perversões.

Os comportamentos sexuais passam então por um processo pelo qual, arbitrariamente, foram se definindo noções e conceitos de “normal” (normalidade) e “anormal” (anormalidades). Dessa perspectiva, a homossexualidade passou a ser vista do ponto de vista médico como uma anormalidade, uma perversão.

Apesar de Freud (1996) não julgar o comportamento sexual daqueles a quem chama de invertidos, ao defini-los como anormais, localiza, em sua análise, a dinâmica das subjetividades vivenciadas por homens e mulheres no seu tempo histórico e institui a heterossexualidade como norma. É dessa forma, portanto, que o conhecimento científico foi se constituindo em dispositivo de poder, no caso da sexualidade, unindo-se a outros produzidos pela igreja, pela família e pela escola, neste caso pelos saberes médicos, evidenciando comportamentos e normas de conduta. Assim, esses dispositivos se complementam e operam em rede, constituindo o dispositivo de poder. É ele que regulamenta comportamentos e forma subjetividades. Sendo assim, a homossexualidade e sua interdição em nossa sociedade seria parte desse processo de circulação e de renovação de subjetividades discriminativas e preconceituosas. Dessa maneira, a carga negativa que paira sobre a homossexualidade e toda a perseguição que observamos são frutos dessa complexa relação de poder: “[...] o sexo não se julga, apenas administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos” (FOUCAULT, 2015, p. 28).

É assim que a ciência passa a se preocupar com os problemas da população, seu crescimento, com os índices das taxas de natalidade e sua correlação com o espaço urbano, epidemias, prostituição e doenças venéreas. A população passa então a viver regulada por relações de poder e de saber que impõem novos hábitos, condutas e comportamentos ligados ao sexo e pelas quais fica evidente a “[...] necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo vigor de uma proibição” (FOUCAULT, 2015, p. 28).

Esses dispositivos gerenciam de maneira muito sutil a sexualidade: não é por meio de coação violenta que se impõem normas de conduta como a heteronormatividade e a homossexualidade, mas pelas complexas relações de poder, como afirma Foucault:

Parece-me que deve compreender o poder, primeiro como multiplicidade de correlações de força e imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte [...], o poder não é uma instituição nem uma

estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2015, p. 110-111)

Esse dispositivo de poder sobre a sexualidade, sobre o corpo, é o que Foucault chama de biopoder (2015), possível a partir da gestão dos corpos e dos indivíduos, pela qual aqueles são pensados como suporte de discursos e que devem ser geridos e administrados. Esses procedimentos de poder “[...] funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam o Estado e seus aparelhos” (FOUCAULT, 2015, p. 98). Portanto o poder só pode ser compreendido como mecanismo no qual há uma complexa relação capaz de produzir discursos, saberes e procedimentos de naturalização da gestão dos corpos e do comportamento.

1.3 Procedimentos adotados para a coleta de dados

Em relação ao campo de investigação, este trabalho foi devidamente aprovado na Plataforma Brasil e sua comissão de ética com parecer nº 2.756.684, desenvolvido com o consentimento de todos os segmentos da escola (APM, direção, coordenação pedagógica, professores e alunos) em uma instituição pública de Campo Grande-MS, localizada em um conjunto habitacional construído em meados dos anos setenta com financiamento do BNH (Banco Nacional da Habitação). Os sujeitos que participaram dessa pesquisa são estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e do Módulo III da EJA (Educação de Jovens e Adultos) com idades entre 17 (dezessete) e 23 (vinte três) anos.

Os sujeitos desta pesquisa são professores e estudantes, totalizando 20 (vinte) participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa voluntariamente e com consentimento do responsável (no caso de participantes menores de idade).

Os participantes foram esclarecidos de que, a pesquisa poderia apresentar riscos mínimos como constrangimento em responder as perguntas, cansaço, conflitos morais, embates ideológicos e choque de valores, mas que coisas boas poderiam acontecer como a ampliação da compreensão sobre os fenômenos que envolvem questões de gênero, sexualidades e homofobia; respeito e tolerância. Em seguida, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aqueles que estavam de acordo com as condições estipuladas no termo, assinaram o documento, mantendo uma via em seu poder.

À turma, previamente selecionada de acordo com a demanda institucional, foi aplicado um questionário sociodemográfico e foram desenvolvidas seis oficinas abordando a temática das sexualidades não heteronormativas, discriminação e homofobia. Durante essas oficinas, foram identificados estudantes e professores que decidiram participar de discussões sobre sexualidade e homofobia, sendo 3 discentes homossexuais, 5 estudantes heterossexuais e 2 professores com os quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com questões específicas que aprofundavam o levantamento de dados.

Em relação à produção dos dados, esta ocorreu a partir dos seguintes instrumentos:

(1) Oficinas: que permitiram uma observação participante a partir da seguinte organização: a) situação disparadora – que estimula o debate sobre sexualidade e homofobia; b) textos – abordando a temática a ser discutida, trazendo conceitos, considerações críticas e situações que podem ocorrer no cotidiano da escola e que nos desafiam a enfrentar a homofobia; c) dinâmicas: como fazer? – ações, passos ou procedimentos necessários para a organização das atividades práticas sugeridas; d) observação participante: “[...] porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (ANDRÉ, 1995, p. 28).

(2) Formulário de dados sociodemográficos¹: favoreceu a coleta de informações específicas, como itens de conforto doméstico e grau de escolaridade do chefe da família (Critério de Classificação Econômica Brasil). Em linhas gerais, foram coletados dados referentes à idade dos participantes, escolaridade, profissão/ocupação, renda familiar, situação da família de origem e/ou constituída.

(3) Roteiro de entrevista semiestruturada: elaborado a partir dos objetivos deste estudo e dividido em três versões: um para estudante homossexual, uma para os colegas de classe e outra para os professores, sendo composto por questões que pretendiam investigar a temática, priorizando-se a qualidade da interação entre entrevistado e entrevistador de modo a favorecer respostas mais espontâneas na exploração de assuntos mais complexos (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

O roteiro de entrevista semiestruturada foi aplicado a sujeitos que demonstraram interesse em aprofundar e colaborar com este estudo. Os encontros foram realizados

¹ Esse formulário foi elaborado pela ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – e está descrito “[...] no livro Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil dos professores Wagner Kamakura (Rice University) e José Afonso Mazzon (FEA /USP), baseado na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE” (ABEP, 2016, p. 01).

individualmente, em situação face a face, em ambiente da escolha do participante e ao longo de um período de três meses. As entrevistas, assim como as oficinas, foram audiogravadas mediante a aprovação dos participantes. Em seguida, o conteúdo foi transcrito literalmente e na íntegra de acordo com normas já estabelecidas (PRETI, 1999, p. 10).

(4) Diário de campo: utilizado para registrar anotações documentadas durante os contatos e o diálogo estabelecido com os participantes, buscando-se assegurar a maior riqueza de detalhes possível. O instrumento foi elaborado ao longo do trabalho, em um processo cumulativo de registros sistematizados após cada encontro com cada participante, com o objetivo de complementar os dados coletados nas entrevistas e nas oficinas, pois, como afirma Neto (1994, p. 138), o diário atua no “[...] auxílio à descrição, análise e interpretação do objeto estudado [que] será maior quanto mais ricas e detalhadas forem as anotações nesse diário”.

Nas oficinas, foram trabalhados filmes e textos cuja temática abordava questões ligadas à sexualidade não heteronormativa e homofobia, selecionados a partir do que foi produzido por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual. “São produtos que surgem para combater o sexismo e a homofobia nas escolas e que servem de embasamento para futuras ações que possam vir a realizar” (NOGUEIRA; D'ANDREA, 2014, p. 39), como aqueles produzidos a partir do Plano Brasil sem Homofobia, cursos como Educação sem homofobia, caderno Escola sem homofobia e outros que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pertencente ao gabinete da Presidência da República.

Os dados foram submetidos à análise a partir da perspectiva de estudos de caso e histórias de vida, como indicam Bogdan e Biklen (1994, p. 92), e também analisados na perspectiva dos seguintes autores: Alves-Mazzotti (2006); Biasoli-Alves (1998); Creswell (2010); Boni e Quaresma (2005); André (1995) e Neto (1994), tendo como parâmetro a noção de sexualidade apresentada por Foucault (1979; 2015).

2. ESTADO DA QUESTÃO E MAPEAMENTO DE FONTES ACADÊMICAS

Neste levantamento apresentamos uma síntese da produção científica dos últimos anos referente à homofobia, em especial aquela vivenciada no ambiente escolar. Este trabalho se constitui a partir de análise de teses e dissertações produzidas nos programas de doutorado e mestrado de diferentes universidades, reconhecidos pela CAPES, disponíveis em seu banco de teses e dissertações, e artigos científicos hospedados na plataforma eletrônica Scielo. A partir desse levantamento apresentamos um mapeamento das produções (2006-2016) existentes, necessárias para nortear a investigação que estamos desenvolvendo sobre homofobia no ambiente escolar.

Quanto à linha metodológica, a maioria dos trabalhos está fundamentada em uma perspectiva pós-estruturalista, tendo como referência as contribuições de Michel Foucault. Constituem exceções a essa regra a dissertação de mestrado de Fabiana Aguiar de Castro Sena (2011), que faz uma análise a partir da perspectiva de violência simbólica de Pierre Bourdieu; a dissertação de Grasiela Cristine Celich Dani (2011), que utiliza o método Dialético-hermenêutico e a teoria do reconhecimento de Hegel e Honneth; a dissertação de Marcelo Daniliauskas (2011), cujo referencial analítico-teórico baseia-se especialmente na trajetória de políticas educacionais, com base em Stephen Ball, e na justiça social, a partir das contribuições de Nancy Fraser; a tese de doutorado de Márcia Imaculada de Souza (2011), desenvolvida a partir dos escritos de T. W. Adorno, M. Horkheimer; e outros dois trabalhos produzidos nas faculdades de medicina social (UFRJ) e enfermagem (USP).

Escolhemos 38 trabalhos diferentes, sendo 09 teses de doutorado e 29 dissertações de mestrado. Eles foram levantados por meio de descritores, como: homofobia, escola, homossexualidade e educação e inscritos no quadro por ordem cronológica.

Quadro 1 – Teses e Dissertações referentes a sexualidades e homofobia no âmbito escolar

Autor	Título	Nível	Ano	Instituição
Luis Ramires Neto	Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo	Mestrado	2006	USP
Alexandre Martins Joca	Diversidade sexual na escola: um “problema” posto à mesa	Mestrado	2008	UFC
Aline Ferraz da Silva	Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola	Mestrado	2008	UFPEL
Denyz Munhoz Marsiglia	Silêncio e invisibilidade: a atitude discriminatória de professores diante	Mestrado	2009	UNINOVE

	da homossexualidade na escola			
Eliana Terezinha Quartiero	A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas	Mestrado	2009	UFRS
Claudio Roberto da Silva	A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da "cultura do respeito" aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo	Mestrado	2010	USP
Deise Azevedo Longaray	“Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem”: um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e de gênero	Mestrado	2010	FURG
Jonas Alves da Silva Junior	Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do Ensino Médio sobre homossexualidade	Doutorado	2010	USP
Danielle Coenga Oliveira	Se fosse normal, Deus teria criado Adão e Ivo!: a homofobia e a produção e regulação do sexo/gênero	Mestrado	2011	UNB
Fabiana Aguiar de Castro Sena	Violência simbólica em instituições escolares: sua repercussão na formação do habitus de homossexuais masculinos	Mestrado	2011	UEM
Felipe Bruno Martins Fernandes	A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)	Doutorado	2011	UFSC
Grasiela Cristine Celich Dani	Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento	Mestrado	2011	UFMS
Jair Bueno de Araujo	A (des) construção do discurso do corpo homossexual masculino: uma trajetória histórica da desnaturalização dos dispositivos de poder	Mestrado	2011	MACKENZIE
Marcelo Daniliauskas	Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do programa Brasil sem Homofobia	Mestrado	2011	USP
Márcia Imaculada de Souza	Sociedade da diversidade e a demanda por subjetividades inclusivas: a necessidade de resistir	Doutorado	2011	UNIVERSIDADE METODISTA
Raquel Alexandre Pinho dos Santos	“Isso é o que não mudou ainda”: diversidade sexual, homofobia e cotidiano escolar	Mestrado	2011	PUC-RIO
Rosana Medeiros de Oliveira	Gênero e sexualidade na TV Escola: cartografia de um currículo	Doutorado	2011	UNB
Rubenilson Pereira de	Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de	Mestrado	2011	UFT

Araujo	práticas discursivas e de (não) subjetivação no contexto escolar			
Adriana Maria Shad e Balthazar	O lugar do silêncio na violência homofóbica: o dizível e o indizível nas narrativas de sofrimentos	Mestrado	2012	UERJ
Ariane Celestino Meireles	Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória	Mestrado	2012	UFES
Denize Sepulveda	Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias	Doutorado	2012	UERJ
Francisco Diemersonde Souza Pereira	Corpos controlados, práticas costumeiras: homofobia e violência na escola	Mestrado	2012	UNIT
Kesia dos Anjos Rocha	Da política educacional à política da escola: os silêncios e os sussurros da diversidade sexual na escola pública	Mestrado	2012	UNESP
Leonardo Tolentino Lima Rocha	Norma de gênero e instituição escolar: um estudo sobre estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte	Mestrado	2012	UFMG
Luan Carpes Barros Cassal	Tiros, lâmpadas, mapas e medo: cartografias da homofobia como dispositivo de biopoder	Mestrado	2012	UFRJ
Luciano Vitor Dias Liberato	Um estudo a respeito dos documentos produzidos para os cursos de capacitação no campo LGBT: algumas reflexões em educação	Mestrado	2012	UFPR
Marcela Fernandesdo Nascimento	Representações sociais de sexualidade por alunos e professores de ensino médio	Mestrado	2012	UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
Marcus Kempes Macedo de Moura	Educação e Direitos Humanos: o caso do Programa Brasil sem Homofobia	Mestrado	2012	UNIVERSIDADE METODISTA
Priscila Carozza Frasson Costa	Os patamares de adesão das escolas à educação sexual	Doutorado	2012	USP
Renata Silva Pamplona	O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual	Mestrado	2012	UFSCar
Janice Aparecida de Souza	Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico	Mestrado	2013	UFMG
Liane Kelen Rizzato	Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a	Mestrado	2013	USP

	partir de relatos da prática docente			
Hiller Soares Santana	Questões de gênero e sexualidade no currículo escolar	Mestrado	2014	UERJ
Elaine de Jesus Souza	Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações sociais de educadores/as da educação básica	Mestrado	2015	UFS
Dário Azevedo dos Santos	Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém	Doutorado	2015	UFPA
Fernando Guimarães Oliveira da Silva	Vozes (des)veladas... Memórias de homossexuais sobre práticas escolares	Mestrado	2015	UEMS
Denise Carreira	Igualdade e diferenças nas políticas educacionais: a agenda das diversidades nos governos Lula e Dilma.	Doutorado	2015	USP
Valeria Pall Oriani	Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas	Doutorado	2015	UNESP

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da leitura desse levantamento, classificamos as produções em seis categorias de acordo com a abordagem e proximidade dos temas:

Quadro 2 – Classificação das produções de acordo com a temática da pesquisa

Classificação dos trabalhos	Total	Mestrado	Doutorado
A homofobia no espaço escolar	9	7	2
As memórias de estudantes sobre homofobia	3	2	1
A visão dos professores sobre homofobia	7	5	2
Discursos que regulamentam a homofobia	8	7	1
Políticas públicas de combate à homofobia	7	4	3
A escola como espaço de resistência a intolerância	4	4	0
Total	38	29	9

Fonte: elaborado pelo autor.

Realizadas essas considerações, passamos a apresentar o estado da questão a partir das áreas de abordagem dos trabalhos e também dos descritores utilizados na busca.

2.1. A homofobia no espaço escolar

Presente em nossa cultura, a homofobia é uma constante nos espaços escolares, como está evidenciado em nove trabalhos acadêmicos verificados. Na dissertação *Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo*, Luiz Ramires Neto (2006)

afirma que a instituição de ensino é um lugar permeado pela homofobia, marcado pela violência física e verbal e pelas pressões que reiteram o padrão heterossexual.

O reconhecimento de que a instituição escolar é um espaço de conflitos homofóbicos está presente também na dissertação de Grasiela C. C. Dani (2011), que ao analisar o contexto de estudo, apresenta alguns caminhos a partir da verificação de como a homofobia se forma, valendo-se da teoria do reconhecimento, baseada em teóricos como Hegel e Honneth.

A partir do reconhecimento de mecanismos de heteronormatividade, Raquel A. P. dos Santos (2011) analisa a presença homofóbica no cotidiano escolar e revela três observações: i) como os jovens percebem a diversidade sexual; ii) se ocorre a valorização da heterossexualidade e iii) como é vivenciada e discutida a diversidade sexual no cotidiano escolar. Além de constatar a existência da homofobia, verificou-se que essa temática não era trabalhada por qualquer atividade pedagógica na escola em estudo.

Já uma pesquisa realizada com professoras lésbicas e bissexuais que atuam na educação básica no município de Vitória, Espírito Santo revelou a necessidade de essas profissionais ocultarem suas sexualidades para garantir o respeito profissional: “evidências de homofobia institucional problematizadas nos depoimentos apontaram que estudantes e professoras(es) são alvo de atitudes de preconceito por orientação sexual na escola” (MEIRELES, 2012, p. 9.).

Entender como a exclusão de estudantes afeta o processo identitário foi um dos propósitos da tese de doutorado de Denize Sepulveda (2012), que concluiu que o sofrimento causado pela homofobia “[...] foi um alinhavo permanente das tessituras identitárias de alguns estudantes, tendo se transformado, para alguns, em potência e para outros, em apenas dor” (SEPULVEDA, 2012, p12.).

A homofobia e as práticas sexistas no cotidiano escolar compõem ainda a dissertação de Francisco D. de Souza Pereira (2012), que desenvolve uma reflexão sobre a instalação da heteronormatividade nos mecanismos pedagógicos e disciplinares da instituição escolar, além de constatar o despreparo dos sujeitos envolvidos no processo educativo em lidar com as diversas manifestações sexuais na escola.

Já para Nascimento (2012), preconceitos relativos à sexualidade, com bases culturais e históricas ainda presentes nas famílias de adolescentes e no corpo docente da escola dificultam a abordagem de questões relativas à homossexualidade e à homofobia sob uma perspectiva de caráter emancipatório.

Os indícios de homofobia contra estudantes que romperam com a heteronormatividade em uma escola de ensino básico no município do Rio de Janeiro estão relacionados

asileciamento da escola quanto às práticas homofóbicas. De acordo com essas análises:

[...] As produções discursivas de professoras/es, gestoras/es e alunas/os sobre as/os alunas/os que rompem com aquilo que se instituiu como a normatividade de gênero estão carregadas de significações culturais em disputa, sendo, portanto, instáveis e ambíguas. O silenciamento é considerado também neste texto como um elemento auxiliar de produções homofóbicas (SANTANA, 2014, p.8.).

Em sua tese de doutorado, Priscila Carozza Frasson Costa (2012) investigou sete escolas da rede pública do Norte do Paraná de Ensino Médio e Fundamental, com o objetivo de criar indicadores de adesão à educação sexual. Seus resultados apontaram um perfil bastante conservador e distante do necessário para desconstruir a heteronormatividade.

Vê-se, pois, que a homofobia presente no espaço escolar, reproduzida e reforçada pelos valores heteronormativos e que afetam educadores e estudantes constituem uma regra observável em diferentes regiões do Brasil, como evidenciam as teses e dissertações produzidas nos últimos anos e cuja parcela é apresentada por este texto.

2.2. A memória de estudantes sobre homofobia

Quanto aos estudos que revelam as visões dos estudantes sobre a homofobia, localizamos três trabalhos: F. Silva (2015); Santos (2015) e J. Souza (2013).

Fernando Guimarães Oliveira da Silva (2015) fez um levantamento das memórias de sujeitos homossexuais e de suas experiências de discriminação, preconceitos e homofobia vivenciados no espaço escolar.

Santos (2015), por sua vez, estudou a escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém-PA e investigou as homossexualidades vivenciadas no espaço escolar. Identificou como esses sujeitos analisam na atualidade as marcas registradas de preconceito e discriminação que sofreram em seus percursos de escolarização.

Outra pesquisa de mestrado, J. Souza (2013), identificou as estratégias adotadas por estudantes homossexuais nos espaços escolares para permanecerem nos cursos de Direito e Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa revelou que seus êxitos só foram possíveis devido à omissão de suas orientações sexuais.

2.3. A visão dos professores sobre homofobia

A atitude discriminatória de professores diante da homossexualidade foi levantada por Denys Munhoz Marsiglia em sua dissertação de mestrado intitulada: *Silêncio e invisibilidade: a atitude discriminatória de professores*, defendida em 2009.

Cláudio Roberto da Silva (2010), por seu turno, investigou se os valores de respeito aos direitos humanos, presentes nas políticas públicas de educação, refletiam-se no reconhecimento ao direito de não ser discriminado em função da diferença sexual. De acordo com o autor, a noção de direitos humanos apregoada na escola era muito abstrata, dificultando o reconhecimento dos problemas relativos aos estudantes que não se enquadravam no perfil heteronormativo.

A exclusão de alunos que não se enquadram nos padrões heterossexuais e as representações que professores do Ensino Médio de duas escolas paulistanas, que se manifestaram sobre homossexualidade e diversidade sexual, constituem a tese de doutorado de Jonas Alves da Silva Junior (2010). Nessa pesquisa os dados obtidos em entrevistas foram classificados e analisados sob três categorias, que revelam as representações que esses docentes têm sobre homossexualidade. Dessa forma, identificaram-se: 1) representações de homossexualidade sob o viés do preconceito evidente; 2) representações sob a perspectiva do preconceito latente; e 3) representações da homossexualidade na perspectiva democrática e inclusiva. De acordo com Silva Júnior (2010), a discriminação é cultural e enraizada em dogmas, crenças e construções heteronormativas.

Os/as professores que representam a homossexualidade positivamente, sob o crivo da democracia e direitos coletivos, de modo geral, não têm dificuldade em conviver com homossexuais. A maioria relata que o contato com pessoas dessa orientação sexual é constante em suas vidas. Representam a homossexualidade como identidade legítima e normal e acreditam que a diversidade é importante e enriquecedora para a sociedade. No entanto, no campo escolar, admitem que há muito preconceito, mas confessam não saber lidar com isso. A maioria parte para a repressão (ao discriminador) e/ou para o diálogo. Reconhecem que a escola é um lugar propício para o trabalho com educação sexual e, mais especificamente, com diversidade sexual. Por fim, os/as professores/as que tiveram, em sua formação inicial/continuada, contato com este tema, mostraram mais desenvoltura em lidar com o assunto em sala de aula. Todavia, os/as que não tiveram demonstraram interesse em aprender mais sobre a temática (SILVA JUNIOR, 2010, p. 199).

Araújo (2011) acrescenta que entre os diversos profissionais que atuam na escola, a

concepção heteronormativa é muito arraigada.

Neste sentido, há, na escola, uma produção de saberes e poderes, veiculada nos discursos, que tentam, de certa forma, padronizar, moldar, fabricar corpos legíveis e legítimos, de modo a atenderem aos padrões de uma sociedade heteronormativa e falocêntrica, isto é, trata-se de uma prática pedagógica que alija aqueles que não se encaixam em um padrão preestabelecido, de modo que os/as alunos/as homossexuais são excluídos do processo educacional ou são obrigados a dissimularem a sua identidade de gênero e sexual para que possam estabelecer uma convivência pacífica e aceitável no ambiente escolar (ARAUJO, R., 2011, p. 10).

A reprodução da discriminação e da homofobia no espaço escolar foi objeto de investigação de Liene Kelen Rizzato (2013), que apontou a percepção dos professores sobre sexualidade e homofobia. Para ela, a depender das experiências, vivências e lógica social, alguns professores reproduzem práticas que contribuem para a manutenção do preconceito e da homofobia. Por outro lado, essas experiências podem gerar, também, uma empatia do docente em relação aos estudantes não heterossexuais, empatia que, de acordo com a autora, é um fator-chave para a superação de preconceitos e estereótipos.

As representações que educadores possuem a respeito de práticas homofóbicas explicam como essas posturas se manifestam no ambiente escolar, análise que é fundamental para compreender a construção e a desconstrução de preconceitos (SOUZA, E., 2015.).

Preconceitos e discriminações referentes à identidade de gênero, formação inicial e continuada de professores também fazem parte da tese de doutorado de Valéria Pall Oriani (2015), que aponta quais as percepções de educadores sobre relação de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas da educação infantil.

A partir dessa análise inicial das produções levantadas, nota-se que estar disposto a entender as sexualidades que não se moldam à heteronormatividade é fundamental para o avanço dessa temática, assim como a indiferença e obviamente o preconceito se constituem em obstáculos às discussões e às reflexões necessárias ao combate da homofobia.

2.4. Discursos que regulamentam a homofobia

Impulsionada pelo desconforto em relação à manifestação de homofobia contra três estudantes gays na escola onde atua, Aline Ferraz da Silva (2008) discute os efeitos de identidades sexuais não normativas no currículo e identifica a compulsoriedade da identidade heterossexual e as estratégias que permitem esse discurso no ambiente escolar. Nesse sentido,

o currículo é visto como espaço de desconstrução de identidades cristalizadas e construção de novas identidades.

Já Longaray (2010), a partir de uma investigação narrativa desenvolvida em uma escola do município de Rio Grande - RS, constatou discursos que reafirmam a heterossexualidade como padrão normal de sexualidade, “[...] uma vez que a homossexualidade não objetiva a procriação e, por isso, não corresponde às leis de Deus” (LONGARAY, 2010, p.9.). Nesse caso, as concepções religiosas mostram-se como suporte para a circulação de discursos homofóbicos.

A homossexualidade, em meio aos discursos (re)produzidos pelas instituições religiosas, é tida como antinatural, como abominação, como pecado, uma vez que não há a possibilidade de procriação, não correspondendo, dessa forma, com a constituição da família patriarcal, constituindo a idéia de que gays e lésbicas são sujeitos desviantes e anormais (LONGARAY, 2010, p. 90).

A compreensão da homofobia como “[...] dispositivo que produz e regula diferenças, estabelecidas como naturais, entre os sexos, gêneros e as orientações afetivo-sexuais” (OLIVEIRA, D., 2011, p. 6.) resultam de análises de posicionamentos contrários à união homoafetiva e apontam que relações contrárias à heteronormatividade sofrem interdições sociais, privação de direitos básicos, bem como revelam que a homofobia é sustentada por instituições religiosas, científicas, familiares e educacionais.

Sena (2011) contribui para essa discussão ao estudar a reprodução e a manutenção da discriminação contra homossexuais masculinos e ao buscar compreender esse mecanismo hegemônico, ensinado e consentido nas instituições escolares, objetivou fomentar práticas de respeito à diversidade humana.

Rosana Oliveira (2011), por sua vez, analisa o material audiovisual de gênero e sexualidade da TV escola, “[...] apresenta os enquadramentos hegemônicos do currículo e como eles funcionam como programações de gênero, em que pedagogias (hetero)sexuais e racializantes estão em jogo” (OLIVEIRA, R., 2011, p. 8.). A pesquisa destaca linhas dissidentes do currículo que questionam o sistema de gênero, politizando a homofobia e discutindo sobre seus modos.

Analisar o lugar ocupado pelo silêncio na narrativa de pessoas que sofreram violência homofóbica é o objetivo da dissertação de Adriana Maria Shad Balthazar (2012). Para ela, a homofobia é uma violência motivada pelo preconceito sexual e fruto de um processo histórico que produziu a heteronormatividade como regra.

A partir de dois eventos de violência contra homossexuais, Luan Carpes Barros Cassal (2012) traça uma cartografia da homofobia e seus efeitos como processo de produção de subjetividades na contemporaneidade, subjetividades essas que dão suporte à discriminação e homofobia.

Pamplona (2012) acrescenta que os diferentes discursos divulgados na mídia brasileira, referentes à repercussão da possibilidade de aprovação do material educacional: kit anti-homofobia, fizeram circular uma série de representações positivas e negativas sobre questões LGBT.

Toda a trajetória discursiva e seu esmiuçar oferece ferramentas para que se possa compreender o kit anti-homofobia como um dispositivo de poder. Assim, ao caminhar nos emaranhados discursivos e destringir as minúcias produzidas pelos discursos, vê-se que esses se arquetizam de forma a produzir verdades sobre as diversidades sexuais, e a engendrar formas de assujeitamento das diferenças. Especificamente, percebem-se estratégias para esvaziar ou tornar palatável qualquer expressão de estranheza das/dos:travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (PAMPLONA, 2012, p. 12.).

Destaca-se que as narrativas que sustentam comportamentos homofóbicos estão implicadas em uma série de discursos, os mais variados, e atravessam todos os espaços sociais.

2.5. Políticas públicas de combate à homofobia no Brasil

A principal política de combate à homofobia foi concebida por meio do *Programa Brasil sem homofobia*, criado em 2004 “[...] com o objetivo de promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais” (CONSELHO, 2004, p. 11).

Ao investigar os efeitos das políticas públicas de combate à homofobia, principalmente esse mencionado, *Programa Brasil sem homofobia*, Eliana Terezinha Quartiero (2009) analisa as práticas instaladas no cotidiano escolar a partir de estudo realizado em duas escolas de Porto Alegre, apontando para a importância das conquistas de direitos jurídicos e de espaços para a apropriação de discursos ligados aos direitos humanos e de direitos sexuais pelos professores.

Felipe Bruno Martins Fernandes (2011), por seu turno, afirma que há uma sintonia entre uma situação global, no que se refere ao combate da homofobia, e uma demanda local,

pela qual os movimentos internacionais e locais fazem circular categorias e pautas políticas de combate à homofobia.

Políticas públicas voltadas à superação das desigualdades relacionadas às pessoas LGBT foram também abordadas por Marcelo Daniliauskas (2011), que avaliou como a temática LGBT tem sido problematizada na agenda da educação. Constatou-se que essa população passa de temas polêmicos para sujeitos de direitos nas políticas públicas de direitos humanos e educação. Dessa forma, as questões sobre sexualidades não heteronormativas são apresentadas com naturalidade e legitimidade e não como questões polêmicas.

Márcia Imaculada de Souza (2011), por sua vez, defende o cumprimento dos programas de governo voltados à inclusão e ao combate ao preconceito, bullying e homofobia como medidas para a redução dos casos de discriminação e homofobia.

Kesia dos Anjos Rocha (2012), ao analisar as políticas públicas adotadas em âmbito federal, investiga a absorção dessas políticas pelos estados e principalmente pelas escolas. Seus resultados demonstram alguns avanços no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual como um direito inerente a todos e um aumento da visibilidade das demandas pautadas pelo movimento LGBT.

Liberato (2012) acrescenta que ONGs ligadas ao movimento LGBT produziram material e cursos de formação com propostas de ações em defesa dos direitos humanos relacionados a essa população. Como conclusão, apresenta algumas reflexões quanto ao papel da educação nesse campo, para a formação de novas lideranças e a capacitação de docentes para lidarem com a temática.

Carreira (2015), por meio de um balanço sobre os dez anos de existência da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) na promoção dos direitos humanos e superação da homofobia e outras desigualdades, por sua vez, constatou “[...] possibilidades de a noção da diversidade constituir uma resposta interseccional às múltiplas discriminações e desigualdades que atingem os sujeitos concretos no cotidiano da vida e, especificamente, nas instituições educacionais” (CARREIRA, 2015, p. 13).

2.6. A escola como espaço de resistência à intolerância

A escola pode ser um local de suporte a discursos que questionem a naturalidade da heteronormatividade, de reflexão sobre as diferentes formas de sexualidades e de inclusão da diferença como parte da diversidade.

Para Foucault (2015), os mesmos dispositivos de poder são também os de resistência. O filósofo também defende que não se deve imaginar que há discursos admitidos e excluídos, dominantes e dominados, mas que na verdade o discurso reforça e também enfraquece o poder: “o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. (FOUCAULT, 2015, p. 110).

Sob essa perspectiva, analisamos alguns trabalhos que dela se utilizam para estudar o contexto escolar na promoção de reflexão sobre sexualidades e homofobia. Alexandre Martins Joca (2008), por exemplo, apresenta as possibilidades para o desenvolvimento de práticas educativas de reconhecimento e de defesa de identidades de gênero e diversidade sexual, propondo uma educação capaz de enfrentar a homofobia ao analisar o processo de formação continuada de professores da rede pública de Fortaleza-CE, realizado pelo Grupo Resistência Asa Branca.

Romper o silêncio em torno da homofobia e reverter a marginalização a que a homossexualidade foi relegada, por sua vez, são as possibilidades indicadas por Jair Bueno de Araujo (2011) a partir do material que seria destinado a todas as escolas públicas, conhecido como Kit anti-homofobia.

Leonardo Tolentino Lima Rocha (2012), por seu turno, descreve iniciativas de enfrentamento à homofobia empreendidas por educadores da rede pública de ensino de Belo Horizonte-MG. Essa pesquisa investiga as articulações teórico-metodológicas em torno da compreensão da homofobia e as negociações que possibilitam projetos de intervenção do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Universidade Federal de Minas Gerais.

Já a partir do conceito foucaultiano de *dispositivo da sexualidade* Marcus Kempes Macedo de Moura (2012) investiga os enfrentamentos diários no campo da educação e cidadania, identificando as relações de saber-poder que têm envolvido questões LGBT positiva e negativamente através de instituições de poder e subjetividade como força de ruptura.

Esse breve relato tratou, assim, das produções acadêmicas referentes à homofobia, em especial, aquela praticada continuamente no espaço escolar.

2.7 Artigos que abordam a temática gênero, sexualidades e homofobia

Em um levantamento no banco de dados da plataforma Scielo, localizamos 16 artigos a

partir dos descritores: gênero, sexualidades e homofobia no ambiente escolar. Posteriormente os classificamos em dois grupos: a) direitos humanos, cidadania e escola como espaço de reflexão e b) violência contra LGBT e homofobia no espaço escolar. Esses artigos demonstram a dinâmica do espaço escolar ao evidenciar que não está imune as questões referentes as sexualidades diferentes da heteronormatividade e da homofobia. Portanto é um espaço que vivencia a diversidade, a violência e local privilegiado para reflexões sobre direitos, cidadania e sexualidades na perspectiva de inclusão e respeito a essas diferenças.

No quadro 3 encontram-se os artigos que justificam a abordagem da temática no espaço escolar, enquanto o quadro 4 contém artigos que evidenciam situações de homofobia.

Quadro 3 – Artigos sobre gênero, sexualidades e homofobia

Direitos humanos, cidadania, escola como espaço de reflexão		
Autor	Título	Ano
BORGES, Z. N.; MEYER, D. E.	Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia	2008
ROHDEN, F.	Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor	2009
DINIS, N. F.	Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência	2011
TEIXEIRA-FILHO, F. S.	Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista	2011
NARDI, H. ; QUARTIERO, E.	Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar	2012
MELLO, L. ; AVELAR, R. B. ; MAROJA, D.	Por onde andam as políticas públicas para a população LGBT no Brasil	2012
HALTMANN, H.	Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente	2013
BASTOS, G. G.; GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A.	A homofobia em discurso: direitos humanos em circulação	2017
SOUZA, E. J. ; SILVA, J. P. ; SANTOS, C.	Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia	2017

Fonte: elaborado pelo autor.

Já os artigos a seguir defendem a pauta LGBT como um ato de cidadania e sob a perspectiva dos direitos humanos, apontando a escola como espaço de reflexão e promoção dessa cidadania mais inclusiva.

Quadro 4 – Violência contra LGBT e homofobia no espaço escolar

Violência contra LGBT e homofobia no espaço escolar		
Autor	Título	Ano
ROSELLI-CRUZ, A.	Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar	2011
ASINELLI-LUZ, A.; CUNHA, J. M.	Percepções sobre a discriminação homofóbica entre concluintes do Ensino Médio no Brasil entre 2004 e 2008	2011
TEIXEIRA, F. S.; MARRETO, C. A. R.; SANTOS, E. N.; MENDES, A.	Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades	2012
TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.	Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hétero e homoeróticas	2012
SALES, S. R.; PARAISO, M. A.	O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo	2013
SOUZA, J. M.; SILVA, J. P.; FARO, A.	<i>Bullying</i> e homofobia: aproximações teóricas e empíricas	2015
SUNG, J. M.	Prosperidade sim, família homossexual, não! A nova classe média evangélica	2015

Fonte: elaborado pelo autor.

Os artigos apresentados nesse subitem foram publicados entre 2008 e 2017 e abordam questões de sexualidades, gênero e homofobia na órbita das instituições escolares, revelando que esse espaço é local de violência, produção e reprodução da homofobia, mas também de reflexão, inclusão, defesa de direitos e exercício da cidadania.

2.8 A homofobia reproduzida na escola

Em estudo descritivo utilizando-se de método survey, Souza, Silva e Faro (2015) verificaram – em uma amostra de 808 jovens de 9 escolas estaduais do município de Aracaju/SE – que a presença de conteúdo homofóbico no *bullying* verbal foi a segunda forma mais recorrente entre os participantes do sexo masculino (20%).

Teixeira, Marreto, Santos e Mendes (2012), por seu turno, analisaram um universo de

2.282 estudantes de ambos os sexos que cursavam as três séries do Ensino Médio em três cidades do interior do oeste paulista e discutiram trajetórias sexuais de adolescentes que mantêm práticas sexuais homoeróticas ou não com foco na questão de *sair do armário* como ferramenta política. Esse estudo chegou à conclusão de que amplos fatores afetam as decisões de jovens não heterossexuais quanto a *sair (ou não) do armário*: além da homofobia, outros eventos pessoais, como histórias de vida e a dificuldade de revelar sua sexualidade aos pais ou a outras pessoas foram abordadas.

Roselli-Cruz (2011), por sua vez, tomou como objeto de estudo o uso do palavrão, que pode gerar violência e até crime de morte na escola. Para ela, muitos professores e familiares relatam a dificuldade em lidar com essas expressões. Segundo a autora, 90% da agressividade do palavrão se referem à sexualidade do ofendido e/ou de sua família, em especial à mãe. Ademais, muitos livros de educação sexual sequer fazem referência à homossexualidade e em nenhum deles encontramos conteúdos sobre o palavrão.

O discurso religioso contribui para aumentar as possibilidades de punição em detrimento à compreensão e à aceitação do sujeito com esse comportamento. Roselli-Cruz (2011) estudou jovens do sexo masculino entre 9 e 14 anos de uma escola pública de periferia com o objetivo de verificar o uso do palavrão, a ofensa e a conotação expressa e entendida, mais especificamente referente a mecanismos de homofobia entre adolescentes na escola, concluindo que a falta de preocupação para com o palavrão contribui para a homofobia e agressividade dentro da escola.

Outro texto analisado também teve como população-alvo adolescentes, estes com idade entre 12 e 20 anos e residentes em três municípios do interior Paulista: Teixeira-Filho e Rondini (2012) buscaram conhecer as associações entre orientação sexual, ideações e tentativas de suicídio. Corroborando pesquisas internacionais, evidenciou-se que os não heterossexuais têm mais chances de pensarem e tentarem suicídio em comparação aos heterossexuais. Todavia, encontrou-se que, dentre o grupo de adolescentes que se assumiram não heterossexuais, os que estão mais vulneráveis são aqueles que se autodefiniram bissexuais e “outros”, os quais constituem o grupo de pessoas menos assumidas dentre essa população. Do mesmo modo, constatou-se que os respondentes apresentam diversas opiniões e valores homofóbicos, sexistas e heterocentrados, o que revela ser o espaço escolar, onde se encontram esses jovens não heterossexuais, bastante carregado de posicionamentos discursivos discriminatórios. Conclui-se que a questão do suicídio é uma problemática de saúde pública e que precisa de atenção quanto à população de jovens não heterossexuais, o que requer abordagens específicas para sua prevenção.

Sales e Paraiso (2013), por seu turno, analisam o processo de produção de subjetividades juvenis na interface do currículo escolar e do currículo do Orkut (rede social). Seu argumento é o de que a sexualidade, pautada na heteronormatividade, é acionada e intensamente regulada nos discursos investigados, tendo como efeito o governo da juventude. Essa regulação se dá por meio da tecnologia da *zooação*, a qual é composta por várias técnicas, como o sarcasmo, a ironia, o deboche, o repúdio, o banimento etc. No caso dos garotos, há nos discursos uma declarada homofobia. Quanto às garotas, a regulação incide sobre a quantidade de parceiros nas práticas de *ficar* ou *pegar*, demandando a ideia de jovem difícil ou fácil.

A discriminação homofóbica no contexto escolar é um problema grave em vários níveis de ensino e está associada negativamente à percepção dos estudantes sobre o ambiente escolar, como asseguram Asinelli-Luz e Cunha (2011). Seu estudo utiliza dados de 6.414.302 discentes com idade entre 16 e 25 anos disponíveis no questionário socioeconômico do Exame Nacional do Ensino Médio, realizado entre 2004 e 2008. São apresentados dados sobre a incidência de três fatores associados à homofobia entre concluintes do Ensino Médio: (1) sofrer discriminação homofóbica, (2) presenciar discriminação homofóbica e (3) admitir homofobia. A análise da associação entre a homofobia e a percepção dos estudantes sobre sua educação revela que aqueles que não relatam terem sido alvo de discriminação homofóbica avaliam sua experiência escolar de forma mais positiva do que os que sofreram essa prática.

Outro problema que acaba repercutindo na escola são alguns valores do fundamentalismo cristão no que diz respeito à homossexualidade. Segundo Sung (2015), dentre a chamada “nova classe média”, um grupo social se destaca por sua atuação social e política em defesa do modelo tradicional de família e contra o casamento de pessoas do mesmo sexo e as relações homoafetivas: os evangélicos da linha da teologia da prosperidade. Seu artigo relata que o conservadorismo moral militante e a adesão aos valores modernos e pós-modernos da cultura de consumo capitalista, por meio da teologia da prosperidade, não são aspectos contraditórios ou um descompasso no processo de modernização desse grupo, mas dois lados de um único processo de afirmação de sua dignidade humana.

2.9 A escola enquanto espaço de reflexão, cidadania e inclusão

O papel do professor ou mesmo a sua resistência quanto ao tema da homossexualidade já havia sido considerado, quando em 1998 foram lançados pelo Ministério da Educação os

cadernos com os temas transversais, especificamente o que versava sobre orientação sexual.

De acordo com os documentos:

Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de orientação sexual (BRASIL, 1999, p. 303).

A escola tem um papel fundamental na construção da cidadania, na defesa dos direitos humanos e no enfrentamento da homofobia, como espaço de resistência, táticas e estratégias. Nessa seara, o Ministério da Educação (BRASIL, 2007) produziu e distribuiu um caderno intitulado: *Gênero e diversidade na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Essa iniciativa foi um passo importante para a promoção do reconhecimento de problemas relacionados à homofobia e ao atendimento a parte das reivindicações do movimento LGBT. Em sua apresentação, os autores justificam o contexto e a necessidade, verificada pelos técnicos do MEC, em abordarem essa temática e fazer chegar às escolas esse tipo de discussão.

A crescente mobilização de diversos setores sociais em favor do reconhecimento da legitimidade de suas diferenças tem correspondido a uma percepção cada vez mais aguda do papel estratégico da educação para a diversidade. Ela é vista como fator essencial para garantir inclusão, promover igualdade de oportunidades e enfrentar toda sorte de preconceito, discriminação e violência, especialmente no que se refere a questões de gênero e sexualidade (BRASIL, 2007, p. 09).

A educação é um direito fundamental garantido nacional e internacionalmente e, para construir uma sociedade democrática e livre de preconceitos, há de se garantir o acesso à educação, como espaço de cidadania, liberdade e diversidade. Todavia, a iniciativa do Estado em abrir espaço para reflexões sobre sexualidades e homofobia nas escolas vem provocando reações adversas.

Sobre o tema, Bastos, Garcia e Sousa (2017), ancorados no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, BASTOS; GARCIA; SOUSA (2017) tem por objetivo refletir acerca da constituição de sentidos sobre a temática homofobia na página do Facebook da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) no período de janeiro

de 2013 a janeiro de 2015, destacando as noções de ideologia e memória discursiva no trabalho de análise. Os autores enfocam a compreensão sobre os efeitos produzidos na inscrição de dizeres acerca da homofobia divulgados nessa página eletrônica oficial do governo e como o Estado adota determinada posição ao inscrever sentidos nos enunciados.

Haltmann (2013), por sua vez, aborda a temática da diversidade sexual a partir das relações com a educação e suas implicações na formação docente no Brasil. A constituição da diversidade sexual como um tema educacional relaciona-se ao combate da homofobia e é precedida de outros focos de atenção, como o onanismo, as doenças sexualmente transmissíveis, a *Aids* e a gravidez na adolescência. Sua percepção como problema social justificou sua inserção nas escolas, estas que têm sido incumbidas de participar da administração da sexualidade. As relações entre sexualidade, diversidade sexual e práticas educativas demarcam limites e possibilidades para a formação profissional, espaço em que esses temas são inseridos com menos frequência do que na educação básica.

Nardi e Quartiero (2012) contribuem para essa discussão ao promoverem uma reflexão crítica sobre o projeto de formação “Educando para a diversidade” realizado pela ONG Nuances na cidade de Porto Alegre/RS e financiado pelo governo federal no quadro de ações do programa “Brasil sem homofobia”. O objetivo foi compreender como se instalam os debates sobre a diversidade sexual no cotidiano escolar, tendo indicado que a ruptura com a visibilidade abjeta que é reservada aos jovens e professores não heterossexuais ou que se desviam da conformidade de gênero e a construção de uma visibilidade ética-cidadã demandam esforço e trabalho contínuo. É a legitimidade da discussão acerca da sexualidade que está em questão, e a possibilidade de ampliar o efeito das ações passaria, segundo os autores, pela criação de um centro de suporte e acompanhamento para as iniciativas dos educadores que realizaram a formação.

Já Rohden (2009) apresenta uma experiência de formação de professores a distância com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a dinâmica dos processos de discriminação na sociedade brasileira, especificamente racismo, sexismo e homofobia. Em seu levantamento, identificou que, de 1.415 inscritos, 1.071 iniciaram o programa e apenas 865 concluíram o curso. Das observações sobre sexismo e homofobia, os cursistas variavam entre debater teoricamente as questões propostas e defender posições pessoais, fazendo menção a dogmas religiosos.

Dinis (2011), por sua vez, parte do conceito de “amolador de facas”, criado pelo psicólogo Luis Antonio Baptista, para discutir alguns aspectos da violência contra estudantes LGBT e a omissão do tema da diversidade sexual e de gênero no currículo escolar como

forma oculta de homofobia e da cumplicidade de educadores e educadoras com essa violência.

Borges e Meyer (2008) propõem-se a analisar os limites e as possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia que tem sido financiada pelo programa “Brasil sem homofobia”, do Ministério da Saúde, e apoiada pelo Ministério da Educação. O objetivo dessa pesquisa foi entender o que os/as professores/as perceberam como dificuldades e problemas relativos a questões vinculadas à sexualidade e à homofobia, que os motivaram a buscar a capacitação no curso e que efeitos essa formação produziu em suas atividades escolares. A metodologia utilizada foram grupos de discussão e entrevistas com professoras que participaram, como alunas, da formação do curso “Educando para a diversidade”. Os principais resultados mostram um recorrente pânico moral que se refere à ideia de contaminação e estimulação de uma sexualidade não hegemônica, acabando por colocar os próprios participantes do curso em uma situação de vulnerabilidade perante a escola, colegas de profissão e familiares.

Também com o objetivo de refletir sobre a efetividade de planos, programas e conferências produzidos e realizados pelo governo federal no processo de construção de políticas públicas para a população LGBT no Brasil, Mello e Avelar (2012) privilegiam quatro documentos que tratam da promoção dos direitos humanos e cidadania dessa população: o “Programa Brasil sem homofobia”, os “Anais da I Conferência Nacional LGBT”, o “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT” e o “Programa Nacional de Direitos Humanos 3”. Os pesquisadores fazem uma análise crítica dessas propostas a partir de um conjunto de entrevistas realizadas com gestoras/es que atuam nas instâncias federal, estadual e municipal e representantes da sociedade civil.

Teixeira-Filho (2011) desenvolveu um estudo do tipo *survey* em 2009 junto a 2.282 estudantes de ambos os sexos que cursavam as três séries do Ensino Médio em três cidades do interior do Oeste Paulista (Assis, Presidente Prudente e Ourinhos), utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário autoaplicável e anônimo com 131 questões. Nesse artigo, reflete-se sobre o quanto os participantes da pesquisa reproduzem e reforçam, no espaço escolar, os discursos hegemônicos de controle das sexualidades pautados na tentativa de fazer prevalecer a heterossexualidade como a única forma de inteligibilidade sexual, em detrimento de outras formas de manifestação da sexualidade. Discute-se ainda como a homofobia e os dispositivos de controle social das sexualidades (re)produzem preconceitos e estereótipos, resultantes em vulnerabilidades que os adolescentes não heterossexuais apresentam, tais como: vitimização homofóbica, isolamentos sociais e afetivos, ideações e

tentativas de suicídio.

O estudo mostra que o fator invariante foram as discriminações, as violências homofóbicas e as injúrias que são perpetradas nos valores e discursos dos adolescentes em situação escolar e familiar, demonstrando a institucionalização da homofobia como prática regulatória da construção social e psicológica de gêneros e identidades sexuais. Destaca-se, finalmente, quão importante é, para a escola, apropriar-se de meios de desconstrução das normativas heterocentradas, visando preservar os direitos e a cidadania de pessoas que não se identificam aos modelos vigentes da heterossexualidade.

Já as representações sociais que educadores/as possuem acerca da diversidade sexual que influenciam a (des)construção de preconceitos na escola foram alvo da pesquisa qualitativa de Souza, Silva e Santos (2017). A partir do universo do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, empregou-se o método de análise de conteúdo na modalidade categorial temática. Os resultados obtidos evidenciaram que as representações dos educadores estão ancoradas em padrões sociais acerca da diversidade sexual, que geram preconceitos sutis e contribuem com a homofobia no ambiente escolar. Portanto, destaca-se a necessidade de (in)formações significativas acerca dessas temáticas, possibilitando aos docentes promover ações pedagógicas que contribuam para o reconhecimento da diversidade sexual.

3. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS E ENTREVISTAS: GÊNERO, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA

Antes de iniciar as oficinas, estive quatro vezes na escola para me apresentar, mostrar o projeto e me ambientar com as pessoas que ali trabalham e com os estudantes. A instituição escolar já aborda questões de gênero e homofobia, uma vez que tanto a direção quanto a coordenação pedagógica estão convencidas da importância desse tema. Minha preocupação era, pois, ser aceito e não visto como uma presença incômoda ou figura intimidadora. Nessa direção, a gestão se sentiu confortável com minha presença, sem alterações em sua rotina.

No que tange à comunidade escolar, alguns alunos foram simpáticos à proposta e ninguém se recusou a participar do estudo. Quanto ao número de participantes, verificou-se uma variação, posto que, apesar de uma maioria de 20 estudantes serem constante, um número ignorado em termos absolutos, mas considerável, não participou de todas as oficinas. Já em relação aos estudantes e professores que colaboraram concedendo entrevistas esse montante foi de duas professoras e oito estudantes.

A escola se localiza em um conjunto habitacional financiado pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) construído em meados da década de 1970 e distante do centro quando do seu planejamento e execução. Posteriormente, o espaço entre o bairro e a cidade foi sendo ocupado de forma desgovernada, ao arrepio dos interesses do município e dos empresários ligados à construção civil que vislumbravam a valorização da área para a especulação imobiliária e viram o espaço ser tomado por ocupações clandestinas, fato esse que leva as pessoas que moram no centro a considerarem essa região como de periferia.

O roteiro das oficinas foi elaborado a partir do que foi produzido por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual, cursos como Educação sem homofobia, caderno *Escola sem homofobia* e outros que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pertencente ao gabinete da Presidência da República. As oficinas foram vetores para a introdução das discussões sobre gênero, sexualidades e homofobia partindo de abordagens consensuais sobre gênero e ampliando para questões menos consensuais sobre sexualidades.

1ª oficina: gênero

Assumi a sala com uma professora que fora substituir o professor de Química que havia me cedido aquele tempo, ela foi convidada a participar e assistiu à apresentação.

Utilizei um projetor multimídia para problematizar a questão de gênero a partir da questão 42 do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015, caderno azul, que apresenta em seu enunciado a seguinte frase de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, ano apud ENEM 2015, p.15). Apesar da polêmica levantada em 2015 por setores conservadores e reacionários da sociedade brasileira, não houve qualquer manifestação ou lembrança desse episódio por parte dos estudantes.

A primeira manifestação da sala foi diante da imagem de uma menina lavando a louça. Essa ilustração tinha por objetivo discutir as representações tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino e a reação de alguns estudantes foi de reafirmarem esse papel. Entretanto, algumas meninas manifestaram que tal atribuição sempre é do mais velho, independente do gênero.

As reações mais intensas surgiram a partir de duas peças publicitárias de lingerie estreladas por *Gisele Bündchen*, que à época foram consideradas sexistas ao afirmarem que “mulheres de lingerie convencem o marido mais facilmente”. Na primeira cena, a modelo comunica ao marido que bateu o carro, vestida de maneira habitual e surge a mensagem “errado” na tela; na sequência, *Gisele Bündchen* aparece de lingerie relatando a mesma situação, mas, apenas com roupa íntima, lê-se a mensagem “correto”. Na segunda peça publicitária, *Gisele Bündchen* como na primeira cena, aparece com roupas normais e comunica ao marido que estourou o cartão de crédito, fazendo surgir na tela a palavra “errado”; num segundo momento *ela* aparece de lingerie e a mensagem “correto”. Nesse momento um rapaz se manifestou afirmando que “mulher não sabe dirigir mesmo”, “tem mais dificuldade que o homem”, o que levou a outras manifestações contrárias, exclusivas de mulheres. Houve também algumas estudantes que concordaram em parte com o comentário dele.

O objetivo dessa atividade era promover uma reflexão sobre os estereótipos atribuídos à mulher e sobre o reforço da ideia de que elas são descontroladas com dinheiro ou mesmo

apenas objeto de prazer. A primeira manifestação foi de uma estudante, que afirmou que para ter uma mulher bonita como a Gisele tinha que investir: “vai falar que ele não gostou de ter uma mulher daquela?”, “ter um corpo daquele custa caro”. Outras falas femininas contrariam o objetivo proposto para análise, primeiro afirmando que a mulher da propaganda poderia ter estourado o próprio cartão, que ela trabalhava e portanto não caberia a crítica sobre os estereótipos e reiteraões do papel atribuído à mulher. Outra aluna se reconhecia como esbanjadora.

Alguns estudantes que acompanharam atentamente a exposição e as discussões não se manifestaram, demonstrando concordância e sintonia com o tema abordado e com os anunciados para as demais oficinas, que totalizaram seis encontros.

Durante a enunciação do tema sexualidades não heteronormativa, tema da próxima oficina, foi utilizado um trecho de desenho animado do canal *Nickelodeon* Brasil intitulado “*The loud house*” no qual há um episódio em que aparece os pais homossexuais de um dos personagens que, portanto, vive em um núcleo familiar homoafetivo. O desenho tem classificação etária livre e já era conhecido por muitos estudantes da sala. Durante a exposição da cena de uma família homoafetiva, uma estudante saiu da sala sem permissão, o que deu tom de afronta à ação. Contudo, nenhum colega se incomodou ou demonstrou desconforto com essa atitude.

Ao final da oficina, quando estava desmontando o equipamento, um estudante fez um discurso informal desqualificando a luta por igualdade de gênero e repetindo frases que circulam nas redes sociais de caráter sexista, como: “quero ver servir o quartel”, “carregar saco de cimento elas não querem”, “em uma tragédia como do Titanic as primeiras a serem socorridas são as mulheres e as crianças”. Esse fato reforça nossa percepção de que a escola precisa participar mais ativamente dessas discussões, selecionando textos e propondo reflexões que permitam uma crítica a esse tipo de posicionamento.

2ª oficina: sexualidades diferentes da heteronormatividade

Antes do início da oficina, tive a oportunidade de montar o equipamento multimídia no horário da aula de Educação Física que antecedeu o intervalo. Desse modo, durante o intervalo, muitos estudantes ficaram na sala de aula e tive a oportunidade de me aproximar deles enquanto testava o som do equipamento. Deixei a exposição de alguns vídeos do canal de youtube *Porta dos fundos*, como o intitulado “O mundo está muito chato”, que versava sobre sexismo, machismo e homofobia. Assim que terminou o intervalo os demais alunos

foram entrando, sendo que alguns demonstravam certa ansiedade pelo início da oficina a ponto de ir ao pátio convocar os que demoravam a retornar para a sala. Um dos últimos a entrar me cumprimentou com polidez e exclamou que teríamos outra oficina sobre “ideologia de gênero”. Essa colocação não é despreziosa ou ingênua: esse aluno sabia o que estava falando, tinha informação suficiente para distinguir estudos de gênero e sexualidades de ideologia de gênero. Retomarei essa questão para uma análise mais aprofundada após descrever a segunda oficina.

O objetivo dessa 2ª oficina foi problematizar as relações sexuais diferentes da heteronormatividade e apresentar a diversidade das relações afetivas e sexuais. Iniciei o encontro fazendo uma distinção entre sexo e gênero, pois, apesar de existirem outras teorias contestando essa distinção, ela me pareceu a mais apropriada para uma apresentação inicial, o que não implica que outras não serão abordadas. Concluí a apresentação afirmando de maneira simplificada que sexo é biológico e gênero é cultural e social. Na sequência, foi problematizada a questão da sexualidade a partir da afirmação de que, em muitos casos, sexo, gênero e desejo divergem da heteronormatividade.

A primeira manifestação veio a partir do relato do caso de Christine McGinn² que, tendo nascido com as genitais do sexo masculino e sido fuzileiro naval na guerra contra o Iraque no início dos anos 1990, hoje é uma mulher e está casada com outra mulher. A primeira pergunta que surgiu foi: “se gosta de mulher, por que não continuou homem então?”. Houve relativa resposta de outros participantes que concordavam com essa visão e um princípio de confusão, desconcentração e desinteresse da turma. Quando retomei o controle e reestabeleci a dinâmica, um estudante colocou em questão se transexuais homens possuíam prótese peniana e como essa prótese funcionava? Essa pergunta tumultuou a sala e os demais demonstraram desinteresse pela pergunta e também pela explicação sobre redesignação do sexo genital, o que culminou em certo tempo mesmo por desinteresse pela própria oficina.

A sala retomou o interesse com a apresentação de um vídeo de música de uma banda norte-americana chamada *Munford & Sons, Hopeless wanderer*, que contém uma cena que apresenta um beijo entre dois homens. Na sequência, anunciei que apresentaria uma atração nacional quando uma estudante que prestava muita atenção e demonstrara simpatia pelas duas oficinas disse: “se for da Pablo Vitar eu saio da sala”. Tanto essa afirmação quanto a do início, quando um estudante afirmou que teríamos uma oficina sobre ideologia de gênero são muito importantes.

² NOGUEIRA, P. H. Q.; D'ANDREA, A. C. E. **Juventudes, sexualidades e relações de gênero**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

Isso porque o termo ideologia de gênero é utilizado pelos detratores das políticas públicas de combate à homofobia, é uma tentativa de sufocar as discussões sobre gênero, sexualidades e homofobia. Eles pretendem impor e consolidar seu ponto vista e estabelecer uma hegemonia, impedindo e dificultando um debate amplo e honesto sobre o tema. Ao mesmo tempo, procuram impedir os estudos de gênero, sexualidades e homofobia nas escolas por meio de projetos de lei como o *Escola sem partido*, utilizando todos os espaços possíveis para espalhar pânico moral, cativar a opinião pública e expor uma visão distorcida sobre essas questões. Atuam preventivamente, ou seja, “vacinam” a população contra esses estudos.

A estratégia de criar pânico moral e mobilizar a opinião pública contra o avanço das pautas sobre cidadania, direitos humanos e inclusão da demanda LGBT é também observável na atuação de pastores midiáticos, como Silas Malafaia, do pastor e deputado federal Marcos Feliciano, padre Paulo Ricardo e nos cultos televisivos disponíveis em diversos canais de TV aberta e também por assinatura. Em comum, todos se referem a esses estudos como ideologia de gênero, o que, segundo Rogério Junqueira em palestra no evento *Ciclo de Debates: (De)marcando Diferenças*, realizado no dia 12 de julho de 2017 no auditório da UFMS, é um dispositivo reacionário surgido no início dos anos noventa no interior do Vaticano e conta com colaboradores de diversos países, dentre eles o Cardeal alemão Joseph Ratzinger, que viria a se tornar o Papa Bento XVI.

Assim, quando um estudante utiliza a terminologia ideologia de gênero, evidencia que em outros espaços sociais, em outras instâncias, ele teve contato com esse conteúdo, produzido especificamente para travar ou dificultar o avanço das discussões no campo da promoção e da inclusão da demanda LGBT. Nesse termo está embutida a estratégia de ridicularizar e estigmatizar os estudos de gênero como promotores da destruição da família, dos valores cristãos, investindo-se então no fortalecimento da naturalização dos padrões heteronormativos. Isso evidencia a urgência de a escola participar dessas discussões, pois mesmo não sendo oficialmente parte do currículo escolar, essas questões invadem o ambiente escolar e requerem tratamento adequado. É justamente essa demanda, omissão ou atraso da escola que se evidencia na fala da aluna quando pontua: “se for o Pablo Vitar eu saio da sala”.

Uma sala de aula é sempre heterogênea e o professor está constantemente frustrando expectativas, subestimando o aluno ou ignorando a dificuldade daqueles que ainda não foram iniciados em uma determinada discussão. O fato de a estudante mais atenta às oficinas se manifestar dessa forma revela o quanto estava sendo frustrante a ela as obviedades do que estava sendo posto e discutido, tanto que seria óbvio que o próximo vídeo clipe – problematizador – seria da midiática “Pablo Vitar”. Ela certamente tem contato com a

temática LGBT em outros espaços sociais, onde as discussões já estão em um nível mais avançado ou provavelmente mais radical do que as que foram propostas nas oficinas. Na música, nas novelas, nos desenhos animados, nas redes sociais e na internet as discussões estão muito presentes, existem canais LGBT no Youtube, páginas na web e há disponibilidade de produções científicas sobre o tema. Assim sendo, transitam na mesma sala duas concepções – para tratarmos somente os exemplos expostos – distintas sobre a temática LGBT e ambas à revelia da educação escolar.

A reivindicação do espaço escolar como suporte para reflexões sobre estudos de gênero, sexualidades e homofobia é de fundamental importância para o desenvolvimento de políticas públicas que se contraponham a conceitos conservadores, religiosos e até mesmo da indústria cultural ou dos interesses do mercado consumidor.

No dia 03 de junho de 2018, na *Parada do Orgulho LGBT* em São Paulo, havia dois canais no Youtube com transmissão ao vivo da ação. Além da infraestrutura necessária para a transmissão, o evento contou ainda com um estúdio que acomodava seis participantes e a presença de diversas personalidades do universo LGBT: tudo isso possibilitado pelo site de vendas on-line Mercado Livre e outras empresas que patrocinaram o evento, como a Uber, a Skol e a Doritos. Essa apropriação da pauta LGBT por empresas ou Estados foi objeto de reflexão de Berenice Bento.

Entre a Rua 34 e a Quinta Avenida, eu tentei acompanhar o desfile LGBT. Era possível ver milhares de gays e lésbicas desfilando, usando seus corpos para exibir as identidades visuais das empresas em que trabalhavam (camisetas, uniformes completos, brasões, bandeiras...). Eu nunca tinha visto nenhum trabalhador exibir com tanto orgulho o pertencimento a uma empresa. [...] Uma pesquisa sobre a composição da Parada de Chicago confirmou o que a minha sensibilidade visual já denunciara: 132 carros alegóricos pertenciam a empresas [...]. Afinal, a Parada da diversidade sexual transformou-se em um grande ato político em homenagem ao capitalismo. (BENTO, 2017, p. 36-37)

Bento (2017) nos relata ainda como o Estado de Israel se utiliza da temática LGBT para dar legitimidade aos atos de violência e opressão contra os palestinos. É justamente pela multiplicidade de conteúdos, conceitos e crenças em torno das questões LGBT, sejam elas reacionárias, conservadoras, religiosas ou empresariais, favoráveis ou contrárias, que a escola não pode se eximir dessa discussão.

Os estudantes estão em contato com essa realidade e, apesar de a atração musical brasileira anunciada na oficina não ter sido Pablo Vitar, mas um clipe da música *Flutua*, de

Johnny Hooker com participação de *Linniker* – que denuncia a homofobia e anuncia a possibilidade de viver em um ambiente de convivência harmonioso entre sujeitos de todo tipo de sexualidade, inclusive a hétero – ter atendido a expectativa da estudante atenta, não evitou um burburinho no fundo da sala carregado de insinuações homofóbicas e de um certo constrangimento. Ao interferir, um dos que haviam participado do burburinho demonstrou ter prestado atenção à oficina, repetindo algumas das reflexões daquele dia, mas certamente afetado por outras concepções menos progressistas sobre gênero, sexualidades e homofobia.

3ª Oficina: homofobia

O objetivo dessa oficina foi promover uma reflexão sobre a homofobia e os diferentes níveis de violência que esse conceito contempla. Iniciamos com a apresentação do vídeo *Le parcours*, produzido pela organização *Inter-LGBT*, com sede na França, e que mostra em pouco mais que dois minutos o desconforto e o sofrimento de alguém submetido a esse tipo de violência. No término do vídeo, uma estudante demonstrou grande empatia pelo conteúdo, no que foi acompanhada por outros. Na sequência, a homofobia foi relacionada à heteronormatividade, reflexão um pouco mais complexa e com capacidade de gerar reações diversas.

Alguns estudantes concordaram com a arbitrariedade de se estabelecer o tipo hétero de relacionamento como normal e com a ideia de que a anormalidade era indissociável à normalidade, de modo que a homofobia é entendida como uma violência praticada contra quem injustamente fora classificado como anormal. Outros participantes da oficina ficaram confusos com a reflexão e não esboçaram nenhuma manifestação, enquanto alguns sentiram que essa abordagem continha em si algum tipo de ameaça à sociedade.

Os estudantes que se incomodaram com a desnaturalização da heteronormatividade não elaboraram nenhum argumento: limitaram-se a debochar e a ridicularizar o tema. Todavia, eles estavam limitados e sem argumentos, apesar de haver grupos produzindo argumentos para aqueles que se dispõem a cerrar fileiras contra os estudos de gênero, sexualidades e homofobia e também contra as políticas públicas que esses estudos e a militância LGBT vêm pleiteando.

Segundo Junqueira (2017), os discursos antigênero surgiram no interior da Igreja Católica, mas hoje são apropriados por evangélicos e por grupos políticos, gestores públicos, parlamentares, juristas. Dentre seus principais formuladores, estão a jornalista e ensaísta norte-americana Dayle O’Leary, o monsenhor francês Tony Anatrella, a teóloga alemã Jutta

Burgraff, a jornalista estadunidense Marguerite Peeters, a escritora alemã Gabriele Kuby, entre outros. Sair da esfera religiosa tem sido uma estratégia para esse discurso auferir legitimidade, o discurso anti-gênerovem recorrendo aos meios acadêmicos, principalmente à Biologia, buscando base científica para a naturalização da heteronormatividade.

Durante a exibição de uma reportagem produzida pelo programa *Câmara Ligada*, da TV Câmara, sobre homofobia a partir de depoimentos de estudantes que presenciaram ou sofreram alguma prática homofóbica, o clima da sala mudou e a empatia ficou dividida: dessa vez os indecisos se posicionaram, com adesão maior aos que já vinham manifestando alguma recusa às reflexões propostas.

O comportamento dos estudantes nesta oficina variou entre a empatia, verificada após a exibição do primeiro filme, e um posicionamento ambíguo que continha empatia e rejeição. A empatia esteve condicionada ao nível de sofrimento e de injustiça que se percebia no cotidiano da personagem, ao passo em que a desnaturalização da heteronormatividade era rejeitada e desprovida de qualquer relação com a homofobia. Havia limites para discriminar e para reconhecer as causas da homofobia: intolerância contra a violência extremada e falta de reconhecimento das sutilidades que envolvem essas questões.

Dos participantes, um grupo disperso não se manifestou, mas diferente dos demais, estes não constituem uma unidade. Esses alunos têm dois comportamentos distintos: uns são atenciosos, prestam atenção à discussão e outros não se envolvem. Estes ocupam o tempo com outras atividades escolares ou com as redes sociais, disponíveis em seus celulares.

Ao final da oficina, solicitei aos participantes que escrevessem a respeito de três questões: i) já percebeu atitudes homofóbicas na escola? ii) Qual a postura da escola quando ocorre alguma ofensa contra estudantes homossexuais? iii) Qual sua opinião sobre assuntos relacionados a gênero, sexualidades e homofobia na escola?

Durante a elaboração das questões, não fiz qualquer pressão para que respondessem, qualquer intimidação ou uso de autoridade. O grupo que se manifestou durante a oficina contra a afirmativa de que a homofobia esteja ligada à ideia de heteronormatividade não redigiu nenhuma resposta; os alunos que não se envolviam nas discussões orais, mais ocupados com as redes sociais, também não redigiram nada, enquanto 7 de um total de 24 estudantes entregaram por escrito suas respostas.

Na sequência reproduzimos, como foram grafadas, as 7 respostas as 3 perguntas que elaboramos na sequência em que foram elaboradas. Respostas a pergunta: i) Já percebeu atitudes homofóbicas na escola?

- Não, na escola.

- Sim, diversas vezes.
- Sim.
- Na escola eu nunca percebi.
- Sim, várias vezes.
- Sim, porém, não somente de estudantes caçoando de outros estudantes, mas também professores sendo caçados por alunos.
- Sim, porém muitas pessoas fingi que não acontece.

As respostas dos estudantes para a segunda pergunta, foram: ii) Qual a postura da escola quando ocorre alguma ofensa contra estudantes homossexuais?

- Nunca presenciei um ato de homofobia na escola, mas tenho certeza que a postura do professor vai ser ignorar.
- Fingi que nem estão vendo.
- Na maioria das vezes passa “despercebido”. Ninguém toma uma atitude.
- Bom, como eu nunca presenciei uma atitude homofóbica aqui na escola eu não sei responder com toda certeza, mas acho que eles não se metem.
- Normalmente eles não sabem lidar com a situação.
- A maioria defende o ofendido porém alguns “brincam” também com o homossexual.
- Bom, pelo menos aqui os professores quando ocorre algo desse tipo eles encaminham para a direção.

A seguir as respostas dos estudantes a terceira pergunta: iii) Qual sua opinião sobre assuntos relacionados a gênero, sexualidades e homofobia na escola?

- Deveria haver mais projetos sobre o assunto.
- Acho importante pois as pessoas adquire mais conhecimento sobre o assunto, e por mais difícil que seja pode abrir a mente de pessoas que não aceita.
- Na escola deveria ter mais palestra para a conscientização. Deve haver respeito entre as pessoas independente de sua raça, religião, situação financeira e orientação sexual.
- Bom cada um tem sua orientação sexual e cabe a cada um de nós respeitar uns aos outros.
- Eu concordo que esse tema seja abordado e discutido na escola.
- Acho que os assuntos ser mais aprofundados. Pois ainda com pequenos projetos na escola, a maioria leva os estudos na brincadeira, e simplesmente o ignora.
- Muito bom porque assim aprendemos um pouco mais.

Desses, todos eram a favor da abordagem de estudos de gênero, sexualidades e homofobia na escola, destacando a necessidade de o ambiente escolar se situar de forma ativa nesses assuntos. 5 haviam presenciado atitudes homofóbicas contra estudantes, inclusive houve um relato de práticas homofóbicas contra professores. Quanto à postura dos professores diante de práticas homofóbicas, 4 estudantes afirmaram que os professores ignoram ou sequer percebem a homofobia; 2 afirmações indicam que o caso foi bem encaminhado e 1 que os

professores não sabem lidar com esses casos.

4ª Oficina: respeito às diferenças

Enquanto montava o equipamento multimídia, duas estudantes tentavam me explicar a diferença entre feminista e feminina. Segundo elas, as feministas eram muito radicais, queriam impor seus argumentos “goela abaixo”; as femininas, categoria na qual se enquadravam, defendiam os interesses da mulher sem radicalismo ou manifestações vulgares. Perguntei o que achavam sobre a homossexualidade e a resposta foi semelhante: disseram que era inaceitável a discriminação, mas “eles [homossexuais] não podem exagerar”, ficar se impondo. Disse a elas que tinha interesse em ouvi-las e que se manifestassem nas discussões promovidas pela oficina.

O objetivo dessa oficina foi abordar a diferença como um direito, afirmando que a escola pode desempenhar um papel importante no reconhecimento desse direito e na convivência com as diferenças. Afirmar que uma estratégia utilizada contra aqueles que defendem esse direito é desqualificá-los ao invés de debater, estigmatizar essas discussões como destruidoras da família, familiofóbicos, homossexualistas, gayzistas, feminazis, heterofóbicos, cristofóbicos, entre outros. Outra forma era simular que não há problema ou se apresentar, também, como vítima de preconceitos reversos. Para ilustrar essa ideia utilizei o vídeo *O mundo tá chato*, do canal do Youtube *Porta dos fundos*, que apresenta um personagem machista, homofóbico e racista se lamentando das reações de indignação ao seu comportamento, o que o leva ao desabafo diante da indignação dos colegas de trabalho de que o mundo está muito chato e intolerante com ele.

A reação da turma foi de concordância, que de fato o comportamento do personagem era inadequado e inaceitável. O aspecto do vídeo que motivou mais comentários foi quanto ao racismo e o comportamento patético de racismo reverso encenado pelo personagem, o que na minha percepção foi importante para a compreensão do ponto de vista que havia apresentado a eles no início da oficina. Se a ideia, a princípio, apesar de não ser complexa, estava abstrata demais para ser compreendida, esse vídeo foi capaz de dar materialidade ao nosso argumento.

Reforçando o papel da escola no reconhecimento da diferença e na aproximação entre os diferentes por meio da convivência como fator importante para superação de preconceitos, apresentamos o vídeo *Encontrando Bianca*, que faz parte do *kit anti-homofobia* e que foi motivo de polêmica entre setores conservadores da sociedade brasileira, estigmatizado como

kit gay. A história exibida no referido vídeo dividiu a opinião da turma quanto ao uso do banheiro feminino por uma transexual e houve manifestações contrárias quanto ao fato de que a separação de banheiro entre meninos e meninas estava superado. O compartilhamento do banheiro e a troca de sorrisos entre as personagens Bianca e outro estudante foi mote para insinuações, piadinhas e posicionamentos ambíguos e vacilantes quanto à temática.

Ao final da oficina, propus aos estudantes que respondessem por escrito duas questões: a) por que é difícil para muitas pessoas aceitarem o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo? b) Por que se diz que os (as) heterossexuais são normais e as demais orientações e manifestações da sexualidade são desvios de caráter ou pouca vergonha? O que você acha disso?

Como o tempo da oficina já havia terminado, minha expectativa era de que ninguém responderia. Ao retornar à sala, porém, três estudantes entregaram suas respostas. Estas, relativas à primeira pergunta, foram transcritas e são apresentadas a seguir:

1ª Por que o nosso país em si é machista e não compreende que duas pessoas do mesmo sexo não pode ser feliz e constituir um família normal em termos leigos, este é um dos grandes problemas que estas pessoas passam diariamente.

2ª Por que quando eles veem ou descobrem uma coisas dessas elas não sabem lidar só sabem rejeitar por causa que o próprio preconceito leva a ele uma maneira de aceitar.

3ª Porque a maioria da sociedade acha que só existe um relacionamento saudável se caso as pessoas forem do sexo oposto.

As respostas à segunda pergunta seguem a mesma sequência e estão reproduzidas com fidelidade quanto à forma como foram redigidas:

1ª Não acho, porém não concordo com isso mais respeito e tento que compriender que outras pessoas podem ser feliz mesmo sentando com pessoas do mesmo sexo.

2ª Não, por que nascemos todos iguais, escolhemos vivermos da maneira que quisermos independente se vamos escolher homem ou mulher para viver uma familia e se independente se vai ser aceito pela sociedade ou não.

3ª porque a sociedade acredita que somente os heteros são pessoas qualificdas para uma sociedade normal. Bom eu acho que todos deveria respeitar um ao outro independente da sexualidade.

Pelas respostas vê-se o reconhecimento do preconceito como dispositivo de regulamentação e condicionamento de comportamentos na sociedade, que pode ser superado

ou reproduzir práticas homofóbicas. A noção de que a heterossexualidade se define em oposição à de homossexualidade e de que esse binarismo está intimamente ligado aos juízos de normal, de saudável e de anormalidade, degeneração, atribuídas aos comportamentos homossexuais, também estão presentes nas respostas. Na verdade, a ideia de anormalidade e de que o comportamento homossexual seja uma espécie de “doença” incurável esteve presente na oralidade daqueles que demonstraram empatia com a questão das sexualidades não heteronormativas.

5ª oficina: Gênero e ruptura

O objetivo dessa oficina foi provocar uma discussão e reflexão sobre estudos de gênero a partir de um vídeo que mostrava a forma pela qual duas mulheres negras romperam os papéis históricos e culturalmente atribuídos às mulheres e a partir desse vídeo estender a discussão sobre outras rupturas como o não reconhecimento automático entre sexo biológico e gênero.

Os estudantes aparentavam cansaço e apatia, não demonstraram entusiasmo em relação a essa oficina e o mesmo pode-se dizer em relação as aulas regulares, como relatou o coordenador e um professor que me antecedeu. Após assistirem um vídeo sobre o a trajetória da cantora Elza Soares e da judoca Rafaela Silva, não emitiram qualquer reação, não foram provocados. Diante da inercia desses estudantes, pedi que estes respondessem três perguntas sobre gênero, por escrito.

Esses estudantes não se envolveram com a oficina, as manifestações contrárias ou favoráveis eram pontuais sem qualquer envolvimento apaixonado, muito diferente do que ocorre nas redes sociais. Entre os alunos não houve defesa ou ataques as questões de gênero e sexualidades, essa oficina foi marcada pela indiferença.

Os posicionamentos mais efusivos são dos polos, entre aqueles que são contra e os que são a favor, porém a maioria não se envolveu com nenhum dos polos.

Indagados sobre gênero e sexualidade, explorei duas questões, a primeira foi: o que você entende sobre estudos de gênero? Para essa questão obtive por escritos três respostas de alunos diferentes em uma sala com 17 estudantes. As respostas foram:

1º É muito importante pois mostra a diversidade e que todos merecem respeito.

2º Acho que serve para entendermos sobre o próximo e respeitá-los.

3º Para mim é quando você começa a estudar e entender um modo de vida de outras pessoas ao redor. É quando uma pessoa se vê ou sente atração por aquilo que “achamos errado”, as pessoas ainda continua sendo digna de respeito e de tratamento igualitário.

A segunda pergunta indagava se o estudante era contra ou a favor dos estudos de gênero e os mesmos alunos apresentaram as seguintes respostas:

1º A favor pois merecemos estar atentos a tudo

2º Sou a favor pois é um assunto que abrange várias coisas, todos devem pensar o mesmo sobre o próximo, que é: respeitar. Tirando a parte que é superinteressante a aula.

3º Sou a favor pois ainda no tempo de hoje muitos vem o gênero diversificado como coisa de outro mundo, portanto, isso é mais que normal e todos deveriam respeitar a identidade de gênero de todos.

Pela quantidade de estudantes que responderam as questões foi possível constatar que a maioria não se interessou em apresentar sua opinião por escrito. De certa forma, por escrito somente uma minoria se pronunciava, mas nessa oficina, ao contrário das demais, não houve manifestações durante a apresentação do vídeo e a participação durante os grupos de debates ficou abaixo das expectativas e de outros debates que ocorreram em outras oficinas. Outro aspecto que gostaríamos de salientar são as respostas que nos parecem estarem mais preocupadas em agradar os pesquisadores e a universidade do que refletir sobre esses problemas.

6ª oficina: Um debate e uma avaliação

A sexta e última oficina tinha por objetivo avaliar as discussões realizadas em sala por meio de grupos de debates. Solicitei que os estudantes favoráveis e contrários apresentassem seus pontos de vistas sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia. Os poucos que se manifestaram, manifestaram a favor e apresentaram argumentações humanistas. Uma minoria contrária ancorou seu discurso em valores religiosos, em narrativas de condutas

homossexuais inverídicas ou em tom de deboche.

Nessa oficina a minha participação, ao contrário do que aconteceu nas outras ocasiões, não era central, não havia conteúdos ou vídeos para ilustrar conceitos ou desencadear discussões. Os estudantes favoráveis fizeram um esforço para manter um debate, mas em poucos minutos já não havia argumentações a serem levantadas ou sustentadas.

É importante salientar que essa temática, apesar de ser abordada pela escola, não demandou do interesse dos alunos, assim como as oficinas. No caso das oficinas, os alunos aceitaram participar, mas também não havia essa demanda e a falta de interesse foi crescendo a ponto de não ser possível distinguir esse desinteresse do desinteresse generalizado em relação a qualquer outro conteúdo regular abordado em sala de aula.

Não houve maior interesse e o que mais chamou atenção foi a indiferença dos alunos em relação a essa temática. Esses desinteressados constituem maiorias e acredito que são fundamentais no desenvolvimento de abordagens sobre gênero, sexualidades e homofobia na medida que não se opõem a esse tipo de estudos.

Se compararmos com os acalorados debates que ocorrem nas redes sociais, se faz necessário demarcar aqueles que mesmo estando nas redes, não participam dessas discussões. Seria interessante compreender esse comportamento na medida em que essas discussões parecem não afetarem essas pessoas. Por não afetarem entendemos as pessoas que se omitem das discussões e ignoram os apelos dos dois lados em disputa. Nas oficinas essas pessoas foram constantes, não se envolveram nas discussões e não se comprometeram com nenhum dos posicionamentos assumidos em sala, fossem eles de empatia ou rechaço.

O comportamento desses estudantes aparentemente apáticos que nos incomodou nas duas últimas oficinas, e nessa em especial, é um dado interessante. Nenhum deles foi contra, todos aceitaram participar livremente das oficinas, não demonstraram qualquer compromisso com os estudantes ou professores contrários a esse tipo de abordagem na escola e, portanto não se constituem em obstáculo contra os estudos de gênero, sexualidades e homofobia.

3.1 Um encontro no trabalho de campo: apresentação da EJA sobre sexualidades

Enquanto observava o movimento apressado dos estudantes pelo pátio da escola, um dos coordenadores me comunicou sobre a apresentação de trabalhos desenvolvidos naquele semestre por alunos e professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos) que tinham como tema as sexualidades não heteronormativas e me estendeu o convite para assisti-las.

Assim que terminei uma oficina, passei para o pátio interno, onde os estudantes da EJA apresentavam um seminário. A primeira apresentação foi da estudante Nylene: fiquei impressionado quando a ouvi falando com desenvoltura sobre um conteúdo extenso que definia conceitos de gênero, transgêneros, homossexualidade e identidades Queer. A estudante citou *Simone de Beauvoir*, passando por *Foucault* e *Judith Butler*, utilizando a experiência da própria gravidez para exemplificar o que havia aprendido em relação às expectativas sobre o sexo da criança e como estava claro para ela que antes mesmo de o filho nascer já havia preestabelecido um comportamento normativo do que era ser menino e menina e que hoje ela recebe críticas por deixar comprido o cabelo do filho, visto que isso é característica de meninas.

A segunda apresentação foi feita em dupla: assim que iniciaram a apresentação sobre a dificuldade que homossexuais assumidos têm de arranjar emprego, uma das estudantes assumiu diante de todos que era lésbica. Na sequência, utilizaram um vídeo que mostrava as dificuldades das travestis em se inserirem no mercado de trabalho, os conflitos com seus familiares e a vida na “pista”, gíria para prostituição.

Em outra apresentação em dupla, uma das estudantes também se identificou como lésbica e falou com muita propriedade sobre o caso de um príncipe indiano – Manvendra Singh Gohil – que enfrentou forte preconceito em seu país após assumir que era gay. Ela também falou dos preconceitos existentes e em alguns momentos chegou a se emocionar. A outra estudante iniciou sua apresentação afirmando que era hétero, evangélica e contrária à discriminação e ao preconceito. Ela utilizou o próprio evangelho para justificar o quanto as pessoas preconceituosas estavam equivocadas sobre a vontade de Deus em relação aos homossexuais. Por um lapso, utilizou a palavra homossexualismo, imediatamente corrigiu e disse que o termo era errado e que havia aprendido que a palavra está relacionada à ideia de doença, que não deve ser utilizada e que o correto seria homossexualidade.

Ao término das apresentações, alguns professores fizeram algumas perguntas ou colaborações, enquanto outros tentavam verificar junto aos estudantes se essas questões não passavam de modismo. As perguntas foram prontamente respondidas pelas estudantes, entre elas uma das que se assumiu lésbica resolveu fazer um desabafo sobre as grosserias, insinuações e preconceito que a incomodavam na escola.

O planejamento, o desenvolvimento e a culminância dessa temática na EJA foi objeto de muita disputa e insistência dos professores envolvidos. Não faltaram críticas de estudantes e docentes. Inclusive, durante a apresentação, um policial que faz ronda nas imediações e no pátio da escola chamou um dos coordenadores e o diretor adjunto para expressar seu repúdio

ao conteúdo da apresentação, afirmando que aquilo era um absurdo e indagou por que estavam falando de gay na escola.

Antes que os estudantes fossem dispensados, o coordenador fez questão de responder em público os questionamentos privados do policial, reafirmando a importância daquela temática e a autonomia da escola em abordar assuntos como esses, tão pertinentes a nossa realidade.

3.2 Em uma roda de conversa com estudantes

Após uma apresentação sobre sustentabilidade, conversei com sete estudantes que haviam apresentado um seminário sobre sexualidades e homofobia. Em formato de roda de conversa, eles falaram sobre preconceito e sobre a resistência de estudantes e professores em relação ao tema. Dentre eles, duas estudantes eram homossexuais e se identificaram como lésbicas. A sétima participante chegou posteriormente e será apresentada a seu tempo no decorrer da transcrição da conversa. Os todos os nomes são fictícios.

Pesquisador:- Eu vou pedir para que vocês se apresentem, tudo bem? Ontem, duas de vocês se posicionaram publicamente como homossexuais, e os demais? Como se identificam? Se for incômodo não há necessidade de se posicionar quanto à sexualidade. Vocês poderiam se apresentar?

–Bianca, me identifico como lésbica.

– Eu também, sou homossexual, meu nome é Hérika com H e k, uma burocracia (risos)

– Bárbara, sou hétero.

– Aline, hétero.

– Nylene, com Y. Sou hétero.

– Roberto, hétero.

Hérika: – O único homem.

Roberto: – O resto não quis participar!

Aline: – É o preconceito.

Hérika (olhando para o extenso roteiro de perguntas): – Essas são as perguntas? (risos).

Pesquisador:- O que vocês acham dessa temática? É importante a escola se envolver com esses estudos (sexualidade e homofobia)?

Hérika:- É sim, tipo! Ele aborda um assunto que acontecem na escola, viu. Eu já sofri isso (discriminação, homofobia), ela já sofreu.

Bianca: – Hum, hum! Eu não.

Hérika: – A Angélica já sofreu isso, só que ela faltou. Isso acontece dentro da escola, só que ninguém vê, toma providência. A gente abordou esse assunto pra poder dar uma luz, uma claridade pras pessoas enxergar que aquilo... (interrompida).

Nylene: – Professores que chegaram a trabalhar com a gente também chegaram a sofrer preconceitos por estar abordando esse tema. Muitos professores, mesmo dentro da escola, acham que é desnecessário esse tema para todo mundo aprender.

Roberto: – Muitos alunos também.

Bianca: – Alguns alunos chegaram a falar: “nossa, cês vão apresentar isso dentro da escola? Vai falar desse tema dentro da escola?”.

Hérika: – Eh! Até hoje eu nunca vi isso na escola, alguém abordar esse tema.

Roberto: – Muitos alunos não quiseram nem participar da aula ontem.

Bianca: – Existe preconceito até da escola sobre esse tema.

Hérika: – Você pode ver que terça-feira, dia da apresentação, os (alunos) que tinha foram embora.

Diante da narrativa desses sujeitos, notam-se, pois, relatos que evidenciam uma resistência à temática que trata de sexualidades e homofobia. Não só os alunos, mas também os professores reagiram à iniciativa dessa abordagem, o que tem inúmeras motivações, mas podemos afirmar que todas elas partem do princípio da heteronormatividade. Essa normatividade do comportamento hétero está intimamente relacionada à construção da homossexualidade como um comportamento anormal.

Tomemos como exemplo a invenção da homossexualidade como categoria clínica, um fato que, segundo Foucault (2015), ocorre apenas em meados do século XIX. De certa forma, podemos afirmar que não era possível ser homossexual antes de meados do século XIX ou que não havia homossexuais antes desse período.

As práticas homossexuais sempre existiram, mas não a concepção de que elas, por si só, definem uma identidade homossexual ou um comportamento estigmatizado como anormal ou mesmo uma doença. Por exemplo, haviam práticas homossexuais na Grécia antiga, mas elas não eram uma questão em si, não se classificavam as pessoas a partir de suas preferências sexuais por indivíduos do mesmo sexo ou do sexo oposto. A moral cristã que classificava a sodomia no mesmo patamar que a traição, a cobiça, passou a hierarquizar o comportamento homossexual como mais deplorável que outros. Quanto às tentativas de interdição dessa temática, parece-nos que fazem parte do jogo de poderes aos quais estamos sujeitos.

Cabe ainda destacar que esse tipo de reação invoca imperativos proibicionistas e pouco eficazes quando observados a longo prazo e nos ajudam a entender o comportamento de estudantes e professores quanto à abordagem da temática LGBT na escola, ao mesmo

tempo em que fica evidente a empatia de estudantes e professores em relação ao mesmo tema.

Aline:- Eu tava falando com a (professora) Margot, porque eu me identifiquei, eu sou evangélica e enquanto eu estava sentada, esperando a minha vez de apresentar teve um colega que começou: “você tem que mostrar a bíblia, você tem que mostrar isso, tem que mostrar aquilo”; só que ele esqueceu que Jesus pregou o amor e independente de credo, de gênero, de qualquer coisa. Então assim, eles focam muito na questão da sexualidade, mas esquecem de muitas outras coisas que tem, divórcio, que é condenado. Eles parecem que estão insatisfeitos com a sexualidade deles, porque quando você está satisfeito com a sua sexualidade, a do outro não te interessa.

Bianca:- É que na verdade a sociedade já é acostumada a julgar a pessoa antes mesmo de conhecer, igual se a pessoa, vamos supor, do jeito que ela se veste, do modo que ela se veste, se não se identifica com o meu jeito, meu modo de ser, eu me sinto no direito de julgar ela, mas eu acho que as pessoas precisam ter mais consciência sobre isso.

Pesquisador:- No caso da Aline e da Nylene, vocês tiveram uma empatia pela causa.

Nylene:- Na verdade, igual eu dei meu depoimento, eu passei por isso com meu filho porque meu filho, ele tem dois anos, eu nunca cortei o cabelo dele, mas eu nunca achei que eu estaria numa posição que eu teria que privar ele de ter contato com menina. Igual, ele tem uma prima, que é a única prima que ele tem, se eles vão brincar de boneca, se eles vão brincar de carrinho, se eles vão brincar de panelinha eu não ligo, deixo ele brincar porque ele é criança. Igual eu falei, ele vai decidir o que ele vai ser, o modo dele agir a partir do momento que ele se entender por gente.

Pesquisador:- A Aline é evangélica... e esse espaço é... há um pastor, ele é Batista, no Rio de Janeiro e ele tem um posicionamento contrário a homofobia e há outro como o Malafaia que tem uma fala mais dura, você não se identifica com ela?

Aline: Não. Porque...(interrompido pela professora Margot que nota a ausência de uma estudante e se prontifica a convidá-la)...(Risos) (Bianca reivindica a palavra para dar sua opinião sobre a temática na escola).

Pesquisador:- A Aline estava dizendo que não se identifica com esse discurso mais (interrompido pela resposta da Aline).

Aline: -Não, eu não gosto de nenhum discurso de ódio, independente de qual seja, acho que cada um tem o direito de ser livre e fazer o que quiser da sua

vida, até porque na bíblia diz que as pessoas serão salvas pelas obras, né! As pessoas esquecem de ler a bíblia, elas vão muito pelo que o pastor diz, elas esquecem de ler e compreender o que realmente está escrito. Então! Tem muito homossexual aí muito melhor que muito crente que tá dentro da igreja ali, ocupando o lugar e fazendo ruindade pros outros, vamos dizer assim. Então, eu não concordo com esse discurso de ódio.

A manifestação de homofobia explícita e utilização da moral cristã, de fundamentação bíblica para a discriminação é um recurso amplamente utilizado seja por evangélicos ou não. Outras formas de discriminação são também manifestação de autoafirmação da heteronormatividade.

Há também uma relação hierárquica na relação entre héteros e homossexuais, sejam aqueles que se valem do evangelho ou não, a relação é de superioridade de quem se considera normal em relação aquele considerado anormal cujo pecado é perdoado ou cuja falha é aceita. Respeito nesse caso não é uma relação horizontal, mas hierárquica e de concessão ou seja, o respeito seria concedido pelos heterossexuais o que colocaria os homossexuais numa relação de subordinação.

Esse discurso exacerbado e proibicionista é, por ser muito evidente, o que chama atenção, porém é na relação hierárquica entre aqueles que aceitam, perdoam ou veem como desvios os comportamentos homossexuais que encontramos os dispositivos de poder de regulamentação ou gestão das sexualidades. Portanto esse discurso pretende ter o poder de definir limites ao comportamento homossexual.

Há uma nova reestruturação do discurso sobre a homossexualidade, diferente do discurso de personalidades como Silas Malafaia que operam no sentido que entendemos como poder soberano, esse atua como poder disciplinador que opera por intermédio de um discurso capaz de produzir comportamentos e menos pela repressão desse comportamento. O tom pode ser mais ameno que de Malafaia, mas a intenção é a mesma, disciplinar.

Pesquisador:- E você Bianca?

Bianca:- Sobre a temática na escola? Eu sou uma pessoa muito reservada, independente da minha opção sexual, eu sou uma pessoa reservada. Por mais que eu gosto de uma pessoa do mesmo sexo que eu, eu achei quando, no dia que escolheram o tema e foram para fazer o tema, a única pessoa homossexual da sala sou eu. Então já determinaram eu pra tá apresentando, quando eu cheguei, como diz o ditado popular, o circo já estava armado.

Igual eu falei pra Margot: “isso pra mim vai ser uma prova, eu sou uma pessoa muito reservada”. Eu sou um tipo de pessoa que literalmente ..., nós não precisamos da escola para estar expondo uma coisa que deveria vir de casa, se os pais conhecessem, se os pais passassem pros filhos: “olha as coisas não funcionam assim, o mundo não é só seu, as vezes não são só pra você, não tem só você aqui” as coisas não precisavam estar no ponto que está agora, porque querendo ou não, quem estava na frente apresentando e tendo a visão dos outros colegas via as risadinhas e chacotas. Quando eu disse: “eu sou? eu pareço que sou?” O pessoal disse não, “mas então, eu sou” ai falaram: “ah, deve ser travesti”. Da onde eu tava eu pude ver, porque eu falo LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) então eu tenho uma percepção muito boa dos lábios. Então o senhor pensa, querendo ou não você pesquisou, mas quando chega na hora vem o bendito branco e aquela ansiedade de fazer, o seu nervosismo vai as alturas. Então teve uma hora que eu tava falando me deu um branco porque eu prestei atenção no que o colega falou. Então, é uma temática forte, é uma temática que deveria ser com os pais juntos e... não é que foi ruim, mas também não é que foi bom, isso. Porque há quem tem a mente aberta e vai ver da forma que nós quisemos passar e há quem vai ver aquilo como uma ofensa, uma desavença.

Bárbara:- Por isso que colocaram o pessoal do EJA, um pessoal mais velho, já tem uma maturidade mais diferente e mesmo assim...

Aline:- Você não viu, mas teve gente que pediu pra ir embora, você via eles no portão saindo, indo embora por causa da temática. Quem observou, foram os evangélicos a maioria que pediu pra ir.

Hérika:- Eles foram embora porque não concorda com a temática.

Pesquisador:- Chegou mais uma estudante, colega de vocês que participou do trabalho. Como é que você se chama?

- Bianca.

-Agora temos duas Biancas, é Bianca de que?

- Bianca Barros (B. Barros)

Hérika:- E também teve assim, igual, lá na minha sala ninguém quis fazer o trabalho, “ai, eu não vou apresentar isso, que isso aí eu não concordo”.

Bianca:- E na minha sala o que aconteceu! O pessoal ajudou? Ajudou. Só que assim, eu não sofro preconceito porque eu não deixo chegar as coisas em mim, eu finjo demência. Porque é sério, eu finjo demência, porque assim, não vai servir nada pra minha vida, não vai agregar.

A apresentação pública do tema sobre sexualidades e homofobia foi um momento tenso, não só pelo nervosismo de apresentar em público, mas pelo teor da temática. As demonstrações de homofobia incomodaram os estudantes, fossem eles homossexuais ou não. Apresentação serviu ainda para que os estudantes percebessem o nível de recusa que envolve o tema. Sentiram incomodados em ver como professores e estudantes são refratários ou indiferentes.

Pesquisador:- vocês sentem que há um clima homofóbico.

B. Barros:- Bianca; Hérika; Aline; Nylene: Sim, tem.

Bianca:- Só que assim, por eu ser líder da sala eu cheguei pro grupo e falei: “o negócio é assim, o ano passado no trabalho MS 40 (Projeto fomentado pela Secretaria de Educação em comemoração dos 40 anos de criação do Estado de Mato Grosso do Sul) valeu nota, ninguém ajudou, quem fez foi a professora e eu, e eu que acabei apresentando pro pessoal da SEMED” (Secretaria Municipal de Educação, provavelmente ela queria se referir a SED, secretaria responsável pelas escolas estaduais). Então eu cheguei pra Margot e falei: “eu vou pedir pra cada um, tema por tema, pra cada um fazer sua pesquisa e me entregar, eu vou fazer o favor de sentar, ler uma por uma pra gente ta podendo fazer isso e apresentar”. Teve quem fez de livre e espontânea vontade e disse “eu vou fazer, isso vai ser importante pra você”. Não, não acho isso ser importante pra mim. “Isso vai ser importante pra você, eu vou te ajudar”, tranquilo cara, fui peguei. Teve gente que se interessou em fazer a pesquisa, teve gente que se interessou em colocar as próprias palavras ali, então eu achei muito bonito isso, mas tem um clima assim, a minha sala tem um clima muito forte.

Pesquisador:- Em qualquer momento, ou só quando vocês começaram a abordar esse assunto?

Bianca:- Em qualquer momento, em qualquer momento. Porque eu sou uma pessoa muito hiperativa, eu falo muita asneira mesmo, mas assim brincando para descontrair, porque eu não moro em Campo Grande, eu moro no interior e venho. Então o senhor pensa, eu saio da minha casa 3:30 (PM) eu tenho que ta saindo de casa para ir pro ponto, eu moro em Corguinho (município). Então eu passo 11 horas fora de casa, então o senhor pensa! Se eu ficar o dia inteiro assim centrada, eu surto. Eu sou muito hiperativa, eu consigo prestar atenção, escrever aqui e prestar atenção ali, escutar lá, então eu tenho uma percepção da sala inteira. Quando eu tô assim eu já começo a

ver as palhaçadas.

Apesar da estudante Bianca se negar o papel de vítima, a temática trouxe a tona a inconveniência de sua identidade homossexual, que tal como ela diz, por sua discrição ela pouco sente demonstrações de homofobia à exceção dos dias que antecederam e durante a apresentação. Demonstra consciência de que existe homofobia e que em cidades pequenas sua situação é pior.

Pesquisador:- Você sente que é diferente Corguinho pra Campo Grande na questão do preconceito? Onde é mais difícil?

Bianca:- Lá, lá é mais difícil. Eles são muito recatados, são muito fechados, assim... por conta de ter muitas pessoas de idade e lá só tem... muita igreja, muita religião. Só que assim, eu não sou uma pessoa de ficar andando pra cima e pra baixo, não faz o meu tipo, eu sou uma pessoa de ficar dentro de casa e na casa dos parentes, todos eles materno e paterno desde que eu me assumi, todos me acolheram de uma certa forma. São evangélicos, são pessoas que frequentam a igreja, são da Batista, mas nunca, nunca viraram pra mim e falaram “ta repreendido em nome de JESUS” (risos), nunca falaram isso. A minha vó é missionária, a minha vó chegou pra mim e disse: “filha, Deus deu o livre arbítrio, você faz da sua vida o que bem entender porque na hora do juízo final é você e Deus, enquanto você tiver nessa caminhada da tua vida não preste atenção nos que vão estar do seu lado porque sempre vai ter – qual que é teu foco, qual que é seu objetivo, o que você quer pra você - se é isso que você quer você vai embora, não olha pro lado não porque os outros vai ser sempre os outros” e isso me engrandeceu muito desde então. E quando eu me assumi pro meu pai, Pro meu pai foi mais difícil.

Pesquisador:- Você tem namorada?

Bianca:- tenho, tenho namorada, é de Corguinho.

Pesquisador:- A Hérika, também tá namorando?

Hérika:- Não, graças a Deus (risos).

Aline:- A Hérika tem o dedo podre pra mulher (risos).

Hérika:- Muito dedo podre, mesmo (risos).

Bianca:- É colega, eu tenho um print aqui. Tô brincando (risos)

Hérika:- O print é minha vida (risos).

Os valores religiosos e a família são recorrentes na fala da estudante Bianca que procura se comportar de modo a não escandalizar a família ou dar motivos para manifestações homofóbicas. Importante observarmos que quando a estudante fala do preconceito ela o justifica mencionando a igreja e a religião, locais das manifestações mais explícitas de homofobia por ela percebida, outras manifestações mais sutis não são relatadas.

Pesquisador:- E vocês que são héteros, vocês também percebem essa questão da homofobia?

Bárbara:- eu ainda percebo muito porque eu conheço ela (Bianca) faz nove anos.

B. Barros:- Eu também percebo porque eu tenho uma prima, ela sofreu muito preconceito até da família, a família inteira por parte de mãe; o pai dela mesmo ignorou. Poucos da família apoia ela, poucos. Da pra contar nos dedos os que apoiam ela, até a mãe dela no começo ignorou, fechou a cara pra ela, botou ela pra fora de casa.

Hérika:- Eu já fui diferente já, quando eu me assumi eu só quis assumir pros meus pais mesmo, o importante era eles saberem, entendeu? Não me... eu já tinha já aquela decisão, eu não me importo com a opinião dos outros não, que se fodam! Ninguém tá me sustentando, ninguém tá pagando minhas contas, entendeu? Até hoje chega tio meu e pergunta: “cadê teu namorado?” Que namorado, meu filho? (risos).

B. Barros:- Mas no seu caso (Hérika) seus pais aceitaram, no caso da minha prima lá, as únicas que deram apoio foi eu e outra prima minha.

Nylene:- Eu me identifico mais porque eu tenho bastante amigos homo, bastante mesmo. Homo, bi, trans...sexual, entendeu?

Aline:- Eu vou te falar, eu prefiro uma amizade homossexual que pode ser bem mais verdadeira que esses héteros aí.

A estudante Hérika leva tudo na esportiva, sempre apresenta seu ponto de vista e ri das situações, todos tem alguma relação de contato próximo com homossexuais: primos, amigos, tios. Nos relatos sempre surge situações de atitudes homofóbicas e violência explícita como agressões e expulsão de casa.

Pesquisador:- E você Roberto?

Roberto:- Quando a professora Margot..., na verdade ela colocou o tema na sala, né! e... pro pessoal e logo a Nylene, nos dois somos tipo assim, nós

somos os que vem mais nas aulas. Os outros também vem, mas nós é que temos mais conteúdo e tal, e tá sempre focado e logo ela falou: “Roberto, vamos fazer nois dois”. E eu, tipo assim “hã! Como assim?” No começo eu fiquei até meio assim, porque querendo ou não, dentro de casa meu pai é muito católico e eu não vou mentir, ele é muito preconceituoso com essas coisas e não tem como você discutir com o seu pai, né! Não dá, entendeu? A gente só (re)leva, porque pai é pai e não pode fazer muita coisa e eu... aceitei, né. Não consegui, vamos supor, focá muito no assunto porque eu tive uns probleminhas, mas eu falei pra Nylene: “Nylene, eu vou fazer o que eu posso, vou pesquisar, vou montar os slides e você só apresenta e ela falou, tá bom” porque ela não tem computador e tal, e eu ... final de semana, falando com a Margot, pesquisei, coloquei “ta bom ?” “ta errado, tira isso, põem aquilo” trouxe pra ela, entendeu? Foi bem bacana porque eu aprendi muita coisa que eu não sabia que existia, né!

Pesquisador:- E o conteúdo de vocês ficou extenso, eu estava assistindo e vocês falaram muita coisa.

Roberto:- Era muita coisa, cara! Muita coisinha pequena, mas importante, tinha que ir colocando isso, colocando aquilo e não sabia e eu disse: “Nylene eu não vou dar conta de apresentar”.

Pesquisador:- E vocês aprenderam coisas que não sabiam?

Nylene:- Pra mim a novidade ali foi o assexuado, igual eu falei eu tenho bastante convivência com bi, com homo, com trans, com travesti, eu tive bastante convivência, eu tenho até hoje, só que o assexuado é igual eu falei: “a sociedade é que impõem pra gente se a gente vai ser homem ou mulher”, o meu filho vai ser o que ele quiser quando ele crescer, eu não acho que as pessoas tem o direito de falar: “ah, você vai ter que ser homem ou vai ter que ser mulher”, igual hoje em dia, nos tempos modernos as pessoas vai ter que falar se você vai ter que ser homo ou vai ter que ser hétero e você vai ter que decidir, agora o assexuado não, ele é totalmente diferente, ele...se... não sente atração por nenhum tipo de gênero, ele é feliz com ele mesmo.

Hérika:- Graças a Deus, eu queria ser assim. (risos)

Pequisador:- Vocês acham que essa empatia que vocês tem pelo tema, essa ausência de preconceitos a que se deve? Que espaço que vocês frequentam, vocês acham que foi importante para essa sensibilidade que vocês tem com essa questão?

Bianca:- Eu quis, eu realmente, quando eu vi tudo aquilo, eu achei assim, pelo fato d'eu..., eu não ando de mão dada, eu não beijo na frente de

ninguém, nem na frente dos meus familiares, eu não frequento locais públicos agarrada, nem nada desse tipo. A minha namorada se o senhor vê, não vai achar que é também, porque ela é totalmente feminina, você acha que é amiga, acha que é amiga, mas eu sou desde os 11 anos, agora tenho 21 então faz horinha que eu estou nessa carreira (risos).

Pesquisador:- Mas você percebeu aos 11 anos?

Bianca:- Foi estranho porque na verdade eu não percebia nada, eu sempre fui..., minha mãe sempre foi uma mulher que sempre me colocou pra fazer muitas coisas, pra estudar, pra fazer muitas coisas então eu nunca tive aquele tempinho pra falar: “ah, eu estou apaixonadinha”, não! Quando eu vim pra'ca, p'ra..., eu vim p'ra Campo Grande porque minha mãe tava gestante e nisso eu conheci minha primeira namorada, até então eu não sabia o que era gostar, o que era ficar, eu não tinha esse conhecimento até porque eu morava no interior e lá não tinha essas coisas, então eu não sabia. Quando essa menina, ela se apaixonou por mim, ela começou a conversar comigo, mandava... dava chocolate, ficava tentando me conquistar, eu achava estranho aquilo, mas eu pensava...

Aline:- Ela é mais velha que você?

Bianca:- Mais velha, agora ela tem 24 anos e eu ficava assim, “meu Deus porque que essa gurua...” e eu achava que ela era super minha amiguinha, aí um dia ela chegou em mim e falou: “Bianca, eu quero ficar com você”, eu disse: “você tá ficando doida?”, ela falou assim: “mas eu estou apaixonada por você, Bianca” e eu fiquei olhando...

Hérika:- A sua ingenuidade, dela ser tão sua amiga não te fez olhar p'ra ela de um jeito diferente, então ela era tua amiga.

Bianca:- Foi. Aí ela ficou assim, até que a gente acabou se beijando e uns três dias depois a gente conversando por SMS eu olhei assim e falei: “tô apaixonada” e depois disso a gente ficou 6 anos juntas.

Roberto:- Posso te perguntar uma coisa p'ra você? Você não sente, como é que eu posso te dizer?...

Bianca:- Curiosidade?

Roberto:- É, curiosidade ou sei lá, atração? Ficar com um homem?

Bianca: Já fiquei, já tentei, mas não deu certo.

Nylene:- A minha cunhada foi a mesma coisa, ela sempre quis, ela sempre teve um namorado homem pr'a mostrar, não só pr'a mostrar pr'a família, mas até então ela não tinha se assumido p'ra ela mesmo.

Hérika:- A pior coisa na minha vida, foi uma experiência horrível... foi uma

experiência horrível!

Aline:- Eu tenho um tio, ele deve ter, ta beirando uns 60 anos, ai eu até falei p'ra Margot, todo mundo da família sabe que ele é, mas como na época o preconceito era muito grande, o que ele fez? Ele entrou num seminário, entrou num seminário, ele é muito estudado, ele é professor de música, mas não deu certo, aí o que ele fez? Ele casou, só que ele tinha um acordo com a mulher dele, ela era lésbica e ele era gay.

Bárbara:- Que interessante!

Aline: Ele fez isso p'ra ser aceito pela sociedade. Aí faz uns quatro anos que ela morreu e eles tiveram dois filhos e assim, ele sente muito a morte dela e a minha tia que tem mais contato falou assim, que hoje ele se assumiu, só que os irmãos dele, meu pai é um desses, falou assim que não aceita.

Pesquisador:- Aline, você acha que esse fato contribuiu para que você tivesse essa sensibilidade?

A Aline:- Sim. E eu conheço muitas pessoas, eu já tive um comércio que ia casais héteros, casais de lésbicas, casais de gays e eu brinco muito e falo assim “ as meninas sentavam assim”... como elas falaram, elas pareciam duas amigas, os meninos também eu sentava e brincava com eles. Os casais heteros que iam, eles eram mais promíscuos, eles, p'rum ambiente que você tá comendo, eles eram, eles desrespeitavam, mostravam muito mais que os casais homo.

Nessa passagem acima, o estudante Roberto reconhece que sua família é bastante homofóbica e o quanto é difícil falar com o pai, outra coisa é que todos acham que as novas gerações são mais tolerantes e mentes abertas para lidar com essas situações. O fato de terem parentes e amigos próximos homossexuais foi um fator decisivo para se esforçarem contra a discriminação. Quando indagadas sobre a orientação de seus desejos as duas estudantes que se identificam como lésbicas afirmaram que já tiveram relações heterossexuais, mas não foi uma experiência agradável. A estudante Bianca incorporou um comportamento discreto para não sofrer com discriminações homofóbicas, valoriza a sua feminilidade e de sua namorada além de apresentar um discurso ancorado num ideal romântico, semelhante aos ideais de romantismo consagrados pela família tradicional. A questão moral também é muito presente, esse fato revela como esses relacionamentos estão envoltos em questões morais, destacando que os homossexuais foram elogiados em função de seu comportamento contido e justamente por isso, superior aos heterossexuais que não se comportaram de maneira decente. A decência

é, portanto um valor decisivo, revela uma cobrança maior dos homossexuais que para serem aceitos teriam que atender essa expectativa e melhor ainda se a superarem.

Bianca:- Nossa! O ano passado eu tive uma discussão muito feia com uma professora que não está mais exercendo a profissão nessa escola, mas que foi muito ridículo o que aconteceu, a gente, nós estávamos na sala e ela entrou, toda vez que ela entrava, ela entrava com um tema desses que está passando na TV e eu sou muito desfocada de televisão, não gosto de saber de notícias. Então ela chegava e ficava com um tema, esse dia ela chegou e eu tava terminando um outro trabalho e ela começou a falar bem assim p'ros alunos: “você viram a nova lei que saiu?”, aí os alunos que assistem TV falaram: “aí, vi sim. A senhora viu?”, que é uma das pessoas que eu tenho desavença na sala, “aí, eu vi sim professora, achei bem feito, tinha que acontecer isso mesmo” o tema era que proibiram ter, é..., ter relação..., é... ficar, beijar na praça de alimentação do shopping. Então ela falou: “isso vai ser bom p'ros homossexuais”. Não, ela falou: “isso vai ser bom p'ra'queles viados” aí eu peguei e fiquei olhando assim, né! “porque é falta de respeito”, ela é católica, “falta de respeito, imagina se seu filho vê uma coisa dessas?” aí uma menina virou p'ra ela e falou assim: “professora, eu já fui na UCDB levar meu filho para fazer fisioterapia, entrou uma menina vestida de menino e meu filho perguntou o que era e ela virou p'ro meu filho e falou assim: “a tia é uma menina, mas a tia gosta de se vestir de menino, porque a tia se sente bem”, aí eu achei isso muito fofo porque tem quem respeita muito o próximo”. A professora olhou pra mim e falou assim: “graças a Deus a gente não precisa ficar vendo essas coisas repugnante” aí a professora virou p'ra mim e falou bem assim: “você também acha isso indignante?” Eu que já estava a flor da pele disse: “acho indignante uma professora de arte, sabendo da cultura, chegar numa sala de aula e expor um depoimento vindo pela senhora mesmo, pelo que a senhora acha. A senhora não está se importando pelo que os outros pensam, não? A senhora como católica acha que isso é certo? A senhora não lê a bíblia? Eu acho que a senhora está muito errada, a senhora devia olhar os seus conceitos e ver muito bem o que a senhora está falando. Eu, como homossexual posso denunciar a senhora por causa desse preconceito que a senhora acabou de fazer dentro da sala de aula porque a senhora fica generalizando as coisas, a senhora não acha que é isso? Ela abriu o olho deste tamanho e eu sai da sala de aula porque eu fiquei tão

indignada que até o Marcos (coordenador) veio conversar comigo e tudo mais que eu falei que não tem condições de eu entrar em sala com uma professora dessas, ela tem que saber o público que ela tá lidando e como ela vai por o pé dela e como ela vai levar isso adiante porque ela entrar na sala de aula e fazer um questionamento desse foi feio.

Pesquisador:- Esse argumento que você usa, você acha que, em que espaço você foi acumulando esse conhecimento para se defender ou expor um outro ponto de vista?

Bianca:- Com a minha família, a minha família nunca deixou nada acontecer, nunca deixaram vim nada de fora, minha família me apoia (voz embargada de emoção) muito.

O incidente ocorrido em sala de aula, segundo a estudante revela que a escola não é um espaço imune a questões referentes a sexualidades e homofobia, de certa forma o assunto invade a sala de aula, trazido por estudantes ou como nesse caso por uma professora. A Bíblia e a religião serviram de apoio à aluna externar sua indignação e condenar o comportamento da professora alegando que estaria em desacordo com os valores cristãos. Um aspecto a ser considerado é o fato de ser oriunda de uma família cristã, evangélica que teve um comportamento mais civilizado ou menos traumático em relação a sua sexualidade, fez com que a família e a compaixão fossem importantes para ela a ponto da estudante se emocionar quando fala da família. Ao que parece, a estudante não tem a dimensão de que essas questões ao serem trabalhadas numa perspectiva de direitos, inclusão e cidadania, são qualitativamente superiores à posição subalterna de quem necessita da compaixão alheia para não ser agredida.

B. Barros:- Olha eu já sofri preconceito, porque tipo assim, eu fui muito... desde muito tempo, desde que eu me conheço por gente eu ia jogar bola, futebol, saía de porrada com os meus dois irmãos, tipo coisa que homem gosta, Sabe? Eu me vestia igual o homem veste, sabe? Usava short grande, até no meu primeiro aniversário de 15 anos meu irmão teve que me segurar porque, porque eu ia dançar, não sabia dançar e meu irmão falou: “pisa no meu pé p'ra dançar”. Porque eu não sabia dançar, aí todo mundo ficou “ai, você é sapatão, você é sapatão” Eu não sou sapatão, porque eu gosto de futebol, eu gosto de coisas de homem então até na minha sala às vezes eu sinto preconceito. Olha eu sou a única que joga bola, eu sou a única que participo, eu sou a única que vou atrás, eu sinto preconceito na minha sala lá, tanto que se tem alguma pessoa (inaudível) eu olho p'ra cara dela e falo:

“você tá com algum problema comigo, chega na minha cara e fala” mas eu não sou (sapatão).

Nylene:- O problema do ambiente escolar é isso, as pessoas hoje em dia não tem a capacidade de chegar na outra e tirar suas dúvidas, ela coloca na cabeça dela que é isso e sai espalhando para o mundo e o fundo.

Bárbara:- É igual à professorara Margo fala, a pessoa tem opinião formada, ela vê uma pessoa falar e sai falando também.

B. Barros:- Aí o que acontece? Eu com 15 anos não tinha namorado, minhas primas, todo mundo tinha ea B. Barros ia fazer o quê? Eu pegava a minha chuteira colocava nas costas e metia p'ra quadra (risos).

Roberto:- Igual ela falou o ensinamento tem que ser dentro de casa, mas muitas vezes o ensinamento dentro de casa vem errado. Entendeu? O pai e a mãe ensina a pessoas a falar isso, errado.

Hérika:- Mas é que elas são antigo, né? As coisas vão mudar na outra geração, é que nem eu tava falando esses dias, a geração que vai mudar mesmo é a nossa, que vai mudar a cabeça, tipo, das outras pessoas, entendeu? Que é desde cultura, é antigo, vem, vem, vem de berço, só que a nossa geração agora é mais mente aberta.

O caso da estudante B. Barros indica a vigilância constante a que estamos submetidos, a preocupação em atender a normatividade hétero foi uma constante em sua infância e adolescência. Se sentia pressionada a comportar-se de acordo com os papéis atribuídos ao gênero feminino ao ponto de arrumar namorado para dirimir as desconfianças da família quanto a sua sexualidade. Segundo estes estudantes, essa cobrança é típica da geração de seus pais, fruto de uma formação marcada pela preocupação e expectativa quanto ao enquadramento do jovem à heteronormatividade. Porém a vigilância em sala de aula, relatada pela estudante B. Barros evidencia que a nova geração continua reproduzindo os mesmos comportamentos de vigilância e enquadramento.

Pesquisador:- De onde vocês acham que estão vindo essas ideias (de reflexão sobre sexualidades e indignação contra a homofobia)?

Nylene:- A minha mente se abriu depois que eu tive filho.

Pesquisador: são as redes sociais, elas tiveram alguma influência?

Hérika:- Ah! Vem de sempre, né! A convivência social com as pessoas, entendeu? Aí você vai conhecendo, conhecendo e você vai vendo.

Roberto:- Eu, antigamente eu tinha muito preconceito, eu não tenho

vergonha de te falar. Eu não conseguia falar com gay ou qualquer um, eu tinha mesmo. Uns dois anos atrás eu estava estudando, eu conheci... eu tive um amigo, eu não sabia que ele era gay e com o tempo a gente conversando e eu descobri que ele é gay, e daí para cá eu conversando com ele eu fui vendo que... cara é normal. É igual eu falei, vem de casa, o pai e a mãe, eles falam que isso é errado, entendeu? Às vezes a criança cresce não sabendo o que, que é certo, o que, que é errado, entendeu? Acham que aquilo é um monstro, sabe?

Hérika:- É o que eu falei, é a nossa geração que vai mudar.

Bianca:- Quando eu passei aquele vídeo lá, quando eu passei aquele vídeo eu chorei literalmente porque eu sou muito chorona. Isso, a da travesti de 15 anos que o pai e a mãe... tipo assim, querendo ou não eu senti muito a dor dele porque eu não tive isso, entendeu? Meu pai e minha mãe não falaram aquilo p'ra mim. Realmente, a primeira vez que eu assumi para minha mãe, para os meus avós maternos, quando eu fui para o lado dos meus avós paternos eu disse: “ah, quando eu fizer 18 anos eu conto”. Quando eu fiz 15 o meu pai acabou descobrindo por acaso, porque ele ligou no meu celular, minha mãe atendeu e falou: “ah! Tá com a mulher dela lá na frente” (risos) minha mãe não viu que era o meu pai e o meu pai: “como assim?”, meu pai me ligou e falou: “a gente precisa conversar” Ai meu Deus, eu vou apanhar eu pensei. Não é que eu tema ele, mas é que eu tenho muito respeito por ele porque eu e minha mãe a gente é mais aberto, conversa mais. Aí meu pai chegou e falou assim para mim: “quer dizer que você está namorando?” “então pai, eu já até casei” no caso é amigar, né? E ele falou assim: “e quando que você ia falar para mim, você não sabe que para você vir para o mundo precisou de mim para tar no mundo?” Aí eu falei assim: “ah, pai porque...” aí eu comecei a chorar, né! E ele falou: “não precisa chorar, eu queria que você me contasse, filha. Independente de qualquer coisa, se você fosse uma prostituta, se você fosse dona de cabaré, se você fosse drogada, se você dona da boca, eu ainda continuaria sendo seu pai e vou te amar e Honrar pelo que você é não pelo que você faz” daí quando ele falou isso eu, nossa, eu desmoronei.

Hérika:- É, eu sou que nem ela também, eu sou que nem ela eu não fico com ninguém na frente dos meus pais ou de alguns familiares, agora eu me solto mais quando eu tô entre amigos, quando eu tô na bagunça ali, aí.... (risos).

acadêmicos, mídias tradicionais, centros culturais, existem grupos organizados e atuando em redes sociais, organizando debates públicos, disponibilizando materiais na internet, o número de espaços sociais LGBT também aumentaram, mas estes estudantes não identificam tais espaços como locais de aquisição de narrativas ou reflexão sobre essas questões de sexualidades e homofobia. A família e a experiência de vivenciar uma situação de homofobia ou de sexualidade divergente da heteronormativa é que foram apresentados como decisivos nos seus posicionamentos em relação a essas questões.

A estudante Bianca reafirma a importância da família e a forma como o pai, a quem pretendia revelar sua orientação sexual após completar 18 anos, lidou com essa revelação, que segundo o relato, foi fruto do acaso e um descuido da mãe. A expectativa era de que o pai teria uma reação dura ao ponto dela acreditar que iria apanhar, mas sua reação por telefone foi diferente do que esperava, fazendo com que se sentisse acolhida. É interessante observar que ao reafirmar que seu amor pela filha era incondicional, passou a apresentar algumas condições como prostituta, usuária e/ou traficante de drogas como correlatas ao fato de ter uma filha lésbica. O comportamento dessas estudantes lésbicas é de não chocar os familiares por isso afirmam que mantêm discrição e apesar da família saber de suas preferências sexuais, não se sentem a vontade para demonstração pública de afeto.

Pesquisador:- Essas questões sobre sexualidade, esse posicionamento de vocês, vocês não de convir que o posicionamento de vocês é diferente da maioria porque a gente vive numa sociedade homofóbica e vocês fizeram uma apresentação, só que antes dessa apresentação vocês já tinham uma noção ou este estudo teve alguma coisa que chocou vocês ou que contribuiu e ajudou de certa forma?

Bianca:- Olha quando eu comecei a fazer a pesquisar, eu sentei na sala de tecnologia e comecei a pesquisar porque assim, por mais que eu sou, eu sou muito reservada então a vida alheia nunca me interessou. Quando a Margot falou assim: “ah! Eu preciso que você pesquise, vamos ver sobre os travesti” aí eu pensei que eles vão na rua porque precisam de trabalhar, né? Eles vão na rua porque querem dinheiro e eu sempre tive convivência também com pessoas que são, só que eu nunca perguntei porque que você trabalha na rua, entendeu? Então quando eu fui ver o depoimento deles e eu fui ver que eles iam para rua porque eram expulsos de casa, porque realmente não tem nenhuma lei que fala que tem que ter um homossexual trabalhando, quando eu pesquisei eu vi que é muito pouco percentual de empresas que contratam

homossexuais, quando eu li tudo aquilo, assim, quando eu vi tudo assim literalmente eu disse: “meu Deus que mundo é esse?”

Bárbara:- Ela lendo, ela disse: “nossa, olha isso aqui! Olha isso!” E a gente via sim, a indignação dela, a gente pesquisou, a gente foi fundo no assunto, era muita coisa que a gente não sabia.

Hérika:- O que eu mais me surpreendi foi o Brasil sair como menos tolerante na aceitação, o que tem mais preconceito.

Nylene: Normalmente as pessoas fazem uma fantasia do Brasil e todo mundo quer glamourizar o Brasil, mas se você pesquisar mesmo, sobre. Não é nada daquilo que as pessoas acham.

Aline:- Eu quando, quando a Margot escolheu, ela escolheu a Angélica para apresentar na sala e disse assim: “Angélica você escolhe alguém para apresentar com você aí a Angélica me escolheu, mas eu fiquei meio assim, relutante. Era um tema assim muito delicado para se tratar, aí a Angélica falou: “eu quero que você apresente comigo porque você me inspira confiança e você foi a única pessoa que não me julgou, você nunca perguntou: “como que é?, porque?, se eu já sai com um homem?”. Ela falou assim: “você me respeitou como pessoa”. Aquilo assim...eu falei assim: “eu vou por você porque se eu acredito que a gente tem que respeitar eu vou” aí dois colegas disse, um olhou para mim e falou assim: “e se seu filho for?” aí tocou no filho, né! A mãe já se...(doeu). Se o meu filho for, eu vou ser sincera, mãe não quer que filho seja, mas não é por questão disso ou daquilo, mas é porque a gente não quer ver um filho sofrer, não quer ver um filho apanhar na rua, ou morrer, ou sofrer dentro de casa com a própria família, mas se ele for (gay) o meu amor por ele não vai mudar, eu vou amar, vou cuidar e respeitar ele para o resto da vida como ser humano, como mãe.

Bianca:- Gente tem uma coisa que eu não contei para vocês, a minha mãe também é(lésbica). Inclusive, ela vem para cá amanhã.

Aline:- E um outro colega que ontem também tava me perturbando, disse: “a gente nem pode ter liberdade de expressão”. Porque eles desrespeitam a Angélica. Aí ele falou assim: “nem o melhor psicólogo do mundo consegue mudar um pensamento”, eu respondi: “ninguém tá aqui para mudar o pensamento de ninguém, a gente tá aqui para pedir respeito.”

Hérika:- E eles são muito fechado, eles acham que a gente tá falando para empurrar de goela abaixo para eles, do mesmo jeito que eu respeito ele, que eu respeito ela que são hétero, eu quero também exigir respeito, eu não tô chegando aqui falando e julgando, não estou aqui julgando eles, então eu

também não quero que eles cheguem e me julguem, entenderam? Só isso!

Bianca:- Deixa eu falar, eu sei que quem tá fazendo as perguntas é o senhor, mas eu queria fazer uma pergunta também. Se não fosse por ela, por essa menina, você (Aline) apresentaria esse tema?

Aline:- É que nem eu falei, eu estava relutante porque é um tema delicado, mas a maior parte foi por ela, mas depois que eu comecei a entrar fundo no tema eu falei: “não, eu vou pesquisar e eu vou apresentar”.

Pelo que foi relatado acima, nenhum desses estudantes — independentes da sua sexualidade — haviam procurado informações referentes a essas questões. Essa iniciativa da escola foi a primeira a colocar esses estudantes diante de textos e informações referentes a gênero, sexualidades e homofobia. Como relatou a estudante Bárbara, as informações eram novidades para Bianca, ela descobriu coisas sobre sexualidades e homofobia a partir dos textos e da pesquisa encomendada pelos professores responsáveis pelo projeto.

Hérika expressa ainda uma preocupação com o que os demais estudantes pensam sobre esse tema, certo temor em relação à repercussão que a temática causa em relação ao aumento e/ou exposição de sua vulnerabilidade. O mesmo ocorreu com a Aline que não estava relutante em participar a toa, visto que até para quem é hétero sobram insinuações homofóbicas e estudantes que se posicionam contra a homofobia são estigmatizados. Estigmatizar é na verdade uma reação em defesa da heteronormatividade, visto que o reconhecimento de outras sexualidades representa uma ameaça a essa norma.

Pesquisador:- No dia da apresentação, você (Aline) se corrigiu rápido porque você falou homossexualismo.

Nylene:- Porque na verdade, Homossexualismo ele não existe. Porque o ismo é considerado uma doença como se fosse uma Cid, como se fosse uma doença.

Aline:- Exatamente, eu me corrigi. Na hora do nervosismo eu tinha colocado homossexualismo, eu falei errado, mas eu já me corrigi e isso eu aprendi recentemente nessas pesquisas que eu tive fazendo e a muito tempo eu sigo no Facebook o “Quebrando o Tabu” eu vejo muita coisa, como eu falei assim para professora: “eu não quis focar em mostrar as crianças que já foram mortas pelos próprios pais”, um menino por exemplo apanhou e foi espancado até a morte por que ele lavava louça e gostava de dançar, porque não era coisa de homem, eu não quis tocar, mas tem muitos casos e aquilo,

na hora que eu fiz a pesquisa eu pensei: “não, eu preciso realmente entender isso.” Porque, por mais que a gente tente, sempre fica uma coisinha (preconceito) assim na gente. Família intolerante. Tem um outro caso na minha família, a minha prima agora com 16 anos falou para mãe: “mãe, eu gosto de menina” aí a minha tia, ela é muito massa, né? Ela falou assim: “vai lá, compra umas roupas de menino para sua filha”, a minha prima falou assim: “não, eu vou orar porque isso não é de Deus, isso não sei o quê”. A avó, assim toda aberta e a filha não, “eu não aceito isso”. Então são casos assim. Eu tenho amigo gay, tenho uma amiga lésbica, tenho uma que trabalha até com questão de direitos humanos. Então assim, eu aprendi a respeitar, já levei ela e a namorada dela na minha casa e assim, a gente mora em uma comunidade, a minha mãe, meu pai e uma das minha cunhada falou: “nossa! Você vai trazer uma lésbica dentro da sua casa?” As pessoas assim, porque eu sou grandona, porque eu gosto de MPB já me confundiram com travesti. Uma vez que eu saí toda maquiada com salto alto, eu malhava na época, eu tinha um *Corpicho*, aí eu tô na rua e dois senhores, não, é um casal de idosos, aí o homem olhou para mulher e falou: “tá vendo, aquilo é um travesti.

Bárbara:- Já me confundiram também com um travesti. Uma vez, numa festa que eu fui com os meus pais, porque pelo fato de eu ser alta e ainda usando salto eu fico com quase dois metros de altura, maquiada, aí chegou na entrada, estava eu e os meus pais, aí um amigo nosso também, né. Aí o cara falou assim: “Márcio, que é o nome do meu pai, achando que era eu, e aí na hora que eu fui entrar o cara achou que o Márcio era eu e falou: “não tudo bem, pode entrar”; só que eu falei: “não, eu sou a Bárbara” aí ele falou: “Ah tá, então desculpa”, só pelo fato de eu ter quase dois metros de altura. Aí ele ficou assim e eu falei: “Fica tranquilo eu sou Bárbara, não sou o Márcio, não”.

Bianca:- Mas depois de tudo isso, assim que eu comecei a pesquisar e eu vi que o brasileiro ele tem uma coisa chamada comodismo, ele se acomoda com qualquer situação que venha ser jogada a ele, se a família falar que isso é errado a família inteira vai seguir aquilo a risca e vai ser um comodismo total porque na minha família não existe isso, como eu disse: o apoio, toda essa percepção do mundo lá fora que eu tenho disso, para mim o mundo lá fora com o meu jeito de vida, a forma com que eu levo a minha vida, eu vejo que realmente a parte das pessoas a minha volta, eu vejo que é comodismo, fica ali acomodado naquele mundo que isso é o certo, que essa é a forma de

pensar, que esse é o jeito e não aceita. Eu mesma, acomodada com a minha vida a partir do momento que eu pesquisei, fui a fundo eu vi, “Caramba, como eu vivo nisso e não sei disso, realmente como diz a Margot: “é enaltecido.”

O trabalho proposto pelos professores realmente acrescentou conhecimentos a todos. A terminologia homossexualismo refutada pelos estudantes é uma amostra do conhecimento que tiveram e que evidenciou a mudança de tratamento e de entendimento da homossexualidade numa perspectiva que não aceita essa terminologia ou a alusão de doença. Mesmo a estudante Bianca que vive um relacionamento homossexual só foi se informar por iniciativa da escola.

A estudante Aline já havia se sensibilizado a partir de uma página do Facebook chamada “Quebrando o Tabu” que tem um posicionamento próximo às pautas feministas e LGBT, além da experiência de conviver com uma prima e um tio que são homossexuais. Apesar da existência de outros espaços sociais abordarem questões ligadas a sexualidades, cidadania e homofobia, foi a escola que através desse trabalho colocou esses estudantes em contato com esses conteúdos. Por iniciativa própria ninguém havia até então se interessado em compreender esses fenômenos, foi por iniciativa da escola que esses estudantes se apropriaram de ferramentas necessárias ao exercício da cidadania, necessárias à participação desses estudantes no debate público que a sociedade está fazendo em torno dessas questões.

As estudantes Aline e Bárbara relataram certo constrangimento ao serem confundidas com travesti e utilizaram dessa experiência para dar concretude aos conteúdos abstratos que tiveram contato durante a preparação para o seminário. Essas experiências foram apresentadas como responsáveis pela sua sensibilização e empatia. A estudante Bianca tributa a homofobia ao comodismo do brasileiro que apesar de existir uma significativa produção de estudos sobre sexualidades e homofobia ainda se acomodam em explicações provenientes da família, que ao seu ver são desinformadas e por isso homofóbicas. É presente na fala desses estudantes a crença de que a informação e a racionalidade com a qual a escola pode lidar com essas questões serem suficientes para o esclarecimento e uma mudança de comportamento.

Pesquisador:- Vocês acham que essa temática deve ser tratada na escola? É importante?

B. Barros:- É sim, porque na escola que é o foco, porque eu sofri isso com meu filho o ano passado. O meu filho é quieto, ele não é aquele menino bagunceiro que se mistura com os outros moleques. Pelo fato dele ser separado daquela turma de bagunceiro e de conversar mais com menina, ele

chegou na minha casa e disse: “Mamãe eu gosto de menina, só que eu não me misturo com aqueles moleques bagunceiros” e aí já foi mote para os guri falar que ele era veado, que ele era isso, que ele era aquilo. O fato dele não se misturar com os moleques bagunceiros e conversar com as meninas, não tinha um dia que ele não chegava em casa chorando porque eles falavam que ele era veado e meu filho só tem 9 anos, o ano passado só tinha 8.

Nylene:- Eu cheguei a passar uma situação na escola quando eu era bem novinha, não vou falar que eu era pequena porque ainda sou pequena, eu era bem novinha, tinha um colega da escola que eu sabia que ele era menino só que o cabelo dele pegava aqui, era liso, era lindo o cabelo dele, aí tá! Ele entrou no banheiro dos meninos, a coordenadora foi lá, tirou ele e levou para o banheiro das meninas, não chegou a tirar a roupa dele, mas faltou pouco. Ali na hora, falou assim: “você é uma menina, você tem que entrar no banheiro das meninas, se olha no espelho” porque ela colocou... que lá tem um espelho bem grandão, assim. “Se olha no espelho, olha o que que você é, olha para sua aparência, você tem cabelo grande ela achou que no caso ele se identificaria como transgênero, ela achava que ele era uma menina, a maioria da escola achava que ele era uma menina só que eu sabia que ele era um menino, por ele ser irmão da minha colega e eu entrei no banheiro e vi ela falando num tom tipo: “sabe, você é uma menina, se olha no espelho, veja, entenda e ele chorando, olhando para ela e dizia: “eu sou um menino, sou um menino tia, aí eu entrei e falei assim: “ele é um menino, a mãe dele fez promessa com o cabelo dele”, aí ela (mãe) foi obrigada a cortar, obrigada não, né! Mas querendo ou não, depois dessa situação que aconteceu ele não queria mais ir para escola e não aceitava mas ter cabelo grande, pela aparência dele por mais que ele usaria roupa de menino, pela aparência dele, ele decidiu que ele queria cortar o cabelo dele, a mãe dele teve que cortar o cabelo dele, ele decidiu por essa pressão porque até então ele não ligava e as pessoas perguntavam se ele era menino ou menina e ele, que era inocente, respondia que era um menino normal, só que..., só que os meninos que convivia com ele dentro do banheiro já sabia e eu também já sabia, por ele ser irmão da minha colega. Isso foi no ensino infantil, eu tinha uns 8 anos na época e ele era menor que eu, aí a coordenadora da escola fez toda essa pressão e ele não queria mais ir para escola.

Aline:- O ano passado um coleguinha da minha filha, ele fazia balé, ele gostava de ficar com as meninas, ele gostava de mexer no cabelo e um coleguinha bateu nele, bateu a cabeça, a cabeça dele no chão e falou assim:

“seu veadinho, você tem que virar homem.”

Hérika:- eu trabalhava na escola quando isso aconteceu, eu trabalhava lá, o guri bateu nele e ele é todo brincalhão, bem afeminado só que ele brinca com todo mundo e ele é uma criança, agora ele tem 10 anos, o ano passado tinha 9 e o guri que bateu nele é bem mais velho que ele, tem uns 13, 14 anos. Bateu nele e falava para ele virar homem porque ele era veado.

Pesquisador: vocês acham que a escola sabe lidar com essas questões?

Hérika:- Não sabe, porque eu trabalhava dentro de uma escola e eu via, né! Que nem esse caso que aconteceu dentro dessa escola, eu tava trabalhando ainda lá. Então! Eles não tinham noção de nada, não tinha noção nenhuma do que fazer, eles deixavam acontecer, eles não sabiam lidar com a situação.

Nylene:- Eu já vi uma coisa assim, que era mais ou menos o contrário. Igual a mãe dele pode ser uma mãe como eu, eu não ligo para a opinião do meu filho, mas tem gente que liga. Eu conheci pessoas que incentivam o filho a gostar de coisa de menino, eu conheci um menino que ele tinha mais ou menos uns 9 anos, mais ou menos a idade que você tava falando, ele falava assim, ele falava com orgulho: “não, meu pai me ensinou a ser homem, quando eu crescer vou ter um monte de tatuagem, eu vou pegar muita mulher”. Tipo, ele já ensinou a criança a ser machista por isso que eu falo: essas coisas já vem de berço. Ele ensinou as crianças a ser machistas, “eu vou pegar muita mulher, eu vou ter uma, duas, três namoradas, eu vou ter uma arma dentro de casa”, isso com 9 anos; “eu vou andar armado” e eu falava assim: “quem que te ensinou isso aí?” e ele responde: “ah, meu pai” “e sua mãe não fala nada?” porque minha mãe não fala nada, porque a conversa é entre homem.

Bianca:- Engraçado, quando eu vim morar aqui, a menina que morava na rua do meu pai, eu ainda não sabia o que eu queria ser, se eu ia ficar com menino ou menina, não sabia. Quando eu fui morar lá, ela já tinha o jeitinho dela mais masculina e é tão engraçado que quando a mãe dela descobriu, a mãe dela falou um monte de coisa, “pô eu carreguei você 9 meses na barriga, eu fiquei com você, eu que passei a dor do parto e para você dar esse desgosto para mim,” não sei o quê, sabe? Aí eu fiquei..., meu pai falava bem assim, por isso que eu acho, que foi por isso que meu pai não me criticou, porque a mãe dela falava tudo isso para ela, sabe? O meu pai falava assim: “nossa! Para que falar isso com a filha dela”, né? Depois de tudo isso ela deve incentivar a filha dela agora, “você tem que estudar, você tem que crescer na vida, você tem que ser alguém” meu pai falava. Depois disso a filha dela

levou um cacete, um cacete..., cacete..., cacete que a menina ficou em coma e além de tudo estupraram ela, ela teve o neném dela, só que assim, tudo isso porque a mãe não acolheu, largou na rua, aí meu pai falou, meu pai até falou: “não é melhor acolher do que depois ficar chorando com a sua filha lá”? Sem saber se vai ter vida, se não vai? O que vai acontecer?

Nylene:- E outra coisa que também acontece que você falou aí, quando a pessoa não é acolhida pelo pai e pela mãe, às vezes ela admite, ela se permite o preconceito. Igual, se a pessoa não é apoiada pela mãe e pelo pai ou por qualquer ente da família, se a pessoa chega a fazer bullying com ela ou ter uma relação de preconceito, ela acha normal porque isso já vem desde a família, as pessoas que eles esperam apoiar, não apoiaram, não foram o braço deles então eles vão achar super normal as pessoas criticar, as pessoas virem para bater, para xingar, eles vão achar super normal isso.

B. Barros:- É tanto, que quando eu falei para minha mãe que eu gosto de homem, eu tive que arrumar um namorado para provar para ela, para ela ver. Porque eu jogava futebol e no meu time era tudo sapatão, o time inteirinho era, eu era a única mulher que gostava de homem, só que eu era assim: eu estudava, jogava futebol, estudo e futebol. Aí a minha mãe ficava: “você tem que sair com as suas primas, tem que ir para festas, tem que se arrumar, tem que usar salto” porque eu não sabia andar de salto, eu usava short, usava bermuda, usava chinelo, tênis, top, tanto que eu era goleira, pegava uma faixa e amarrava aqui (aponta para o peito), os meus peitos não cresciam, a minha mãe ficava... Eu tive preconceito da minha mãe, eu tive que arrumar um namorado para ela ver que eu gosto de homem.

Hérika:- Eu sempre fui assim, sempre. Então a pessoa olha para mim e não vê diferença, eu sempre fui assim desde criança, sempre fui molecona, sempre fui moleque, gostava de bagunçar, soltar pipa, entendeu?

Pesquisador: Você chegou a casar B. Barros?

B. Barros:- Casei, fiquei 7 anos casada, separei, tenho um menino de 10 anos, agora levo uma vida normal, estou solteira ainda (Risos), mas eu tive esse preconceito porque a minha mãe era muito contra sobre isso, eu não tenho vaidade, até hoje eu não tenho, até quando eu vou sair com o meu namorado ele fala: “se arruma por favor”, mas eu gosto de me arrumar quando eu vou sair, eu gosto de passar maquiagem.

Nylene:- Eu acho que isso é que também impacta os ânimos da mulher, eu sou uma pessoa muito centrada, eu amo meu namorado, não que eu não ame ele, mas eu sempre coloquei que o meu filho em primeiro lugar, eu amo meu

filho, se você quiser ir embora vai, se não gostar do meu jeito e do jeito que eu me visto você vai, eu acho assim, que a pessoa tem que se amar em primeiro lugar e não ficar ligando para opinião dos outros. Igual, ela é bonita, porque que uma pessoa vai chegar nela e falar: “pelo amor de Deus! Se arruma para sair comigo”.

Hérika:- Sociedade é assim, as pessoas já impõe, você é menina, você tem que ser delicada, você tem que gostar de rosa. Se é homem já impõe: você gosta de azul, você tem que brincar de carrinho.

Nylene:- É o que eu tinha falado, já vem de berço, o nosso relacionamento entre homem e mulher.

Esses estudantes consideram importante a escola abordar essas temáticas como manifestou a estudante B. Barros que tem um filho de 10 anos e já sofreu com atitudes homofóbicas dirigidas a seu filho. Segundo a estudante, o fato do filho sofrer discriminação está relacionado aos papéis normalmente atribuídos ao gênero masculino que se tornam critérios que submetem o filho a uma constante vigilância onde qualquer desvio é suficiente para manifestações homofóbicas.

É importante salientar que esses estudantes que se manifestam favoráveis à temática sobre gênero, sexualidades e homofobia são os que livremente optaram por essa temática em sala, uma vez que haviam duas propostas de trabalho e a outra era sobre sustentabilidade. Pelo que relatam, eles já manifestavam certa empatia pelo tema e apontam suas próprias experiências como justificativas da importância dessa temática.

Esses estudantes reconhecem o despreparo da escola em lidar com manifestações de homofobia, isso quando não é a própria escola a reproduzir discursos homofóbicos ou se omitir em relação ao tema.

Atos de violência física contra crianças que não se comportam de acordo com os estereótipos atribuídos a heteronormatividade e o incentivo para que crianças se comportem de acordo com esses estereótipos são apontados como fatores que justificam a emergência da abordagem dessa temática na escola.

A estudante Bianca valoriza bastante o conhecimento escolar e a qualificação para o trabalho, portanto quando compara o tratamento dado a uma vizinha lésbica com o seu caso, faz questão de ressaltar as diferenças e o quanto o pai e a avó lhe incentivaram a estudar. Como para a família, ser lésbica é uma desvantagem, o fato da família não acolher e não estimular a estudar agrava muito mais a situação.

Foi apontado ainda que quando um homossexual não é acolhido, ele se torna ainda mais vulnerável e passivo diante de atos de violência homofóbica. Ou seja, o sentimento de culpa que é imposto a essas pessoas faz com que aceitem essas agressões.

Para B. Barros seria importante a escola abordar essa temática e justifica citando o caso do filho e da constante vigilância que sofreu de sua mãe a ponto de se ver obrigada a declarar e afirmar sua heterossexualidade. Hérika não relatou sofrer com a vigilância dos pais mesmo afirmando que se comportava como uma moleca. Diante do exposto, os estudantes recorrem aos argumentos que utilizaram na apresentação do seminário sobre gênero, sexualidades e homofobia demonstrando as imposições de gênero, os papéis que se espera do gênero feminino e como esse esclarecimento é importante para a autoestima e um posicionamento que não seja subordinado à discursos machistas ou discriminatórios.

Pesquisador:- Alguém frequenta ou já frequentou espaço LGBT.

Hérika:- Todo final de semana (risos).

B. Barros:- Vou em um lugar que eu conheço o dono, eu vou porque é meu amigo e é muito melhor frequentado que esses pagodinhos e funks de vila aí que você tá lá p'ra você ser objeto sexual dos caras lá.

Hérika:- Eu vou, eu vou nos dois. Agora, se for pagode eu prefiro ir onde tem pagode, o ambiente LGBT ele julga muito você, pela aparência.

Nylene:- Bem! Ninguém ouviu minha versão, mas eu gosto de ficar em casa com meu filho.

Aline:- Eu também gosto de ficar em casa, eu sou muito caseira, eu casei muito cedinho então não conheço os lugares.

Bianca:- Bom! Assim! Eu já falei que eu sou uma pessoa muito reservada, igual eu falei para Margot, assim! Não se assustem, essa é minha opinião, mas eu penso assim: você não vai ser agredido, você não vai ouvir certos tipos de coisas, você não vai precisar se aborrecer se você saber se portar, se você saber dar-se ao respeito, se você saber se colocar no seu lugar porque, independente, todo mundo sabe, cada um tem sua criação, você, a sua família te instruiu para alguma coisa, você escolhe o que você quer ser a partir do momento que você tiver sua maioria porque enquanto você depender dos seus pais querendo ou não, estiver debaixo do teto deles, você vai ter que ser conforme as leis deles, então com isso eu tenho o quê? Não generalizando, mas tem muito travesti que não se dão ao respeito, acaba acontecendo o que acontece, tem muitas lésbicas que não se dão ao respeito e acontece, o que acontece? Porque eu nunca sofri nenhuma agressão,

primeiro porque eu nunca me permiti, eu não me permitir não quer dizer: “aí não vai acontecer algo desse tipo”, mas não, eu não me permitir é porque eu me respeito em primeiro lugar para respeitar o próximo. Porque ninguém é obrigado a ver eu ficando com uma mulher assim como não sou obrigada a ver ficando com um homem.

Roberto:- Se todo mundo se desse o respeito não acontecia o que acontece hoje.

Pesquisador:- Você concorda com a Bianca, Hérika?

Hérika: - Concordo, porque tem umas pessoas, que tem pessoas no mundo LGBT que eles querem impor respeito só que eles não se dão ao respeito, entendeu? Já quer chegar causando, tipo dando a cara a tapa, entendeu?

Bianca:- Exato, eu não gosto de ir em lugares LGBT, algumas vezes eu vou quando tem... Eu vou no movimento que tem aqui em Campo Grande chamado Aglomerados, é onde eles mexem com isso. Lá só vai o pessoal, assim, que são as mulheres lésbicas e tudo mais, só que são 30 anos, tem mais de 30 anos de idade. Assim, são mais experientes. Por que eu gosto de lá? Porque lá eles totalmente se respeitam, eles têm a mesma visão que eu tenho de como tem que ser a vida, como você tem que se portar e querendo ou não, você vai depender da sociedade, você vai depender do que vai aparentar, de qual é o seu conteúdo para mostrar para essa sociedade, então se eu sou uma pessoa que eu quero “eu sou veado, você tem que engolir porque eu sou veado”, entendeu? Você não tem que engolir aquilo ali porque eu sou um ser humano, você não tem que engolir aquilo ali porque eu raciocino da mesma forma que você, porque eu tenho a mesma capacidade. Você vai me engolir porque eu sou veado não interessa, eu sou veado então você vai ter que me engolir. E aí eles não sabem, assim, chegar no lugar e falar: “olha, esse é o meu currículo, eu sou uma pessoa que eu estudei, eu sou formada nisso, eu quero aquilo, e é isso que eu tenho para te oferecer, é isso aqui que eu quero, se você tiver coerente, beleza, tem quem faz isso, mas tem quem chega e fala: “eu tô aqui porque eu tô”.

Pesquisador:- O que vocês acham de movimentos do tipo a parada do orgulho LGBT?

Bianca:- Então! Era para ser um espaço para as pessoas lutarem, mas vai para bagunçar, se você vai em Campo Grande no dia que tiver, você vai ver um travesti mostrando tudo o que não deve, entende? As vezes tem mães que quer incentivar o filho, mas chega lá e vê aquela pouca vergonha.

Roberto: Muita das vezes os pais até ensinam assim, muita das vezes se eu

for até mais velho, o meu pai ele é muito chucro, assim! Tipo! Ele vê aquilo passando na televisão lá em São Paulo e Rio de Janeiro, cara ele achou um absurdo aquilo. Acontece que o pai quando vê aquilo lá, ele não vai apoiar, aí o pai vê aquilo lá e vai falar: “é com isso que meu filho está metido?”

Bianca:- Eles fazem essa palhaçada para quê? O governo aqui de Campo Grande, o pessoal daqui não está querendo liberar verba para poder está fazendo movimento aqui. Por que essa pouca vergonha aqui no meio de Campo Grande? Ali na praça você chega lá e tá indo por uma causa, tá indo por um respeito melhor para a sociedade ver você e querendo o seu respeito, chega lá e a pessoa tá pelada, a pessoa tá pulando, tá caindo de bêbada, está brigando com a outra pessoa do mesmo sexo, você vê aquilo.

Pesquisador:- Deixa eu ver se eu entendi, a partir do que o Roberto Falou, vocês estão me dizendo que o movimento atrapalha as reivindicações, pode atrapalhar a causa?

Nylene:- Porque eles generalizam ali, na verdade porque aquelas pessoas que aparecem lá e fazem tudo aquilo que ela falou, aí se uma pessoa igual ela que é mais reservada, se as pessoas souberem, é como se ela tivesse escrito na testa: eu sou lésbica. Aí a pessoa vai ficar: é lésbica e tal, ela vai se comportar daquele jeito lá, é assim que ela se porta.

Hérika:- Aí, acaba o movimento dando em nada porque as pessoas não vão querer ir.

Aline:- O que era para ajudar acabar prejudicando. Por conta de alguns que acabam escandalizando, os outros que querem ser respeitados, esses acabam pagando.

Pesquisador: Você também pensa assim Bárbara?

Bárbara:- Lógico, pode atrapalhar. Para quem assiste, os pais veem isso, aí é lógico que não vai apoiar, é uma pouca vergonha, então eu não vou apoiar e por isso continuam preconceituosos.

Como ficou constatado, este grupo de estudantes teve o primeiro contato com estudos de gênero, sexualidades e homofobia recentemente, por iniciativa da escola. Alguns posicionamentos tem um viés subalterno que define um lugar de subordinação do movimento LGBT á princípios e limites impostos justamente por quem espalha pânico moral e defende a heteronormatividade como moral e eticamente superior, estabelecendo hierarquias em relações que se pretendem horizontais.

Deste grupo de 7 estudantes, 3 já frequentaram ou frequentam ambientes LGBT. Com

exceção da estudante B. Barros que se sente mais respeitada nesses ambientes do que em outros, Bianca e Hérika fazem algumas ressalvas e apresentam suas críticas. O posicionamento da Bianca, com o qual a Hérika disse concordar e os demais estudantes héteros também concordaram, expressa bem o dispositivo da sexualidade de acordo com Foucault (2015), segundo o qual o poder opera mais pela circulação de enunciados discursivos e menos pela proibição. Nesse caso, valores conservadores quanto ao comportamento são mobilizados para definir e limitar a atuação LGBT de tal forma que atendam suas demandas e ao mesmo tempo não agrida os valores morais que, ao que parece, compartilham com seus familiares.

Cabe ressaltar três movimentos distintos que observamos em torno desse trabalho sobre sexualidades: 1º diz respeito a reação dos estudantes e professores contrários a essa temática e que se manifestam de forma imperativa e restritiva. Esse tipo de imposição reivindica para si um poder soberano, semelhante ao conceito de soberania cujo exemplo mais paradigmático é o lugar do rei no poder monárquico. O rei é soberano porque, sendo a fonte do poder, a lei é expressão da sua vontade; 2º diz respeito a maneira como esses alunos incorporaram a temática e a acomodaram a seus valores numa perspectiva de diálogo sujeito a um jogo de poder que segundo Foucault por ser um poder desprovido de centro e disseminado por parecer vir de todos os lugares, opera em várias instâncias e níveis, um poder horizontal.

Outro tipo de movimento é o que opera no interior da família da própria Bianca, de valores conservadores e evangélicos, abrigam e ressignificam as interdições sexuais cristãs; o mesmo ocorre com a estudante Aline que faz uma leitura do evangelho de modo que a homossexualidade não seja um desvio hierarquicamente superior ao divórcio, dessa forma a interdição da homossexualidade seguiria o mesmo destino da interdição do sexo antes do casamento, se acomodando no interior dessas relações de modo menos traumático.

3.3 Entrevistas individuais

As entrevistas foram colhidas individualmente em períodos previamente agendados e apresentam o depoimento de uma estudante e duas professoras que trabalharam com o tema das sexualidades diferentes da heteronormativa e homofobia. Vale destacar que por questões éticas e de sigilo adotamos nomes fictícios para nomear os posicionamentos delas.

Uma estudante que participou do trabalho sobre homofobia e que se identifica como homossexual é Angélica (Nome fictício), que concedeu a seguinte entrevista:

Pesquisador:- Vamos, vamos começar? Posso fazer algumas perguntas? No

dia em que você se apresentou você se identificou como uma menina com orientação homossexual, correto?

Angélica:- Sim, isso mesmo.

Pesquisador:- Quando você sentiu que era diferente, que tinha uma sexualidade diferente das outras meninas?

Angélica: - Com 12 anos de idade, porém eu não me aceitava, não me aceitava eu mesmo.

Pesquisador:- Havia alguma pressão externa?

Angélica:- Eu mesma não me aceitava, não era questão de pressão externa era porque eu sempre fui, vamos dizer, o “orgulho da família”. Então para mim isso era errado, eu não podia ter esse pensamento, quando eu tinha esses pensamentos quando eu olhava uma pessoa diferente eu pensava comigo: não, isso eu não posso, vou desapontar minha família.

A estudante inicia sua fala contando a dificuldade que teve para aceitar sua sexualidade, como isso a incomodava e também se constituía em desapontamento. Afirma que era o “orgulho da família” e aqui cabe um relato sobre o tempo verbal “era” e a ideia de que sua sexualidade tenha decepcionado a família, uma vez que ainda é afetada pelos valores tradicionais de família e comportamento.

A aluna foi criada, por certo tempo, pela tia em função de um acidente sofrido pela mãe. A desconfiança ou desconforto em relação a sua sexualidade era flagrante a ponto dessa tia, que a acolhera nesse período, pressioná-la ao limite de lhe arrancar uma confissão. A mesma tia, também, foi quem levou esse fato ao conhecimento da mãe até que essa, também, lhe arrancou uma confissão. A reação da mãe, não muito diferente da reação da tia, foi de rejeição e anúncio de medidas drásticas como expulsar a filha de casa, o que no final acabou não se realizando.

Angélica: - Bom, eu tive um envolvimento com o esporte, que foi o futebol, e minha tia que eu morava era contra eu jogar bola até, então eu continuei, né, mesmo assim! E depois eu fui morar com uma outra tia minha onde ela começou com insinuações, perguntava, perguntava se havia alguma coisa diferente comigo, se eu era lésbica? E aí, eu com 15 anos de idade, ela fez uma provocação onde eu caí, aí eu falei, aí ela mandou eu ir embora de casa.

Pesquisador: - E por que você morava com ela?

Angélica:- Porque a minha mãe sofreu um acidente quando eu tinha 12 anos de idade e nesses 12 anos eu morava em Anastácio com uma outra tia minha

porque no entanto eu era menor e a minha mãe teve que ficar internada, aí eu fui cuidada por tias.

Em função dos valores aos quais esteve exposta, nossa estudante ao narrar o momento em que se assume lésbica denota um sentimento de culpa e tentativa de poupar a mãe do que ela classificou como uma decepção. De fato, como relatou, ainda continua poupando a mãe, a família, os vizinhos e a sociedade se abstendo de demonstrar afeto à namorada em casa ou locais públicos.

Mesmo sua sexualidade sendo diferente da heteronormativa, a estudante nunca teve contato com qualquer tipo de narrativa que contemple os interesses LGBT, seja nas suas redes sociais físicas ou virtuais. O contato mais efetivo com esse tipo de conteúdo foi através do trabalho desenvolvido na escola. Trabalho esse que não só, mexeu com uma homofobia adormecida, mas principalmente não percebida e que com o desenvolvimento do trabalho foi ficando com contornos mais nítidos. Por isso, no dia em que apresentou o seminário se sentiu na obrigação de fazer alguns esclarecimentos em resposta a uma série de insultos que teve que tolerar durante aquele semestre.

Pesquisador:- Você aprendeu alguma coisa que não sabia com esse trabalho ou o que você leu, você já sabia?

Angélica: - Não, o que eu sabia era bem pouco. Eu acho que eu deveria..., eu acho que eu deveria até me sentir envergonhada porque eu deveria saber mais sobre o meu mundo, entendeu? E foi bem interessante porque eu aprendi as coisas de outros países, né?

Quando afirmou que nunca sofreu discriminação de professores, deixou escapar que um professor não tolerava comportamentos homossexuais, que ele não se afastou, mas por fim passou a fazer de sua sexualidade mote para brincadeiras “[...]às vezes teve professor que perguntou se era mesmo, teve professor que pegou e tipo, não se afastou, mas ele respeitou o meu espaço mesmo ele sendo contra”. Em relação aos estudantes, afirma que estes são os que mais manifestam comportamentos homofóbicos e que durante a preparação para o seminário os posicionamentos ficaram mais contundentes, pois as discussões em sala fizeram emergir opiniões e preconceitos que não circulavam com a intensidade provocada pelo trabalho sobre violência contra homossexuais.

Foi a escola que possibilitou contato com artigos e textos sobre homossexualidade que a nosso ver é importante para um posicionamento ativo na sociedade, em especial dos indivíduos homossexuais, na construção de uma sociedade que entenda melhor as sexualidades que divergem do padrão heteronormativo. Já no que se refere a participação da família em sua trajetória escolar, afirma que nunca a acompanharam, mas não atribui isso à sua sexualidade.

Sobre movimentos sociais que militam pautas a favor de LGBTs a estudante diz não se identificar e apresenta justificativas a partir de valores cristãos e conservadores. Aqui o desconhecimento da dimensão política desses movimentos e um esclarecimento que não chega a esta estudante pelos espaços que frequenta, sejam eles físicos ou virtuais, demonstram o quanto a omissão dessa temática em sala de aula é um limitador do exercício de cidadania dessa jovem.

Pesquisador: - E o que você acha desses movimentos como a parada do orgulho LGBT?

Angélica: Eu acho assim, que é um dia nosso, que é um dia de se divertir respeitando o espaço. Como eu sempre digo: sempre é necessário respeitar o espaço do próximo. Eu me revolto sim, às vezes eu mesma, assim, dentro do nosso mundo, às vezes nós mesmos somos homofóbicos porque eu não gosto de certas manifestações, que nem teve... Jesus Cristo, né! Que fizeram lá, eu não gostei daquilo, eu não gosto. Quando a gente tem o nosso momento, as travestis, elas vão bem despidas, então eu acho isso o cúmulo do ridículo e acho que não tem necessidade disso, entende! Eu acho que é um dia que é para gente mostrar que é o nosso dia, não para a gente se aparecer, para a gente se aparecer a gente tem os nossos locais específicos para isso.

A percepção da homofobia pela estudante se processa quando é explícita, envolve violência física e xingamentos. Dessa forma a estudante não cobra maior empenho da escola em abordar estudos de gênero, sexualidade e homofobia, uma vez que não percebe esses problemas com nitidez. A dificuldade em vivenciar sua sexualidade descomplicadamente fica patente, dificuldade essa, visível quando indagada sobre a possibilidade da escola em abordar essa temática em sala de aula e que a estudante acredita ser improvável tal abordagem devido a resistência dos pais e da reação negativa dos estudantes “[...] é importante, mas também teria um certo preconceito dos pais, porque para os pais isso é incentivar a criança”. A estudante alega que tal resistência se dá por comportamentos que ela considera reprováveis

em alguns militantes LGBT e que se manifestando mesmo diante de uma apresentação que ela considera “decente” onde ninguém estava se mostrando, se pegando, era apenas um conteúdo, da entender que outras abordagens seriam escandalosas.

E muitas pessoas agiram diferente, teve pessoa que levantou e foi embora, não teve estômago para ouvir uma coisa que era tão simples e ninguém tava ali se mostrando, se pegando nem nada, era só um conteúdo.

Quanto ao papel da escola em abordar a temática gênero, sexualidades e homofobia, a estudante faz uma ressalva sobre a forma impositiva, compulsória do tema. Para ilustrar sua posição usa como exemplo sua relação com a sobrinha com quem demonstra viver um relacionamento asséptico com sua namorada. Nesse caso a aluna se comporta como uma assexuada para não escandalizar a família.

Eu tenho para mim que eu tenho um pensamento muito diferente de todas as outras meninas que são iguais a mim. Porque eu via isso e eu achava errado, então eu não quero que alguém fique de pegação na frente de uma sobrinha minha, de uma prima minha. Isso me incomodaria, mesmo eu sendo(lésbica), me incomodaria. Se bem que as minhas sobrinhas são totalmente abertas, elas sabem, elas perguntam e elas dão benção até para a menina que está comigo.

Em sua fala transparece que o comportamento da sobrinha gera desconfiança quanto a sua heterossexualidade o que obrigou a menina a verbalizar sua preferencia heterossexual. “[...], ela gosta de carrinho, ela gosta de camiseta, só que ela chegou e falou para a mãe dela: “mãe eu não sou lésbica eu gosto de menino”“.

A Estudante não expressa nenhum dos discursos que circulam nos meios da militância LGBT ou dos estudos realizados nesse campo temático ou da produção já publicada pela secretaria nacional de Direitos Humanos.

Entrevistas com a professora Margot

Uma das professoras responsáveis pelo trabalho sobre homofobia foi a Margot (nome fictício). Essa professora tinha uma carga horária na turma de EJA de sociologia e filosofia e

foi quem mais atuou junto aos alunos nesse trabalho, foi citada por todos eles, defendeu sua execução e enfrentou alunos e professores que se manifestaram contra esse trabalho. O trabalho não é novidade na escola e já havia sido realizado em outras oportunidades e no ano de 2017 teve a participação do professor Tiago Duque da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pesquisador de temas relacionados a sexualidades e que aceitou o convite de uma professora que já não atua na escola para fazer uma apresentação dessa temática em um sábado letivo, aberto a toda a comunidade.

A professora Margot tem experiência e é reconhecida pela rigidez e disciplina que consegue impor às suas turmas, dessa forma teve controle sobre o desenvolvimento desse trabalho até a culminância das discussões com a realização de um Seminário, no final do primeiro semestre letivo da EJA, em 2018. Essa professora nos concedeu a seguinte entrevista:

Pesquisador: Houve alguma dificuldade, como que você se sentiu quanto a reação dos alunos, como a de outros professores a essa proposta de discutir sexualidade e homofobia na escola?

Margot: Houve uma resistência muito grande, inclusive eu me lembro de uma colega que colocou no grupo da escola assim: “que a diretora deveria tomar muito cuidado”, né? “Porque tinha professora tratando de assuntos tão perigosos”, né? “Que a direção poderia até responder por isso”. Obviamente, eu tudo que faço, tenho no meu planejamento. Eu faço esse planejamento, ele é aprovado pela coordenação e antes mesmo dele ser aprovado, eu conversei com a direção da escola, né? Então eles me deixaram muito à vontade para discutir, eles disseram: “você vai chutar muitas pedras, vai encontrar muitos problemas, você está preparada para isso?”

Pelo que ouvimos, a abordagem desse tema na escola foi um ato político. Para garantir o direito de ser executado foi necessário um enfrentamento político dentro da escola entre aqueles que propunham o trabalho, contra aqueles que eram contrários. Como consequência dessa disputa, o grupo favorável a abordagem dessa temática conseguiu emplacá-la como um projeto do primeiro semestre de 2018. Mesmo garantido, essa abordagem foi do princípio até a culminância, objeto de críticas e resistências por parte de professores e alunos.

A estratégia utilizada pela professora, em 2018, foi se aproveitar de uma abertura no conteúdo programático da grade curricular da EJA no qual constava o tema: diversidades. A partir de então registrou e aprovou em seu planejamento essa abordagem, encaixando-a em

um trabalho semestral onde outros professores abordaram o tema sustentabilidade. Professores esses, que dividiram com ela e seus alunos o tempo de apresentação dos seminários, apresentados em dois dias e que foram a culminância desse trabalho semestral.

Em seu relato a professora sentiu a pressão exercida contra a abordagem desse tema sobre homossexualidade e violência homofóbica. Como forma de pressão havia desde ameaças de processo criminal, sindicância até insinuações sobre sua sexualidade e ilações de que fosse “sapatão. A pressão era também exercida contra os alunos que a procuraram para externar que estavam com receio, a professora utiliza a palavra medo para reportar as conversas que teve com suas alunas. Outras ações contrárias consistiam em desqualificar o problema ou classificar a identidade LGBT como modismo. Diante dessas pressões a professora relatou que se sentiu isolada, em suas palavras a professora afirma que não se sentiu estimulada e afirmou que nesse quesito a escola precisaria firmar parcerias com universidades, psicólogos e outros profissionais e instituições que fortalecessem esse trabalho e quebrasse esse percepção de isolamento, de trabalho solitário.

Inclusive para minha surpresa, eu nem sabia que era sapatão, me rotularam como sapatão na escola, eu achei muito divertido porque para mim é uma grande surpresa, porque eu não sabia que era sapatão, porque um colega veio para mim e disse: “olha, tu fica apoiando essa conversa louca de homossexuais aí, estão dizendo que você é sapatão”. “[...]Inclusive eu me lembro de uma colega que colocou no grupo da escola assim: “que a diretora deveria tomar muito cuidado”, né? “Porque tinha professoratratando de assuntos tão perigosos”, né? “Que a direção poderia até responder por isso”. [...]quando eu comecei através dos textos que fui lendo e discutindo, eu fui chamada umas duas vezes aqui no corredor, eu fui chamada por duas alunas que disseram: “professora eu tenho muito medo de falar deste assunto” [...]Nesse assunto então, eu penso que nós deveríamos abrir, assim, para se discutir em toda escola, deveríamos ter sim, um convênio com as Universidades, com psicanalistas, com assistente social, delegados, sabe!

Diante da alegação de que tais assuntos não deveriam ser abordados na escola, a professora enfatiza que a abordagem não passa de ciências, ou seja, estudar gênero, sexualidades e homofobia é colocar o estudante em contato com produções acadêmicas e portanto científicas.

Então eu acho que eu consegui convencê-los de que tinha alguém sim, estudando isso, que isso não era uma fala minha, que não era um modismo. Modismo acadêmico e não era porque..., porque se sabe que tem muita gente e até professores, mesmos, homossexuais na escola, e sim, por conta de que você aqui, faz ciência.

O aspecto religioso também foi apontado como um fator que limitou algumas estudantes a se envolverem com os estudos, segundo a professora Margot algumas estudantes a procuraram e fizeram o seguinte relato: “acho que isso não é assunto para ser tratado em sala de aula” e aí eu identifiquei que elas eram de uma religião um pouco..., um pouco mais intolerante”. Segundo a professora, essas estudantes eram mais velhas, foram chamadas de estudantes de certa idade e ao se recusarem a professora exigiu que justificassem argumentando o porquê de não aceitarem participar desses estudos, de apresentarem esses estudos em grupo na forma de um seminário.

Para a professora é necessário investimento na qualificação dos professores, segundo a professora os menos preparados para esse tipo de abordagem e que precisariam entender essas questões, pois alguns, apesar do cargo e da responsabilidade que se espera deles, são homofóbicos.

Entrevista com a professora Sueli

A professora entrevistada será denominada ficticiamente como Sueli, é uma jovem profissional com pós-graduação e leciona espanhol nas turmas da EJA. Foi uma das professoras que dividiram com a professora Margot, também entrevistada para essa pesquisa, a orientação do trabalho sobre violência contra homossexuais. Ela também ficou responsável em apresentar a teoria Queer,³ e discussões sobre as contribuições teóricas de Judith Butler.

Pesquisador: - Como foi essa experiência de trabalhar esse conteúdo, como foi sua participação?

Sueli: - Então! Era um projeto que a secretaria de educação indicou e aí cada grupo de professores tinha que escolher uma linha e aí caiu eu e a Maju para trabalhar com a homossexualidade, e como eu queria trazer para o meu lado,

³ Teoria que não está preocupada com definição, fixidez ou estabilidade de categorias como gay, sujeito lésbico, travesti e outros. Os teóricos queer afirmam a instabilidade e a indeterminação de todas as identidades “genericadas” e sexuadas. Para maiores informações ver: Sara Salih. Judith Butler e a Teoria Queer. Ed. Autêntica, 2015.

o espanhol, aí eu trouxe a Judith Butler junto com as obras do Almodôvar. Então eu casei o espanhol junto com a homossexualidade nas minhas aulas de Espanhol. Então eu trouxe todas as figuras que o Almodôvar trabalhou junto com a teoria da Judith Butler, que é o que ele mais enfatiza em todos os seus filmes. Então eu apresentei a (personagem) Agrado do filme *Tudo sobre minha Mãe* e eu apresentei também um filme *Além do desejo*, um filme onde o Antônio Bandejas era um homossexual e o assassino de toda a trama. E também *A pele que habito*, em que o Antônio Banderas faz toda aquela operação num personagem, transformando esse personagem em uma mulher, contra vontade do mesmo. Então foi bem interessante, eu não pude explicar muito, porque o tempo era curto.

Pesquisador: - Você teve contato com essa temática na faculdade, mesmo?

Sueli: - Foi na pós-graduação, que eu fiz na UEMS de Dourados, com o professor Paulo Pressoto que foi o professor de Literatura e cinema hispânico.

A jovem professora Sueli já possuía embasamento teórico anterior ao trabalho desenvolvido na escola. Iniciada em estudos Queer e leitora de Judith Butler utilizou suas aulas para trabalhar essa temática a partir de filmes de Pedro Almodôvar. A professora se valeu de três filmes onde destaca personagens cujas sexualidades divergem da heteronormativa. Outro aspecto a se considerar é o fato da professora ter entrado em contato com essa abordagem em um curso de pós-graduação.

A professora relata a dificuldade, principalmente com estudantes mais velhas da EJA, as quais se referiu como senhoras, que se negociaram sua participação com a professora Margot, como já relatado pela mesma em entrevista que nos foi concedida. Outra dificuldade, já relatada por estudantes e pela professora Margot, foi a resistência dos professores, no caso os professores que trabalharam a temática sobre sustentabilidade, se opunham a iniciativa desse trabalho sobre sexualidades.

Sueli: - Olha! As mulheres de mais idade foi bem complicado, porque para elas não é aceito, não é normal tratar desse tema. Tanto que muitas só fizeram porque era obrigado e Valia nota, caso contrário elas não participariam. A Aline é uma menina que ela é... cristã, só que ela disse que ia trabalhar esse tema: "assim... não é o meu tema favorito, mas é o tema com o qual eu vou trabalhar, não é errado, nem pecado falar disso, e que cada um é cada um e eles tem a sua escolha". Então ela foi um exemplo de

que mesmo a religião não impede de você abordar o tema sexualidade ou transgênero na sala de aula, mas algumas senhoras não gostaram.

Quanto aos estudantes não identificou grande rejeição a não ser das estudantes religiosas, mas lembrou do fato de uma aluna evangélica não se incomodar ou se escandalizar com o estudo. Relatou que nesse caso os estudantes do sexo masculino não se incomodaram ou não verbalizaram reações contrárias ao estudo. Segundo a professora a maior resistência partiu, mesmo, dos professores, um deles chegou a verbalizar que não aceitava esse tipo de abordagem na escola. A professora é enfática ao afirmar que a escola está despreparada para lidar com essa temática e afirma que sendo obrigatório esse estudo na grade curricular haveria resistência de alunos e de professores.

3.4 Dados sociodemográficos

Buscamos informações sobre as condições econômicas e sociais dos estudantes que participaram das oficinas e das entrevistas no empenho de que esses dados nos ajudassem a compreender melhor o contexto social e econômico desses estudantes e com esses dados termos uma maior compreensão da relação desses alunos com os estudos e com essa temática em especial.

Foram aplicados questionários sociodemográficos aos estudantes da EJA que participaram da roda de conversa e aos estudantes do terceiro ano do ensino médio que participaram das oficinas. Esses questionários foram criados pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) e a metodologia utilizada está descrita no livro *Estratificação Socioeconômica e consumo no Brasil* escrito pelos professores Wagner Kamafura e José Mazzan, baseado na pesquisa de orçamento familiar do IBGE.

De todas as atividades desenvolvidas nessa pesquisa, o questionário sociodemográfico foi o que gerou maior desconfiança entre os alunos. Os estudantes demonstraram desconforto e receio em responder o questionário sociodemográfico, alguns se recusaram a responder e dois questionários foram desconsiderados por apresentarem discrepâncias entre os demais. Um desses por apresentar uma pontuação muito baixa (07 pontos) e outro por apresentar uma pontuação muito elevada (100 pontos). O que nos evidenciou a discrepância foram respostas que indicavam um número muito elevado de carros, empregados domésticos, banheiros e outros quesitos, todos assinalados na coluna correspondente a quantidade máxima de itens. Outro questionário descartado apresentava respostas incongruentes como possuir curso

superior completo, mas não ter banheiro em casa e não possuir qualquer um dos itens que compunha o questionário.

A escola onde desenvolvemos esse trabalho, localiza-se em um conjunto habitacional – Coophasul-financiado pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) em meados da década de 1970 e distante do centro quando do seu planejamento e execução. As áreas em torno do bairro, principalmente abaixo da escola foram, segundo moradores, ocupadas de forma irregular no final dos anos 80 e início dos 90. Parte dos alunos da escola é proveniente dessas áreas de ocupação.

Os dados obtidos por meio dos questionários quando comparados com levantamento do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) não apresentam divergências, embora os dados do INEP serem de 2015. De acordo com os dados obtidos nos questionários, considerados, os estudantes da EJA se enquadram na classe C1 que corresponde a uma renda estimada de R\$ 2.705,00. Os alunos do terceiro ano do ensino médio se enquadraram na classe B2 que corresponde a uma renda estimada em R\$4.852,00.

Classe	Rendimentos		Classe	Pontos
A	R\$20.088,00		A	45-100
B1	R\$9.254,00		B1	38-44
B2	R\$4.852,00		B2	29-37
C1	R\$2.705,00		C1	23-28
C2	R\$1.625,00		C2	17-22
D-E	R\$768,00		D-E	0-16
Total	R\$3.110,00			

ABEP-Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa-2016- www.abep.org

Os critérios utilizados para calcular a pontuação e a classe correspondente são obtidos por meio de um questionário no qual consta uma série de itens domésticos como banheiros, automóveis, geladeira e outros bens; grau de escolaridade e acesso a serviços públicos como água encanada e rua pavimentada. De acordo com a quantidade de itens que essas pessoas declaram, há uma pontuação correspondente que varia de 0 a 7.

Esses dados foram confrontados com outros, colhidos pelo MEC na aplicação da prova Brasil em 2015. Os valores dos rendimentos do INEP situam-se nos limites da tabela da ABEP, mas a relação de bens elementares está muito próxima das que serviram de parâmetro no cálculo da ABEP. A partir desses dados a escola se classifica, de acordo com o INEP, socioeconomicamente no nível IV e neste nível:

os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como dois ou três quartos para dormir, um banheiro, uma geladeira, três ou mais telefones celulares, e um ou dois televisores e; bens complementares como máquina de lavar roupas, micro-ondas, computador (com ou sem internet), um telefone fixo e um carro; bens suplementares, como freezer; a renda familiar mensal está entre 1,5 e 3 salários mínimos; e seus responsáveis completaram o ensino médio ou a faculdade.(INEP, 2015)

A utilização de dados socioeconômicos para monitorar o desempenho de estudantes é importante na avaliação das políticas públicas educacionais e das formas de gestão dos sistemas de ensino do país, visto que há uma relação entre o desempenho escolar e as condições sociais, econômicas e culturais dos estudantes.

Por esses dados, os estudantes apesar de terem acesso a redes sociais, não se interessaram em buscar informações disponíveis nessas redes e na internet. Uma minoria segue alguns canais progressistas como *Quebrando o Tabu* ou outros sites. A grande maioria se informou quase que exclusivamente na escola, por meio do trabalho na EJA, pelas oficinas e outras atividades realizadas nesse espaço.

Se compararmos os resultados do que observamos nas oficinas, seminários e entrevistas com o desempenho da escola nos mecanismos de avaliação do poder público observaremos que as dificuldades ali diagnosticadas se repetem no envolvimento e desempenho desses estudantes nas oficinas e no seminário.

As condições econômicas e sociais têm implicações diretas com o desempenho dos estudantes e são determinantes dos resultados observados tanto pelos profissionais que atuam na escola como pelos avaliadores externos que aplicaram e analisaram o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Sobre esses condicionantes econômicos e sociais, o sociólogo francês Pierre Bourdieu nos apresentou uma série de estudos que nos ajudam a compreender essa relação.

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que o filho de um operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores aquelas de um jovem de classe média. É digno de nota o fato de que as instituições de ensino mais elevadas tenham também o recrutamento mais aristocrático[...]. (BOURDIEU, 2007. p.41).

As análises de Bourdieu revelam aspectos importantes das relações estabelecidas entre o sistema escolar e a estrutura da sociedade, ao mostrar que o percurso escolar se deve, em boa parte, à condição econômica, social e pela proximidade entre a cultura da escola e a da família. Em sua teoria social, os capitais econômico e cultural são os princípios que mais

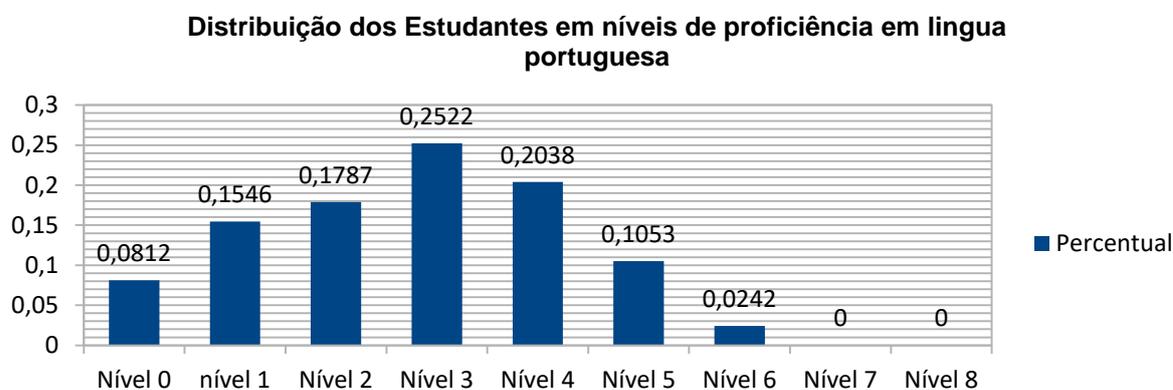
contribuem para a reprodução das desigualdades.

O contexto socioeconômico das escolas é ator importante para análise de resultados educacionais. Espera-se, portanto, que uma escola que atende a alunos com maior poder aquisitivo e com mais recursos culturais atinja valores mais altos no Ideb.

O último dado disponível do Ideb referente a escola onde realizamos nosso trabalho de campo é de 2015. Segundo os dados dessa avaliação aplicada à alunos do nono ano, o nível de proficiência em língua portuguesa era de 255,26 pontos em uma escala que culmina em 500 pontos. Essa pontuação corresponde ao grau de dificuldade dos descritores de cada nível, sendo que para língua portuguesa, aplicada ao 9º ano, esses níveis de dificuldade perfazem uma escala de zero a oito. Essa pontuação (255,26) corresponde ao nível 3 e refere-se a média dos alunos, isso quer dizer que na média os estudantes tem o domínio das seguintes habilidades:

Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romances, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios). Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. Inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances. (INEP, 2015, p.5).

Nesse nível encontra-se a maioria dos estudantes, segundo o INEP 25,22% dos alunos possuem as habilidades correspondentes ao nível 3. Há ainda 20,38% de estudantes no nível 4, temos 10,53% no nível 5 e 2,42% no nível 6. Nenhum estudante nos níveis 7 e 8. Abaixo um gráfico com a distribuição total dos alunos nos 8 níveis de classificação.



Fonte: INEP 2015

Se nossos alunos do 3º ano, que participaram das oficinas, estudavam em 2015 nessa

mesma escola, os dados que obtivemos do INEP corresponderiam à seus próprios desempenhos, uma vez que em 2015 eram Estudantes do 9º ano. Mesmo que nossos estudantes fossem oriundos de outras escolas estaduais ou municipais de Campo Grande, não alteraria esta classificação, uma vez que a média das escolas estaduais foi de 264,34 e das municipais foi de 263,18, pontuações que se encontram nas margens do nível 3 que situa-se entre 250 e 270 pontos.

Os resultados das oficinas sobre gênero, sexualidades e homofobia, assim como o seminário da EJA não podem ser compreendidos ignorando esses dados. Ou seja, nossas observações durante as oficinas, o nível de interesse, envolvimento e desempenho nos debates em sala ou nas opiniões expostas por escrito estão de certa forma atreladas a essas condições socioeconômicas e aos diagnósticos de proficiência do ideb. Esses dados devem ser considerados para entendermos os estudantes com os quais estivemos trabalhando.

Um dos dados que nos chamou atenção foi o número de estudantes que não se envolviam ativamente com as oficinas. A princípio consideramos o comportamento de estudantes que não se manifestavam nas oficinas como uma espécie de neutralidade em relação aos polos. Entretanto, outros elementos devem ser considerados para entendermos esse comportamento. Comparando o que ocorre com qualquer conteúdo que se proponha estudar, inclusive aqueles que não se enquadram nessa guerra cultural que vem se travando no Brasil, como conteúdos de matemática, cálculo de velocidade, geometria, verificamos que também há desinteresse. Esse desinteresse estaria ligado a diversos fatores intrínsecos aos problemas da educação no Brasil e não propriamente aos estudos de gênero, sexualidades e homofobia.

4. FATORES QUE DIFICULTAM E/OU FAVORECEM OS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA

Nossa hipótese é de que o grau de envolvimento e eficiência da escola enquanto espaço de reflexão e promoção da cidadania LGBT, deve variar na medida em que a temática afete ou não os sujeitos em processo escolar: aqueles que nutrirem ou não algum tipo de afeto positivo ou negativo com a temática definirão maior ou menor efetividade desse espaço escolar na promoção da cidadania e de reflexões sobre orientações sexuais diferentes do padrão heteronormativo. Nesse sentido, pretendemos compreender os dispositivos que contribuem para esses afetos.

Foucault, em “A história da sexualidade: a vontade de saber” (2015), afirma que a sexualidade é uma construção histórica e, portanto, não meramente um fenômeno biológico, reduzido à Fisiologia, mas carregada de subjetividades e, portanto, de valores também subjetivos, como a moral e a ética.

Sob essa perspectiva, um conceito fundamental para a compreensão da sexualidade, das subjetividades, da moral e das relações de poder que estão implicadas na maneira como nossa sociedade lida com o sexo é o de “dispositivos”.

O dispositivo [...] está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele. (FOUCAULT, 1979, p. 246).

Compreender a sexualidade como um dispositivo é, pois, considerá-la inscrita em um jogo de poder, relacionada a certos tipos de saberes e como um conjunto de “[...] efeitos produzidos no corpo, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 2015, p. 120) devido a certos saberes e a práticas de poder que, heterogêneas, atuam em rede.

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 246).

Agamben (2005) delimitou o termo “dispositivo” a partir dos estudos foucaultianos, de modo que, em suas investigações, atribui-lhe, essencialmente, três características principais:

1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições,

edifícios, leis, medidas de segurança, disposições filosóficas, etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.

2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.

3) É algo de geral (um *reseau*, uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (AGAMBEN, 2005, p. 10).

Portanto, podemos tomar por dispositivos as ideologias, culturas, processos midiáticos, padrões de comportamento e qualquer outra forma que se entenda como biopoder, sendo amplamente e de forma não questionada, aceitos pela maioria. Dessa maneira, a sociedade não constata a forma dada como imposição, mas como o normal, o natural, uma vez que a ausência de senso crítico faz com que, muitas vezes, essas formas dadas jamais sejam questionadas.

A partir do que foi observado nas oficinas e revelado nas entrevistas empreendidas por esta pesquisa, identificamos temas recorrentes, quais sejam: 1) posicionamentos contrários de parte dos professores aos estudos de gênero, sexualidades e homofobia; 2) naturalização da homofobia; 3) experiências e proximidade afetiva com LGBTs; 4) desconhecimento sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia e 5) religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença. Com isso, pretendemos entender parte do que dificulta e também favorece estudos de gênero, sexualidades e homofobia, compreendendo melhor esses dispositivos.

A escola, universo deste estudo, já produziu algumas experiências anteriores, mas pouco lembradas nas falas dos estudantes e dos professores que trabalharam essa temática no ano de 2018. Isso talvez se deve ao fato de esta última atividade, tanto estudantes quanto professoras afirmarem haver resistência por parte dos professores frente ao tema em análise.

4.1 Posicionamentos contrários de parte dos professores aos estudos de gênero sexualidades e homofobia

Relatada por estudantes e pelas professoras entrevistadas, verificamos a existência de professores resistentes à abordagem da sexualidade, estes considerados pela professora Margot como homofóbicos, indiferentes ou omissos.

Essa resistência constitui-se como um obstáculo na medida em que se espera do professor um posicionamento profissional, em consonância com produções acadêmicas emergentes e também com políticas públicas de combate à homofobia.

Nylene: – Professores que chegaram a trabalhar com a gente também chegaram a sofrer preconceitos por estar abordando esse tema. Muitos professores, mesmo dentro da escola, acham que é desnecessário esse tema para todo mundo aprender.

Bianca: – Existe preconceito até da escola sobre esse tema.

Margot: – Eu quero deixar bem claro que a classe de professores, eu não vou generalizar, mas uma boa parcela é preconceituosa e nós temos aqui também homofóbicos, né?

Pesquisador: – O professor, como que ele se comporta, eles tiveram resistência?

Sueli: – Teve, teve bastante resistência. Os que fizeram parte de outro grupo mesmo, foram os que se negaram a trabalhar com a gente. Tanto que foi só eu, a Margot e o Adrian, o professor de Biologia que também é homossexual; a Margot, por ser de Sociologia e Filosofia, e eu. Aí, dos outros professores teve sim preconceito, teve um que falou claramente que não queria e que não ia trabalhar esse tema porque ele não aceita.

Atitudes discriminatórias de professores diante da homossexualidade foram objeto de estudos em trabalhos de mestrado e doutorado, como os mapeados por esta Dissertação: a dissertação de mestrado intitulada *Silêncio e invisibilidade: a atitude discriminatória de professores*, defendida em 2009 por Denys Munhoz Marsiglia, e a tese de doutorado de Jonas Alves da Silva Junior, que fez um levantamento das representações que professores do Ensino Médio de duas escolas paulistanas que se manifestaram sobre homossexualidade e diversidade sexual.

Nessa pesquisa com dados obtidos em entrevistas, Silva Júnior (2010) classificou e analisou três categorias, que revelam as representações docentes sobre homossexualidade: 1) representações de homossexualidade sob o viés do preconceito evidente; 2) representações sob a perspectiva do preconceito latente; e 3) representações da homossexualidade na perspectiva democrática e inclusiva.

Há na escola tanto por parte dos professores, quanto dos estudantes uma resistência à abordagem de sexualidades diferentes da heteronormatividade, em parte pela compreensão de que a temática representaria uma ameaça à própria heteronormatividade ou que tais assuntos seriam de responsabilidade exclusiva da família. Segundo Louro (1997), essa abordagem é sistematicamente negligenciada:

[...] A preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores(as) façam afirmações do tipo: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área”, ou então, “nós acreditamos que cabe a família tratar desses assuntos” (LOURO, 1997, p. 80).

Essa postura parte do princípio equivocado de que crianças e adolescentes não possuem contato com manifestações diversificadas de sexualidades ou que estas devem ser ignoradas. Quando a escola trata o tema, limita-se a questões associadas à procriação, desvinculando ou até mesmo ignorando o desejo e a diversidade sexual. Desse modo, termos referentes à sexualidade, quando abordados nas aulas de Ciências e Biologia, limitam-se ao estudo da reprodução humana, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a outros aspectos referentes à heterossexualidade. O receio em lidar com a homossexualidade é maior do que com a heterossexualidade, mesmo que ambas se constituam por meio de relações sociais negociadas entre sujeitos e sociedade.

Porém, a heterossexualidade ainda é considerada a norma, o que leva alguns professores a não se manifestarem ou a se posicionarem contra o trabalho com a diversidade sexual. Assim, “[...] o silenciamento parece ter por objetivo ‘eliminar’ esses sujeitos ou evitar que os alunos ‘normais’ os conheçam e possam desejá-los. A negação e a ausência aparecem assim, como uma espécie de garantia da norma” (LOURO, 2001, p. 89).

Igualmente, a ausência de uma pedagogia que supere esses problemas é parte de um dispositivo que sustenta a homofobia.

Araújo (2011) acrescenta que, entre os diversos profissionais que atuam na escola, a concepção heteronormativa é muito arraigada.

Neste sentido, há, na escola, uma produção de saberes e poderes, veiculada nos discursos, que tentam, de certa forma, padronizar, moldar, fabricar corpos legíveis e legítimos, de modo a atenderem aos padrões de uma sociedade heteronormativa e falocêntrica, isto é, trata-se de uma prática pedagógica que alija aqueles que não se encaixam em um padrão preestabelecido, de modo que os/as alunos/as homossexuais são excluídos do processo educacional ou são obrigados a dissimularem a sua identidade de gênero e sexual para que possam estabelecer uma convivência pacífica e aceitável no ambiente escolar (ARAUJO, R., 2011, p. 10).

Em pesquisa realizada por Junior (2010), revelou-se ainda que professores que concebem a homossexualidade como desvio de conduta ou pecado utilizavam um desses aspectos para rechaçá-la como anormalidade, sempre apontando vestígios de desvio e inadequação a normas e valores morais.

Também a omissão constitui um fator preponderante na circulação e na reafirmação de comportamentos homofóbicos. Tomando de empréstimo a metáfora “O amolador de facas” de autoria do psicólogo Luis Antônio Batista (1999), entendemos, assim como o autor, que a

omissão quanto ao tema da diversidade é cúmplice dessa violência homofóbica que se manifesta em todos os espaços. E esse panorama não é diferente na escola. O amolador de facas prepara o terreno para o crime, para o preconceito, para a homofobia. Nesse contexto, não são amoladores de faca apenas os que fornecem argumentos preconceituosos, mas também os que se omitem.

Todavia, essa representação da homossexualidade sob o viés homofóbico não é majoritária, mas existe uma heterogeneidade nesse âmbito. Por isso, mesmo que o professor esteja capturado por esses dispositivos que reproduzem a homossexualidade como anormalidade, espera-se desse profissional um posicionamento crítico e, portanto, de alinhamento contra a violência homofóbica.

4.2 Naturalização da homofobia

Identificar a compulsoriedade da identidade heterossexual na escola e as estratégias que permitem esse discurso são fundamentais para compreendermos a naturalização da homofobia.

Durante a 3ª oficina ministrada aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, notamos certa dificuldade por parte de alguns deles, que se incomodaram com a ideia de desnaturalização da heteronormatividade e reagiram com deboches e tentativas de ridicularizar o tema. Todavia, eles estavam limitados a poucos argumentos, apesar de haver grupos produzindo argumentos para aqueles que se dispõem a cerrar fileiras contra os estudos de gênero, sexualidades e homofobia e também contra as políticas públicas que esses estudos e a militância LGBT vêm pleiteando.

Quando indagadas sobre suas relações afetivas homossexuais, três estudantes afirmaram não demonstrarem qualquer intimidade que contrarie a heteronormatividade ou que desnaturalize essa norma.

Bianca: “eu não ando de mão dada, eu não beijo na frente de ninguém, nem na frente dos meus familiares, eu não frequento locais públicos agarrada, nem nada desse tipo”.

Hérika: “é, eu sou que nem ela também, eu sou que nem ela: eu não fico com ninguém na frente dos meus pais ou de alguns familiares”.

Angel: “eu não gosto de falta de respeito, eu não falto com respeito no espaço hétero”.

A compreensão da homofobia como “[...] dispositivo que produz e regula diferenças, estabelecidas como naturais, entre os sexos, gêneros e as orientações afetivo-sexuais”

(OLIVEIRA, 2011, p. 06) revela que mesmo essas estudantes que se reconhecem homossexuais pautam seu comportamento respeitando posicionamentos contrários à união homoafetiva, visto que relações contrárias à heteronormatividade sofrem interdições sociais. Sena (2011) ao estudar a reprodução e a manutenção da discriminação contra homossexuais, buscou compreender esse mecanismo de naturalização da homofobia que, sendo hegemônico, é ensinado e recebe aval das instituições escolares.

A sexualidade, pautada na heteronormatividade, é acionada e intensamente regulada por vários discursos, inclusive por meio da *zuação*, do sarcasmo, da ironia e do deboche verificado nas oficinas. A heteronormatividade é compreendida como um processo de regulação sexual, instituído como única possibilidade legítima de vivência da sexualidade. Ou seja, a heteronormatividade consiste na “[...] produção e reiteração compulsória da norma heterossexual” (LOURO, 2009, p. 90).

No entanto, para que a heterossexualidade funcione como norma, é preciso um reiterado processo discursivo que a posiciona como tal. Há todo um intenso investimento na cultura para que a heterossexualidade seja descrita como norma e produzida como a sexualidade correta. Além disso, a norma pode e é permanentemente subvertida. “A heteronormatividade constitui-se, portanto, num empreendimento cultural que, como qualquer outro, implica disputa política” (LOURO, 2009, p. 91).

A homofobia se sustenta a partir de uma lógica que hierarquiza as orientações heterossexuais e homossexuais (LOURO, 2009), sendo a homossexualidade subordinada e com status de anormalidade.

Mas a manutenção dessas posições hierarquizadas não acontece sem um investimento continuado e repetitivo. Para garantir o privilégio da heterossexualidade – seu status de normalidade e, o que ainda é mais forte, seu caráter de naturalidade – são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (na família, na escola, na igreja, na medicina, na mídia, na lei). [...] Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais [...]. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos (LOURO, 2009, p. 86-87).

É a partir de um processo histórico e cultural que se aporta valor a determinados desejos e práticas sexuais em detrimento de outros, seria esse um dos motivos para a animosidade contra preferências sexuais que não se prendem às normas, como a

homossexualidade. Nessa seara, questionar a normalização e a naturalização de categorias sexuais tem como objetivo compreender as implicações desse processo, principalmente quando se trata da violência decorrente dessas categorizações.

Isso porque categorias como “heterossexual” e “homossexual” não são somente rótulos impostos sobre os sujeitos, mas, além disso, são partes de processos de normatização que fabricam modernos sujeitos corporais e psíquicos. Tal demarcação sexual, segundo Foucault (2015), primeiro se tornou visível no século XIX, tendo produzido uma separação entre a normalidade da heterossexualidade e a anormalidade da homossexualidade e servido como critério para monitorar e constringer práticas sexuais e estilos de vida.

Porém, o estigma histórico relacionado à homossexualidade continua a gerar dramáticas consequências para quem o experimenta, mesmo porque há uma relação hierárquica entre hétero e homossexuais, até mesmo quando se pensa em respeito em relações sociais. Nesse universo também a normatividade se manifesta e se estabelece por uma relação de superioridade de quem se considera normal em relação àquele considerado anormal, cujo pecado é perdoado ou cuja falha é aceita.

Respeito nesse caso não parte de uma relação horizontal, mas é hierárquico e de concessão, isto é, seria concedido pelos heterossexuais, o que colocaria os homossexuais em uma relação de subordinação.

Quanto ao universo pesquisado, quando os estudantes manifestam alguma empatia, condicionam-na a uma compreensão da homossexualidade como patologia, uma doença em que o indivíduo não tem culpa pelos desejos e comportamentos contrários à heteronormatividade. Não raras vezes, essa postura deriva de uma visão *essencialista* do condicionamento homossexual, segundo a qual essa condição está diretamente ligada a fatores biológicos.

No essencialismo, há “[...] uma convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos, na forma de um instinto, impulso ou energia sexual, que conduz as ações” (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 09). Os essencialistas afirmam que indivíduos homossexuais seriam fruto de determinantes biológicos, sobre os quais não teriam qualquer controle.

Essas afirmações, com base no construtivismo social, que critica a universalidade do instinto social e defende a concepção de que a sexualidade é histórica e socialmente construída, causaram entre os estudantes menor empatia sob a alegação de que quem escolhe a homossexualidade não deveria ser protegido.

A noção de que a heterossexualidade se define em oposição à homossexualidade e de

que esse binarismo está intimamente ligado aos juízos de normal, de saúde e de anormalidade atribuídas aos comportamentos homossexuais também está presente em nossas observações. Na verdade, a ideia de anormalidade e de que o comportamento homossexual seja uma espécie de “doença” incurável revelou-se nas narrativas dos participantes da pesquisa que demonstraram empatia com a questão das sexualidades não heteronormativas.

Assim, os direitos dos homossexuais, segundo Salomon (2016), seriam dependentes de alegações de que a homossexualidade é involuntária e imutável.

Esse modelo da sexualidade como algo parecido com um aleijão é deprimente, mas assim que alguém postula que a homossexualidade é escolhida ou mutável legisladores e líderes religiosos tentam curá-la e privar os gays de direitos em seu campo de ação (SALOMON, 2016, p. 30).

Em nossas incursões pela escola, registramos em nosso diário de campo essa visão essencialista presente na fala de estudantes, coordenadores e professores, quando tentavam justificar a importância da abordagem desse tema pela escola, quando denunciavam a violência homofóbica e quando expressavam a necessidade de que houvesse empatia e solidariedade com aqueles que eram vítimas desse tipo de violência. Esse raciocínio buscava uma empatia semelhante à expressa por aqueles que, por uma fatalidade ou por problemas de saúde, encontram-se na condição de cadeirantes ou acometidos por problemas neurológicos e, portanto, fruto dos mesmos discursos que conferem uma natureza de normalidade e anormalidade ao comportamento sexual, preso ao mesmo dispositivo que naturaliza a homofobia diante de uma heterossexualidade que se constitui compulsória.

4.3 Experiências e proximidade afetiva com LGBTs

Parte dos estudantes que manifestavam empatia pela temática, tanto nas oficinas como no seminário e nas entrevistas tinha experiências ou proximidade com pessoas que se enquadram na sigla LGBT.

Aline: - [...] a minha prima, agora com 16 anos, falou para mãe: “mãe, eu gosto de menina” [...]. Eu tenho amigo gay, tenho uma amiga lésbica, tenho uma que trabalha até com questão de direitos humanos.

Nylene:- eu tenho bastante convivência com bi, com homo, com trans, com travesti, eu tive bastante convivência.

Essas relações de proximidade, seja de parentesco ou de amizade e dos afetos que as envolvem, foram importantes para que esses estudantes se interessassem em compreender melhor questões relacionadas a sexualidades e homofobia. De certa forma, essa convivência rompe estereótipos que afetam as representações que a sociedade promove das sexualidades diferentes da heteronormatividade.

Parte dos estereótipos acerca da homossexualidade advém do que Foucault chamou de monstrosidade moral. O filósofo, em uma de suas aulas elabora a seguinte pergunta: como ocorreu a distribuição dos indivíduos em indivíduos normais e anormais? (FOUCAULT, 2001). Depois, discorre sobre uma série de mecanismos criados a partir da tomada de poder pela burguesia no século XVIII, demonstrando que o poder passava a ser exercido através de mecanismos de vigilância e de controle, capazes de penetrar o corpo social em sua totalidade.

O poder, assim, desloca-se do arbítrio do soberano e se constitui em saber. Por esse entendimento, a revolução burguesa do século XVIII foi marcada pela invenção de uma nova tecnologia do poder, cujas peças fundamentais são as disciplinas. Ainda para Foucault (2001), foi o saber investido na compreensão do crime que produziu uma inversão na compreensão de sua lógica.

Assim, o final do século XVIII viu “[...] despontar a noção de que não é o crime que é a doença do corpo social, mas sim o criminoso que, como criminoso, poderia ser de fato um doente” (FOUCAULT, 2001, p. 114). Esse é o ponto a partir do qual vai se organizar uma patologia criminosa que se desdobrará em classificações de normalidade e anormalidade.

A noção de normal e anormal é elaborada a partir daquilo que a sociedade vai classificar como patológico, como natureza monstruosa. O primeiro monstro é o monstro político, invocado pelos revolucionários franceses como sendo o comportamento do déspota que, por estar acima da lei, seria tão pernicioso como aqueles crimes cometidos abaixo da lei. No mesmo contexto foi criada contra a rainha Maria Antonieta a monstrosidade sexual, a partir de uma narrativa moral que atribuía à monarca práticas incestuosas, “[...] aversão aos deveres de esposa e mãe, e outra transgressão sexual: ela é homossexual” (FOUCAULT, 2001, p. 122).

Essas definições do que seria normal e patológico constituem dispositivos que explicam parte da homofobia e da forma como pessoas, apartadas do convívio com homossexuais, ou de discursos que problematizam essas questões se relacionam com pessoas LGBT. A convivência ou o conhecimento pode alterar essas representações estereotipadas e criar novas formas de compreensão e relação.

Frente a essa realidade, um comportamento que observamos em nossas oficinas foi de

um estudante que não se posiciona em relação a questões de gênero, sexualidade e homofobia. Ele, que não se afeta, nos chamou atenção, posto que, apesar de não enquadrarmos esse perfil nos dispositivos que procuramos compreender, fizeram-se necessárias duas considerações. Primeiro: esses estudantes constituem um grupo a ser disputado pelos polos das relações de poder que tomam a escola como suporte para estudos de gênero, sexualidades e homofobia. A segunda observação pretende mostrar que esses estudantes são constantemente assediados pelos polos dessa relação de poder e mesmo assim continuam indiferentes.

Com esse posicionamento, não constituem um obstáculo às políticas públicas de combate à homofobia que pretendem ter a escola como suporte para essas políticas. Quando afirmamos que esse perfil de estudante não constitui um obstáculo, temos em vista aqueles que se apegam aos discursos heteronormativos e reproduzem comportamentos homofóbicos. Isso porque, mesmo que essa indiferença seja transitória, ela é um dado constante, ou seja, individualmente, um daqueles estudantes indiferentes pode transitar entre homofóbicos convictos ou militantes LGBT. Porém, toda vez que retornarmos a campo iremos nos deparar com essa indiferença que acreditamos constante.

Ademais, podemos relacionar experiências vividas em ambientes físicos ou virtuais, onde circulam discursos contrários a práticas homofóbicas e/ou de inclusão da cultura LGBT, como favoráveis à naturalização de sexualidades diferentes da heteronormativa. Foi citada por uma das participantes, por exemplo, uma página do Facebook notória pela abordagem de temas considerados tabus, como drogas e sexualidades. Outra estudante, assídua e participativa nas oficinas, possuía um repertório considerável de termos, conceitos e saberes típicos de ambientes favoráveis à manifestação de sexualidades diferentes da heteronormativa e que repudiam demonstrações de homofobia.

Uma das páginas de Facebook citada foi a *Quebrando o tabu*, cujo perfil liberal em termos de costumes se notabiliza na defesa de liberdades individuais, como aborto, regulamentação para venda e consumo recreativo de Cannabis e seus derivados, direitos humanos, pautas feministas e LGBT. Mesmo se tratando de um ambiente virtual, a página constava com pouco mais de 10 milhões de seguidores, segundo notificação na própria página em dezembro de 2018, e foi apontada pela estudante Aline como um dos elementos que a ajuda a entender a homossexualidade e a repudiar manifestações homofóbicas.

Espaços físicos voltados à população LGBT também promovem a circulação de discursos significativos para a compreensão dos mecanismos heteronormativos, e uma das participantes mais ativa nas oficinas compunha seu repertório nesses ambientes. Essa estudante, além de ter participado de todas as oficinas, também se destacava pela

singularidade de seu posicionamento, uma vez que demonstrava maior conhecimento sobre sexualidades e homofobia que os outros.

4.4 O desconhecimento sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia

A apropriação de conceitos verificada na fala dos estudantes que participaram do seminário sobre homofobia e sexualidades ilustra a importância da abordagem dessa temática na apreensão de um vocabulário que permita compreender as sexualidades e assumir um posicionamento ativo frente aos discursos homofóbicos ou de deslegitimação do problema.

Até mesmo as estudantes que se assumiram lésbicas ou de sexualidade divergente da heteronormativa reconhecem que pouco sabem ou dominam os discursos e saberes acadêmicos já disponíveis. Isso se deve ao fato de esses saberes estarem ausentes do currículo escolar ou de serem alijados por uma abordagem predominantemente biologizante.

Pesquisador: Você aprendeu alguma coisa que não sabia com esse trabalho ou o que você leu, você já sabia?

Angélica: Não, o que eu sabia era bem pouco. Eu acho que eu deveria... eu acho que eu deveria até me sentir envergonhada porque eu deveria saber mais sobre o meu mundo, entendeu?

Bianca: Olha, quando eu comecei a fazer a pesquisa, eu sentei na sala de tecnologia e comecei a pesquisar [...]. Então quando eu fui ver o depoimento deles e eu fui ver que eles iam para rua porque eram expulsos de casa, porque realmente não tem nenhuma lei que fala que tem que ter um homossexual trabalhando, quando eu pesquisei eu vi que é muito pouco percentual de empresas que contratam homossexuais. Quando eu li tudo aquilo, assim, quando eu vi tudo assim literalmente eu disse: “meu Deus, que mundo é esse?”.

Bárbara: - Ela lendo, ela disse: “nossa, olha isso aqui! Olha isso!” E a gente via sim, a indignação dela, a gente pesquisou, a gente foi fundo no assunto, era muita coisa que a gente não sabia.

Hérika: - O que eu mais me surpreendi foi o Brasil sair como menos tolerante na aceitação, o que tem mais preconceito.

Esses relatos mostram que, mesmo aqueles que vivenciam uma sexualidade diferente da heteronormativa ou que demonstram indignação com atos de homofobia, pouco sabem sobre as produções acadêmicas ou discussões referentes a gênero, sexualidades e homofobia. Isso porque a abordagem desses temas costumam versar apenas sobre doenças sexualmente transmissíveis, funcionamento do corpo humano e contracepção. Dessa forma, discussões sobre sexualidades divergentes da heteronormativa ou problematizações sobre gênero e homofobia não são abordadas.

O apelo à ignorância é a principal bandeira daqueles que se colocam contra o direito de

as pessoas vivenciarem suas sexualidades e por isso se posicionam contra qualquer iniciativa de levar essas discussões para sala de aula. Pela acusação de que os estudos de gênero, sexualidades e homofobia seriam perniciosos, esses grupos tentam impor um silêncio às escolas.

Contudo, ao conhecer as teorias de gênero, vemos que elas não são destrutivas, tampouco doutrinadoras: elas simplesmente almejam uma modalidade de liberdade política, de viver em um mundo mais justo.

Sendo assim, ensinar igualdade de gênero e diversidade sexual é fundamental para questionarmos os dogmas repressivos que lançam tantas modalidades sexuais e de gênero à clandestinidade, à penumbra, sem reconhecimento ou perspectiva de futuro.

Nesse cenário, estudantes que ignoram essas discussões são bombardeados por discursos carregados de preconceitos e sentimentos homofóbicos que circulam em diversos ambientes, seja informalmente na escola ou formalmente em cultos religiosos, grupos de jovens das mais diversas denominações religiosas, em conversas com amigos, nos grupos e em redes sociais, físicas ou virtuais.

Quando um estudante se referiu aos estudos de sexualidades como “ideologia de gênero” em uma das oficinas, por exemplo, ele mobilizou uma série de discursos sem embasamento acadêmico, porém capaz de reativar os preconceitos que amparam as práticas homofóbicas. Também nas redes sociais virtuais, discussões sobre sexualidades e homofobia costumam colocar em circulação uma série de enunciados desonestos do ponto de vista acadêmico ou intelectual, mas suficientes para arrebatá-los os incautos.

Outro aspecto importante para essa discussão é a experiência desses alunos com um histórico escolar marcado pela ausência de qualquer posicionamento ativo na defesa daqueles que têm uma sexualidade diferente da heteronormativa ou de discussões que poderiam promover uma reflexão sobre esse tema.

Bianca: – Alguns alunos chegaram a falar: “nossa, ‘cês vão apresentar isso dentro da escola? Vai falar desse tema dentro da escola?”.

Hérika: – Eh! Até hoje eu nunca vi isso na escola, alguém abordar esse tema.

Pesquisador:- Vocês acham que essa temática deve ser tratada na escola? É importante?

B. Barros: - É sim, porque na escola que é o foco, porque eu sofri isso com meu filho o ano passado.

Pesquisador: Vocês acham que a escola sabe lidar com essas questões?

Hérika: - Não sabe, porque eu trabalhava dentro de uma escola e eu via, né?

Esse desconhecimento que marca essas narrativas deve-se à ausência da escola nessas

questões: agressões físicas motivadas por homofobia, agressões verbais e intimidação de qualquer um que não exiba os estereótipos de heterossexualidade são constantes nas escolas e a total ausência de conteúdos sobre sexualidades e homofobia denuncia uma omissão que só agrava esse problema. Os relatos dos estudantes mostram que eles não têm muito conhecimento sobre o que está em jogo em eventos como a parada do orgulho LGBT, por exemplo, uma vez que demonstraram uma visão superficial deste que é um ato político, de grande responsabilidade e no qual então em jogo uma série de narrativas nem sempre convergentes, sob influência de grandes grupos de comunicação, de mercado e de consumo. Sendo assim, todas as narrativas que disputam a orientação política do movimento devem ser inteligíveis e aqui a escola teria que cumprir seu papel e fornecer uma visão ampla sobre a realidade.

Constituindo-se como parte da vida, as sexualidades, assim como qualquer área do conhecimento, não podem ser negligenciadas, mas compreendidas. Igualmente, assumir um posicionamento político consciente é uma demanda social urgente, pois a qualificação para o debate e para posicionamentos políticos deve também envolver as escolas.

Vejamos como a falta de conhecimento prévio afeta a percepção de nossos estudantes sobre a parada do orgulho LGBT:

Pesquisador: - O que vocês acham de movimentos tipo a parada do orgulho LGBT?

Bianca: - Então! Era para ser um espaço para as pessoas lutarem, mas vai para bagunçar, se você vai em Campo Grande no dia que tiver, você vai ver um travesti mostrando tudo o que não deve, entende? Às vezes tem mães que quer incentivar o filho, mas chega lá e vê aquela pouca vergonha.

Roberto: - Se todo mundo se desse o respeito não acontecia o que acontece hoje.

Hérika: - Aí acaba o movimento dando em nada porque as pessoas não vão querer ir.

Aline: - O que era para ajudar acaba prejudicando. Por conta de alguns que acabam escandalizando, os outros que querem ser respeitados, esses acabam pagando.

Angélica: - Eu acho assim, que é um dia nosso, que é um dia de se divertir respeitando o espaço. [...] Eu não gosto de certas manifestações, que nem teve Jesus Cristo, né! Que fizeram lá eu não gostei daquilo, eu não gosto. Quando a gente tem o nosso momento, as travestis, elas vão bem despidas, então eu acho isso o cúmulo do ridículo e acho que não tem necessidade disso, entende!

Nessas falas estão presentes elementos contraditórios que revelam uma dinâmica que congrega valores religiosos e morais, utilizados para justificar um posicionamento que não

difere do que é manifestado por aqueles que se opõem às temáticas sobre sexualidades. Evidencia-se um paradoxo entre a emancipação almejada e obstáculos mobilizados justamente contra essa emancipação. Em outras palavras, esses estudantes acabam utilizando o mesmo moralismo que foi mobilizado contra a apresentação dos seminários propostos, rendendo-se a concepções que não compreendem a dimensão política do evento ou as relações de poder imbricadas no ato.

Bento (2017) discute o jogo político que envolve essas paradas globalizadas. Segundo a autora, empresas e o Estado se apropriam da pauta LGBT para legitimarem seus interesses, suas políticas intervencionistas ou de superioridade cultural, como que utilizando essas ações para demarcar uma diferença entre civilizados e selvagens. Assim, retomam uma estratégia utilizada no passado que tinha por finalidade legitimar as violências contra outros povos no processo de colonização, imperialismo e neocolonialismo.

As observações de Bento (2017) contribuem para o entendimento das relações de poder que atuam nas mais diversas manifestações. “Afim, a Parada da diversidade sexual transformou-se em um grande ato político em homenagem ao capitalismo” (BENTO, 2017, p. 37), e esse tipo de conhecimento também deve estar à disposição de nossos alunos, visto que temas relacionados às sexualidades ultrapassam a esfera LGBT e são mobilizados para justificar interesses imperialistas e de consumo.

4.5 Religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença

Algumas manifestações de estudantes e professores contrárias à abordagem de temáticas sobre gênero, sexualidades e homofobia tinham como fundamento crenças religiosas. Elas ocorreram durante as oficinas, no seminário e estiveram presentes nos relatos colhidos pelas entrevistas.

Aline: - Eu sou evangélica e enquanto eu estava sentada, esperando a minha vez de apresentar, teve um colega (evangélico) que começou: “você tem que mostrar a bíblia, você tem que mostrar isso, tem que mostrar aquilo”.

Aline: - Você não viu, mas teve gente que pediu pra ir embora, você via eles no portão saindo, indo embora por causa da temática. Quem observou, foram os evangélicos a maioria que pediu pra ir.

Hérika: - Eles foram embora porque não concorda com a temática.

Margot: - Eu percebi que eles não comentam, não falam, através da fala dos meus alunos é a protestante, ela é radical, ela diz: olha a bíblia, Deus fez o

homem.

Bianca:- Eles são muito recatados, são muito fechados, assim... por conta de ter muitas pessoas de idade e lá só tem... muita igreja, muita religião.

Reivindicar preceitos religiosos para demonstrar autoridade sobre comportamentos sexuais é muito comum entre os membros de diversas religiões. Entretanto, a maioria cristã produziu um dos dispositivos mais eficazes de discursos e comportamentos sexuais. Segundo Borrillo (2010), sob influência do Cristianismo, as primeiras providências contra a homossexualidade foram adotadas ainda no Império Romano pelo imperador Teodósio I em 390, quando criou uma legislação que ordenava a condenação à fogueira de todos os homossexuais passivos.

A fim de justificar tal severidade, foi necessário apoiar-se nos fundamentos bíblicos da condenação: o Antigo Testamento fornecerá as narrativas de Sodoma e Gomorra; o Novo Testamento, pelo viés das epístolas paulinas, vai permitir a renovação da inveterada hostilidade contra os homossexuais. Com efeito, a história terrificante de Sodoma no livro do Gênesis (cf. capítulos 18, 20 e 19), assim como as prescrições lapidares do Levítico, constitui a prova incontestável do ódio manifestado na Bíblia contra os homossexuais masculinos e femininos (BORRILLO, 2010, p. 48).

Ao que tudo indica, essas referências ainda são constantes e repetidas nos dias atuais. Em 2004, por exemplo, o Pontifício Conselho para a Família escreveu uma carta aos Bispos da Igreja Católica assinalando o perigo “[...] em potencial representado pelo ‘gênero’ de destruir os valores femininos importantes para a Igreja; de fomentar conflito entre os sexos; e de contestar a distinção hierárquica e natural entre macho e fêmea” (BUTLER, 2019, s.p.), na qual se baseiam os valores familiares e a vida social.

Segundo Junqueira (2017), os discursos antigênero surgiram no interior da Igreja Católica, mas hoje são apropriados por evangélicos e por grupos políticos, gestores públicos, parlamentares e juristas. Trata-se de um dispositivo reacionário que conta com colaboradores de diversos países, dentre eles o Cardeal alemão Joseph Ratzinger, que viria a se tornar o Papa Bento XVI. Essa investida sobre questões de gênero, sexualidade e homofobia constitui um dos embates culturais do qual a Igreja não se absteve.

Em 2016, o Papa Francisco elevou a retórica: “estamos vivendo um momento de aniquilação do homem como imagem de Deus”. O pontífice incluiu nessa degradação “[a ideologia de] gênero” e esbravejou: “hoje crianças —crianças! —são ensinadas na escola que qualquer um pode escolher o seu sexo!”. Finalmente, Francisco deixou claro o que estava

teologicamente em jogo: “Deus criou o homem e a mulher: Deus criou o mundo de certa forma... e nós estamos fazendo o exato oposto” (BUTLER, 2019, s.p.).

A igualdade de gênero é criticada por ser uma construção social e histórica contrária, portanto, à distinção divina entre os sexos. Ela questiona, assim o discurso da criação do homem e da mulher.

Nessa seara, comparando-se às punições do passado, a atuação da igreja é hoje de acolhimento de indivíduos homossexuais e de condenação do comportamento. Contudo, apesar da mudança de tom, subsiste a homofobia, que em vez de “[...] lançar os sodomitas na fogueira, trata-se, agora, de acolhê-los com compaixão a fim de que, na melhor das hipóteses, eles fiquem curados e, na pior, possam viver na abstinência” (BORRILLO, 2010, p. 59).

Esses discursos também estão presentes na escola, reativando preconceitos referentes às sexualidades em circulação na nossa cultura. Ainda quanto ao ambiente escolar, valores do fundamentalismo cristão que se referem à homossexualidade, à defesa do modelo tradicional de família e contrários ao casamento de pessoas do mesmo sexo se fazem presentes. Segundo Sung (2015), dentre a chamada “nova classe média”, os evangélicos da linha da teologia da prosperidade são portadores de um conservadorismo moral militante e da adesão a valores modernos e pós-modernos da cultura de consumo capitalista. Nesse sentido, a teologia da prosperidade não se mostra como um aspecto contraditório ou um descompasso na modernização desse grupo, mas como um processo bifacetado de afirmação de sua dignidade humana.

Entre eles, o tom é militante e até agressivo contra a homossexualidade, contra o casamento ou união civil de pessoas do mesmo sexo e segundo Sung, está ligado a um mecanismo da teologia da prosperidade.

A chave da prosperidade está em obedecer aos mandamentos de Deus. A prosperidade não é considerada aqui um assunto econômico no sentido moderno, isto é, explicado somente por teorias e leis econômicas, mas está sob o domínio da vontade divina. Não é o mercado e políticas econômicas do governo que determinam a distribuição de renda, mas sim a vontade divina. Ou melhor, para os que não obedecem aos mandamentos de Deus, o seu sucesso ou fracasso econômico podem depender das leis do mercado e das políticas econômicas dos governos, mas não para os que aceitaram Jesus. Esses estão isentos dessas oscilações e dinâmicas complexas e desconhecidas, eles estão protegidos pelo poder de Deus (SUNG, 2015, p. 48).

Nesse caso, a atuação estridente e combativa de pessoas ligadas às igrejas evangélicas

contra a comunidade LGBT, contra os estudos de gênero, sexualidades e homofobia faz parte dessa lógica que garante a prosperidade àqueles que se manterem fiéis à palavra de Deus e que demonstrem essa fidelidade. A militância mais agressiva, por esse entendimento, é uma oportunidade para renovar essa aliança entre o fiel e aquele que garante a prosperidade.

Esse discurso mais agressivo, porém, não é uma característica de todo cristão, católico ou evangélico, mas de fundamentalistas religiosos que se notabilizaram pela contundência e belicosidade do discurso que manifestam, principalmente, nas redes sociais virtuais e em programas ou canais de TV concedidos pelo governo à chamada “bancada evangélica”.

Se, por um lado, esse discurso mais agressivo é uma característica de grupos fundamentalistas, por outro, temos um comportamento menos agressivo na aparência, mas que se revela extremamente conflitante quando lembramos que essa sexualidade heteronormativa está nos fundamentos do Cristianismo e que as posturas adotadas por algumas lideranças religiosas consistem em acolher homossexuais, mas não implicam reconhecimento dessa sexualidade como natural ou desprovida de conflitos morais. Pela crença de que a verdade está posta nos escritos bíblicos, essas pessoas analisam a homossexualidade como uma conduta passível de ser modificada.

Verifica-se, assim, que o dispositivo religioso é vigoroso e se faz presente na escola. Todavia, a religiosidade não impede demonstrações de empatia e posicionamentos contrários à violência homofóbica, mesmo quando pautada pela noção de acolhimento, pelo não julgamento ou por outros valores do Cristianismo, como evidencia o depoimento da professora Sueli e da estudante Aline.

Sueli: - A Aline é uma menina que ela é cristã, só que ela disse que ia trabalhar esse tema: “assim... não é o meu tema favorito, mas é o tema com o qual eu vou trabalhar, não é errado nem pecado falar disso e que cada um é cada um, e eles tem a sua escolha”.

Aline: - Não, eu não gosto de nenhum discurso de ódio, independente de qual seja, acho que cada um tem o direito de ser livre e fazer o que quiser da sua vida, até porque na bíblia diz que as pessoas serão salvas pelas obras, né?

Outras duas estudantes homossexuais comungam a fé cristã de vertente evangélica e, mesmo com todos os problemas e discursos contrários à homossexualidade, elas continuam fiéis a suas denominações religiosas e impõem à igreja uma realidade cada vez mais evidente: a pluralidade das sexualidades contrárias à heteronormatividade.

Esse caso evidencia uma relação entre aquelas que vivenciam uma sexualidade “proibida” e os dogmas religiosos que se recrudesce para serem afrontados novamente por uma relação, embora desproporcional, contínua de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como a instituição escolar pode se constituir em um espaço de reflexão e promoção da cidadania por meio da inclusão de estudos de gênero, sexualidades e homofobia é um desafio para além de políticas públicas e delas não depende unicamente. O êxito quanto a esse desafio depende de uma série de fatores, que utilizem a escola como suporte de ações públicas, por meio de conteúdos acrescidos aos componentes curriculares do ensino básico.

Além disso, fatores determinantes para o sucesso dessa empreitada relacionam-se aos afetos produzidos nos sujeitos envolvidos no processo escolar: aqueles que nutrirem algum tipo de afeto positivo ou negativo com a temática ou aqueles que não tiverem qualquer tipo de afeto é que definirão maior ou menor efetividade do espaço escolar na promoção da cidadania e de reflexões sobre orientações sexuais diferentes do padrão heteronormativo.

Dentre as dificuldades que encontramos durante nossa pesquisa estão as representações de estudantes e docentes sobre a diversidade sexual. Estas representações foram histórica e socialmente construídas com base em noções binárias, como natural e antinatural, normalidade e anormalidade, as primeiras sob influência do Cristianismo e as segundas com o aporte dos saberes que despontavam no século XIX.

Sobre esses saberes, Foucault (2015) destaca a eficácia com a qual são capazes de disciplinar a sociedade, inclusive a sexualidade, que passa a ter uma forma verdadeira, normal: a heterossexualidade; e uma forma anormal: a homossexualidade. Portanto, esses saberes não eram uma forma de opressão, mas uma verdade, um dispositivo cujo poder era capaz de produzir comportamentos disciplinados, vidas administradas.

Dentre essas formas de poder está o que Foucault denomina dispositivos de sexualidade. Deslocando paralela ao discurso moral, a racionalidade do discurso científico é um bom exemplo desses dispositivos, capazes de exercerem controle por outros meios, pois o “[...] sexo não se julga, apenas administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos” (FOUCAULT, 2015, p. 27). Tais dispositivos afetam professores e estudantes, cujos afetos, fruto dessas representações, independem do currículo escolar ou da legislação.

É a partir da compreensão dos dispositivos da sexualidade que somos capazes de compreender a heteronormatividade como mecanismo de sujeição da sociedade e suporte para o questionamento da homossexualidade, classificação dessa como anormal, antinatural e do comportamento homofóbico. Esses dispositivos são definidos como mecanismos atravessados por relações de poder que atuam de forma dinâmica e não seriam, essencialmente, de ordem

repressiva. A natureza do poder não é, portanto, exatamente repressiva, como se estivesse a reprimir uma natureza sexual, uma energia libidinal primeira e selvagem, mas produtiva, como se o poder produzisse os sujeitos nos quais opera.

Não é por outra razão que Foucault dirá: “já faz bastante tempo que desconfio dessa noção de ‘repressão’” (FOUCAULT, 2005, p. 25), situando o discurso crítico que se dirige à repressão como parte da mesma rede histórica que denuncia.

Discorrer sobre os dispositivos relacionados ao saber que emergiram a partir do século XIX não implica negar que houve mecanismos de interdição do sexo ou de controle em períodos anteriores, ou que estes não tenham atravessado esse período e se posicionado paralelamente aos saberes considerados científicos. Os mecanismos de controle da sexualidade têm suas técnicas desenvolvidas desde as práticas de penitência do cristianismo medieval passando pela prática periódica de confissão obrigatória e pelos “[...] métodos do ascetismo, do exercício espiritual e do misticismo” (FOUCAULT, 2015, p. 126) desenvolvidos a partir do século XIV. Essas questões de fundamentação religiosa coexistem com os dispositivos do saber e foram postas em circulação pelos estudantes e professores que entrevistamos e observamos.

Além do moralismo de origem cristã, outros saberes perpassam estudantes e professores e são fundamentais para a compreensão do comportamento de ambos os segmentos quando constatamos que a maneira como se comportam demonstra que alguns reconhecem o problema da homofobia e dos direitos LGBT, enquanto outros são refratários aos temas.

Essas diferenças estão relacionadas às várias formas como esses indivíduos se sujeitam às relações de poder que condicionam a percepção e as representações que têm acerca de estudos de gênero, sexualidades e homofobia, de modo que os mecanismos de poder afetam os sujeitos de maneiras diversas, a depender de como ele é atravessado por essa complexa trama que atua em rede.

O poder se exerce em rede, e nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles [...]. O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constitui (FOUCAULT, 2005, p. 35).

Essas representações são decorrentes das relações de poder que compõem a dinâmica de nossa sociedade. Nessas relações estão presentes concepções diferentes e divergentes, além

da resistência, uma vez que entendemos o poder não como um regime totalitário, capaz de eliminar toda forma de resistência, mas como fruto de uma relação e não como conjunto de “[...] instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, que por oposição a violência tenha a forma da regra” (FOUCAULT, 2015, p. 100).

Nesses termos o poder não está postulado à soberania do Estado ou à forma da lei, mas perpassa os indivíduos, tornando-os sujeitos dessas relações. Nesse sentido, os comportamentos que observamos na escola flutuam em consonância com essas relações de poder, que organizam instâncias de produção discursiva e, conseqüentemente, também organizam silêncios, que por vezes interditam ou fazem circular erros e desconhecimentos sistemáticos. É essa a relação de poder que se reproduz na escola.

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro como multiplicidade de correlações de força e imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte [...]. O poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2015, p. 100-101).

Percebemos que nessa definição de poder, enquanto relação de forças, está presente a correlação entre elas e, desse modo, a própria resistência. De igual forma, os mecanismos que contribuem para representações homofóbicas das sexualidades servem também como suporte para o inverso, para práticas que naturalizem sexualidades diferentes da heteronormativa.

No que tange aos estudos de gênero, sexualidades e homofobia, estudantes e professores foram identificados como resistentes, apoiadores e neutros. Os resistentes reproduzem os discursos que circulam em diversos espaços e são herdeiros da noção de normalidade e anormalidade. Os apoiadores, por sua vez, romperam com os discursos homofóbicos e se solidarizam com os discursos contra a homofobia. Já os indiferentes constituem uma possibilidade para os dois polos, estando em disputa. É importante considerar que estes foram alvo de assédio de ambos os polos e ainda se mantêm neutros, apesar das constantes investidas.

As manifestações dos estudantes durante as oficinas demonstraram a diversidade de opiniões e posições sobre o tema em estudo, o que é próprio dos dispositivos de poder, que o compreendem sempre em relação a um contrapoder, por meio de uma relação dinâmica que contempla discursos diversos e contraditórios.

Diante dessas manifestações, formulamos cinco categorias nas quais identificamos

alguns discursos recorrentes como: 1) posicionamentos contrários de parte dos professores; 2) naturalização da homofobia; 3) experiências e proximidade afetiva com LGBTs; 4) desconhecimento e 5) religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença.

Uma das dificuldades encontradas pelo estudo foi o posicionamento contrário de parte dos professores aos estudos de gênero, sexualidades e homofobia. Esse aspecto demonstra que há uma naturalização da homofobia a ponto de não ser compreendida como um problema por parte desses professores ou ainda comportamentos que contribuem para manutenção da homofobia, quando não comportamentos propriamente homofóbicos. Apesar de esse ser um panorama previsível, não é compatível com os ideais de cidadania que devem nortear a educação e, por conseguinte, estar presentes na atuação docente.

A naturalização da homofobia está vinculada ao dispositivo da sexualidade e pertence aos discursos que estabelecem normativas e criam narrativas sobre o comportamento sexual, de tal forma que aqueles que não se enquadram nesses padrões normativos recebem o status de anormal. Assim, percebemos que uma abordagem eficiente sobre as sexualidades pode promover uma reflexão sobre os mecanismos de marginalização de determinadas sexualidades.

Quanto ao universo em estudo, os estudantes que tinham alguma proximidade afetiva com LGBT ou com a militância foram os que mais se envolveram com os estudos de gênero, sexualidades e homofobia, tanto nas oficinas como no seminário que presenciamos na escola. Essa proximidade desconstrói as representações homofóbicas de monstruosidade e de anormalidade atribuídas a esses indivíduos, cuja sexualidade diverge da heteronormatividade.

Os grupos de estudantes que apresentaram um trabalho sobre sexualidades e homofobia tiveram na escola o primeiro contato com textos e reflexões sobre esse tema, o que demonstra que o desconhecimento ainda é predominante nas escolas e que, mesmo havendo outros espaços discutindo sexualidades, muitos possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre essas questões de gênero, sexualidades e homofobia.

Esse desconhecimento, porém, não se justifica, uma vez que há considerável produção acadêmica sobre o tema, mas ainda pouco acessada. Nesse cenário, a materialidade do desconhecimento é perceptível inclusive no resultado do trabalho proposto, que realmente acrescentou conhecimentos a todos, visto que nas narrativas documentadas transparecem alguns conceitos e reflexões advindas de sala de aula.

Verificou-se, ainda, que discursos que circulam em espaços religiosos condenando a homossexualidade e também os estudos de gênero, sexualidades e homofobia estão presentes na escola, tendo sido mobilizados por estudantes que se manifestaram contra estes. Tais

discursos também apareceram entre professores, segundo os relatos de alguns estudantes.

Esses discursos têm, nesse caso, duas vertentes: uma que se apega aos princípios do Antigo Testamento, principalmente ao livro de Eclesiastes, condenando virulentamente a homossexualidade; e outra se posiciona contra os estudos alegando preocupação com os estudantes, com uma pretensa inocência ou ingenuidade que correria riscos com o esclarecimento de alguns comportamentos sexuais, além de se pautar na crença de que esses estudos mudariam a orientação sexual dos estudantes.

As tensões entre estudantes e professores diante da temática não são diferentes daquelas que ocorrem na sociedade e, portanto, não o seriam na escola. A resistência que se manifesta em ambiente escolar, assim como a abrangência da temática e os momentos de certo mal-estar, está em sintonia com o processo estrutural de circulação e de produção de discursos. Por isso, os discursos contrários ou favoráveis ao tema em análise sempre são acompanhados de uma espécie de contradiscurso, no interior do qual se aloja aquilo que terá força crítica em relação à estrutura de saberes e experiências do presente.

Nesse sentido, a abordagem das sexualidades mostra-se como uma latência de possibilidades de pensamento e de formas de vida que se impõem no interior de regimes de saberes e poderes próprios à nossa época.

A resistência ao novo ou sua emergência advém da própria dinâmica do poder, do mesmo modo como surge da heterogeneidade dos jogos de força com suas direções múltiplas. Em outras palavras, não podemos nos apegar à ideia de um poder que age de maneira unitária e ordenada, mas que produz efeitos inesperados e situações não completamente controladas.

Assim, cabe à escola um papel fundamental, contrário à alardeada doutrinação: disseminar o conhecimento já disponível sobre gênero, sexualidades e homofobia como parte da dinâmica a que estamos sujeitos, mostrando que as relações de poder dessa dinâmica produzem efeitos múltiplos, não doutrinários.

Proposta de atuação na Escola: gênero, sexualidades e homofobia

Nossa proposta de atuação foi também uma oportunidade de produzir dados neste processo de investigação de uma temática tão complexa para ser debatida e analisada com estudantes e professoras. Para tanto, organizamos as atividades a partir de 06 (seis) oficinas, em abordamos questões de gênero, sexualidades e homofobia. Dessa forma nossa atuação foi concomitante às reflexões feitas ao longo do desenvolvimento da pesquisa e teve como referencial norteador conteúdos produzidos por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual, cursos como Educação sem homofobia, caderno *Escola sem homofobia* e outros que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pertencente ao gabinete da Presidência da República.

1ª oficina: gênero

Iniciar a problematização da questão de gênero a partir da questão 42 do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015, caderno azul, que apresenta em seu enunciado a seguinte frase de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, ano apud ENEM 2015, p.15).

Estabelecer um debate sobre as representações de gênero a partir de duas peças publicitárias de lingerie estreladas por Gisele Bündchen.

2ª oficina: sexualidades diferentes da heteronormatividade

Problematizar as relações sexuais diferentes da heteronormatividade e apresentar a diversidade das relações afetivas e sexuais. Ou seja, demonstrar que desejos e relações diferentes do heteronormativo são éticas e não se justifica qualquer discriminação.

Ilustrar a apresentação a partir de um vídeo de música da banda norte-americana *Munford & Sons*, com o clipe *Hopeless wanderer*, que contém uma cena que apresenta um beijo entre dois homens.

3ª oficina: homofobia

Promover uma reflexão sobre a homofobia e os diferentes níveis de violência que esse envolve esse conceito.

Para ilustrar esse problema, bem como debatê-lo indicamos a apresentação do vídeo *Le parcours*, produzido pela organização *Inter-LGBT*, com sede na França, e que mostra em

pouco mais que dois minutos o desconforto e o sofrimento de alguém submetido a esse tipo de violência.

Questões a serem exploradas:

- 1) Já percebeu atitudes homofóbicas na escola?
- 2) Qual a postura da escola quando ocorre alguma ofensa contra estudantes homossexuais?
- 3) Qual sua opinião sobre assuntos relacionados a gênero, sexualidades e homofobia na escola?

4ª oficina: respeito as diferenças

Abordar a noção de diferença como um direito, afirmando que a escola pode desempenhar um papel importante no reconhecimento desse direito e na convivência com as diferenças.

Para ilustrar essa ideia sugerimos o vídeo *O mundo tá chato*, do canal do Youtube *Porta dos fundos*, que apresenta um personagem machista, homofóbico e racista se lamentando das reações de indignação ao seu comportamento, o que o leva ao desabafo diante da indignação dos colegas de trabalho de que o mundo está muito chato e intolerante com ele.

Questões a serem exploradas;

- 1) Por que o nosso país em si é machista e não compreende que duas pessoas do mesmo sexo não pode ser feliz e constituir um família normal em termos leigos, este é um dos grandes problemas que estas pessoas passam diariamente.
- 2) Por que quando eles veem ou descobrem uma coisas dessas elas não sabem lidar só sabem rejeitar por causa que o próprio preconceito leva a ele uma maneira de aceitar.
- 3) Porque a maioria da sociedade acha que só existe um relacionamento saudável se caso as pessoas forem do sexo oposto.

5ª oficina: gênero e ruptura

Promover uma discussão e uma reflexão sobre estudos de gênero, a partir de um vídeo que mostra a forma pela qual duas mulheres negras romperam as representações históricas e culturalmente atribuídas às mulheres e a partir desse vídeo estender a discussão sobre outras rupturas como o não reconhecimento automático entre sexo biológico e gênero.

Para iniciar a discussão sugerimos um vídeo sobre o a trajetória da cantora Elza Soares e da judoca Rafaela Silva, disponíveis na plataforma do youtube.

Questões a serem exploradas:

- 1) O que você entende sobre estudos de gênero?
- 2) Argumente se você é contra ou a favor dos estudos de gênero

6ª oficina: debate e avaliação

Avaliar as discussões realizadas em sala por meio de grupos de debates. Solicite que os estudantes favoráveis e contrários apresentem seus pontos de vistas sobre as questões de gênero, sexualidades e homofobia.

Para uma maior efetividade da abordagem é imperativo que se considere os seguintes posicionamentos e situações que observamos em nosso trabalho: 1) posicionamentos contrários de parte dos professores; 2) naturalização da homofobia; 3) experiências e proximidade afetiva com LGBTs; 4) desconhecimento e 5) religiosidade como eixo para ações de homofobia e indiferença.

Espera-se com essas oficinas que os estudantes ampliem sua compreensão sobre questões de gênero, sexualidades e homofobia, se qualificando para atuarem como cidadãos na promoção de uma sociedade inclusiva. Dessa forma, disseminando o conhecimento já disponível sobre a dinâmica a que estamos sujeitos, verificamos que as relações de poder dessa dinâmica produzem efeitos múltiplos, não doutrinários.

Referências de apoio:

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil:** ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil sem homofobia:** programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

NOGUEIRA, P. H. Q.; D'ANDREA, A. C. E. **Juventudes, sexualidades e relações de gênero.** Belo Horizonte, UFMG, 2014.

Vídeos:

O filme *Homofobia nas escolas-Bullying* é um pequeno vídeo que traz a dimensão da homofobia na sala de aula. Disponível em:<http://www.youtube.com/watch?v=BxEM2IySYVo>

O filme *Le parcours* é um vídeo de pouco mais de dois minutos que convida o espectador a habitar a pele de um indivíduo LGBT e as situações de bullying que sofre. Este vídeo está

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SDs5o19jRPg>

O vídeo das peças publicitárias em que a modelo Gisele Bündchen é apresentada como uma personagem que reforça os estereótipos sexistas contra mulheres está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RekIsfOkZC8>

Vídeo do grupo *Munford & Sons*, com o clipe *Hopeless wanderer*, que contém uma cena que apresenta um beijo entre dois homens. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rId6PKIDXeU>

REFERÊNCIAS

ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil**. 2016. Disponível em: www.abep.org. Acesso em: 12 fev 2018.

AGUILAR, Márcia; GONÇALVES, Josiane. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Conhecimento online**, Novo Hamburgo, a. 9, v. 1, jan./jun.2017. <http://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/460> Acesso em: 02 agosto de 2017

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, 36 (129), p. 637-651, 2006. Disponível em: "<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>". Acesso em: 20 set. 2016.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, J. B. de. **A (des) construção do discurso do corpo homossexual masculino: uma trajetória histórica da desnaturalização dos dispositivos de poder**. 2011. N° páginas 105. Dissertação (Mestrado...) – MACKENZIE, São Paulo, 2011.

ARAÚJO, Rubenilson Pereira de. **Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de práticas discursivas e de (não) subjetivação no contexto escolar**. 2011. Dissertação de mestrado. UFT, Palmas, 2011.

ASINELLI-LUZ, A.; CUNHA, J. M. Percepções sobre a discriminação homofóbica entre concluintes do Ensino Médio no Brasil entre 2004 e 2008. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 87-102, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

BALTHAZAR, Adriana Maria Shad e. **O lugar do silêncio na violência homofóbica: o dizível e o indizível nas narrativas de sofrimentos**. 2012. Dissertação de mestrado. UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

BASTOS, Gustavo Grandini; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. A homofobia em discurso: direitos humanos em circulação. **Linguagem em (Dis)curso**– LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 11- 24, jan./abr. 2017.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista de Estudos Feministas**, (19) 2, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador. EDUFBA, 2017.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A pesquisa psicológica: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. **Título do livro**. Local: Editora, 1998..

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Coleção Ciências da Educação. Tradução Maria Teresa Estrela e Albano Estrela. Portugal: Ed Porto, 1994.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BORGES, Z. N. ; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRASIL. Gênero e diversidade na escola: **Reconhecer diferenças e superar preconceitos**. In: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), Brasília, 2007.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Orientação sexual**. Brasília, Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.
- BUTLER, J. **The backlash against “gender ideology” must stop**. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/2019/01/judith-butler-backlash-against-gender-ideology-must-stop>. Tradução: Felipe Demetri e Ana Hining. **Reação contra a “ideologia de gênero” deve ser contida**. Disponível em: <https://medium.com/@felipedemetri/judith-butler-a-rea%C3%A7%C3%A3o-contra-a-ideologia-de-g%C3%A3o-deve-ser-contida-8a2855b6bf44?fbclid=IwAR1RMjQh7mmJFHyXDhZodTLPSchd2ii8JtGzFi4T1W577-i2mU7lxDphI6g>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- CARREIRA, D. **Igualdade e diferenças nas políticas educacionais: a agenda das diversidades nos governos Lula e Dilma**. 2015. Tese (Doutorado...) – USP, São Paulo, 2015.
- CASSAL, L. C. B. **Tiros, lâmpadas, mapas e medo: cartografias da homofobia como dispositivo de biopoder**. 2012. Dissertação (mestrado) UFRJ, Rio de Janeiro. 2012.
- CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- COSTA, P. F. **Os patamares de adesão das escolas à educação sexual**. 2012. Tese (Doutorado). USP, São Paulo, 2012.
- CRESWELL, J. W. Seleção de um projeto de pesquisa. In: SOBRENOME, nome (Org.). **Projeto de pesquisa**. 3a ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 25-47.
- DANILIAUSKAS, M. **Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de**

educação: uma análise do programa Brasil sem Homofobia.2011. 160 páginas. Dissertação (Mestrado...) – USP, São Paulo, 2011.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

FERNANDES, F. B. M. **A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)**. 2011. 419 páginas. Tese (Doutorado...) – UFSC, Florianópolis, 2011.

FILHO, R. E. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **cadernos pagu**(46), janeiro-abril de 2016. p. 311-340.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 243-276.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

HALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidade, salud y sociedade**- revista latinoamericana n13, abr. 2013-p.69-82.

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. “Introdução: ciências sociais e sexualidade”. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 7-17.

HENRIQUES, R. et al. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. **Cadernos Secad**, 4, p. 9-87, 2007.

JOCA, A. M. **Diversidade sexual na escola:** um “problema” posto à mesa.2008. 117 páginas. Dissertação (Mestrado...) – UFC, Fortaleza, 2008.

JUNIOR, Jonas Alves da Silva. **Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade**. 2010. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2010.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia na escola: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p. 13-51.

LIBERATO, L. V. D. **Um estudo a respeito dos documentos produzidos para os cursos de capacitação no campo LGBT:** algumas reflexões em educação.2012. 214 páginas. Dissertação (Mestrado...) – UFPR, Curitiba, 2012.

LONGARAY, Deise Azevedo. **Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem”:** um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e de gênero. 2010. Dissertação de mestrado. FURG, Rio Grande, 2010.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p. 85-94.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, 1997.

LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais. In: Costa, M. V. (Org). O currículo nos limiares do contemporâneo. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARSIGLIA, Denyz Munhoz. **Silêncio e invisibilidade: a atitude discriminatória de professores diante da homossexualidade na escola.** 2009. Dissertação de mestrado. UNINOVE, São Paulo, 2009.

MEIRELES, Ariane Celestino. **Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória.** 2012. Dissertação de mestrado. UFES, Vitória, 2012.

MELLO, L. ; AVELAR, R. B. ; MAROJA, D. Por onde andam as Políticas Públicas para a População LGBT no Brasil. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 27 Número 2 - Maio/Agosto 2012.

MOURA, M. K. M. de. **Educação e Direitos Humanos: o caso do Programa Brasil sem Homofobia.** 2012. 90 páginas. Dissertação (Mestrado...) – Universidade Metodista, São Paulo, 2012.

Nardi, H. ; Quartiero, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidade, salud y sociedade-** revista latinoamericana, n 12ago. 2012 - pp.59-87.

NASCIMENTO, Marcela Fernandesdo. **Representações sociais de sexualidade por alunos e professores de ensino médio.** 2012. Dissertação de mestrado. UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SA, Rio de Janeiro, 2012.

NETO, Luis Ramires. **Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no ensino médio em São Paulo.** 2006. Dissertação de mestrado. USP. São Paulo, 2006.

NETO, O. C. O. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 51-66.

NOGUEIRA, P. H. Q.; D'ANDREA, A. C. E. **Juventudes, sexualidades e relações de gênero.** Belo Horizonte, UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Danielle Coenga. **Se fosse normal, Deus teria criado Adão e Ivo!: a homofobia e a produção e regulação do sexo/gênero.** 2011. Dissertação de mestrado. UNB, Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Marcia Betânia. Pós-estruturalismo e teoria do discurso: perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo. **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. **Gênero e sexualidade na TV Escola: cartografia de um**

currículo. 2011. Tese de doutorado. UNB, Brasília, 2011.

ORIANI, Valeria Pall. **Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas.** 2015. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2015.

PAMPLONA, Renata Silva. **O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual.** 2012. Dissertação de mestrado. UFSCar, São Carlos, 2012.

PEREIRA, Francisco Diemersonde Souza. **Corpos controlados, práticas costumeiras: homofobia e violência na escola.** 2012. Dissertação de mestrado. UNIT, Aracaju, 2012.

PETERS, Michael. **Pós-esruturalismo e filosofia da diferença.** Uma introdução. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

PRETI, D. **Análises de discursos orais.** 4 ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

QUARTIERO, E. T. **A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas.** 2009. 146 páginas. Dissertação (Mestrado...) – UFRS, Porto Alegre, 2009.

RIZZATO, Liane Kelen. **Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a partir de relatos da prática docente.** 2013. Dissertação de mestrado. USP, São Paulo, 2013.

ROHDEN, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009.

ROSELLI_CRUZ, A. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 73-85, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

ROCHA, K. dos A. **Da política educacional à política da escola: os silêncios e os sussurros da diversidade sexual na escola pública.** 2012. Nº páginas. Dissertação (Mestrado...) – UNESP, Marília, 2012.

ROCHA, L. T. L. **Norma de gênero e instituição escolar: um estudo sobre estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte.** 2012. 174 páginas. Dissertação (Mestrado...) – UFMG, Belo Horizonte, 2012.

SALES, S. R. ; PARAISO, M. A. ; O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

SALIH, SARA. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução de Guacira Lopes Louro. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2015.

SALOMON, A. S. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Tradução Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araujo e Pedro Maia Soares. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

SANTANA, Hiller Soares. **Questões de gênero e sexualidade no currículo escolar**. 2013. dissertação de mestrado. UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Dário Azevedo dos. **Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém**. 2015. Tese de doutorado. UFPA, Belém, 2015.

SANTOS, Raquel Alexandre Pinho dos. **“Isso é o que não mudou ainda”: diversidade sexual, homofobia e cotidiano escolar**. 2011. Dissertação de mestrado. PUC, rio de Janeiro, 2011.

SENA, Fabiana Aguiar de Castro. **Violência simbólica em instituições escolares: sua repercussão na formação do habitus de homossexuais masculinos**. 2011. Dissertação de mestrado. UEM, Maringa, 2011.

SEPULVEDA, Denize. **Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias**. 2012. Tese de doutorado. UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Aline Ferraz da. **Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola**. 2008. Dissertação de mestrado. UFPEL, Pelotas, 2008.

SILVA, Claudio Roberto da. **A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da "cultura do respeito" aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo**. 2010. Dissertação de mestrado. USP, São Paulo, 2010.

SILVA, Fernando Guimarães Oliveira Da. **Vozes (des)veladas... Memórias de homossexuais sobre práticas Escolares**. 2015. Dissertação de mestrado. UEMS, Paranaíba, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 73-102

SILVA, R. C. P.; NETO, J. M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, 12 (2), p. 185-197, 2006.

SOUZA, E. J. ; SILVA, J. P. ; SANTOS, C. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(2): 519-544, maio-agosto/2017.

SOUZA, Elaine de Jesus . **Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações Sociais de educadores/as da educação básica**. 2015. Dissertação de mestrado. UFS, São Cristóvão, 2015.

SOUZA, J. M; SILVA, J. P; FARO, A. *Bullying* e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 19, Número 2, Maio/Agosto de 2015: 289-297.

SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico**. 2013. Dissertação de mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2013.

SOUZA, M. I. de. **Sociedade da diversidade e a demanda por subjetividades inclusivas: a necessidade de resistir**. 2011. 211 páginas. Tese (Doutorado...) – Universidade Metodista, Piracicaba, 2011.

SUNG, J. M. Prosperidade sim, família homossexual, não! A nova classe média evangélica. **USP Psicologia**. 2015. I volume 26 I número 1 I 43-51.

Teixeira, F. S. ; MARRETO, C. A. R. ; SANTOS, E. N. ; MENDES, A. B. Homofobia e Sexualidade em Adolescentes: Trajetórias Sexuais, Riscos e Vulnerabilidades. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2012, 32 (1), 16-33.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 725-742, dez. 2011.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saúde e sociedade**, v. 21, n. 3, p. 651-667. São Paulo, 2012.

Apêndice

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (ESTUDANTE HOMOSSEXUAL)

Dados do participante

Nome (fictício): _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Religião: _____

- 1- Como você se define, em termos de sua identidade?
- 2- Com que idade você sentiu que era homossexual? _____ anos.
- 3- Descreva o seu sentimento em relação a sua sexualidade.
- 4- Como foi o processo de se assumir? E o processo de aceitação?
- 5- Você teve algum apoio, alguma ajuda? (publicações de mídia LGBT, sites, psicólogos, etc.).
- 6- Como você lidava com os seus sentimentos antes de se assumir? E atualmente?
- 7- Já se sentiu discriminado?
- 8- Como é seu relacionamento com os seus familiares? Que pessoas apoiam sua decisão de se assumir? Assumir facilitou se defender do preconceito? Ou aumentou a discriminação? Não sentiu diferença?
- 9- Em sala de aula, já sofreu algum tipo de assédio moral?
- 10- Em relação aos abusos decorrentes de sua identidade sexual, como os professores se manifestavam?
- 11- A escola já teve que intervir para resolver algum problema referente a possíveis atos de discriminação e desrespeito em razão de sua identidade sexual?
- 12- O que você considera mais importante em uma família?
- 13- Você tem alguma religião? Se sim, é praticante? Como sua religião vê a sua sexualidade? Como você lida com os valores morais da igreja cristã?
- 14- Como é sua vida social?
- 15- Os lugares em que você se encontra com seus amigos costumam ter identidade LGBT?
- 16- Como você é na escola?
- 17- Você se sente a vontade na escola, com sua sexualidade?
- 18- Você percebe se a escola sente algum desconforto em relação a sua sexualidade?
- 19- A escola possui algum grupo de apoio aos estudantes LGBT? Se no caso a escola não possuir, você gostaria que ela criasse um? Por quê?
- 20- Você já foi vítima de homofobia? Conte-me. Já soube de alguém que já sofreu?

- 21- O que você pensa a respeito das ofensas pessoais? Se você é ofendido (a), que termos as pessoas costumam te chamar e como você se sente em relação a isso?
- 22- Qual é a maior dificuldade que você enfrenta no ambiente escolar?
- 23- Como você se sente quando há a separação de meninos e meninas para a realização de determinada atividade na escola?
- 24- Você acha que os professores e funcionários da escola estão preparados para receber os estudantes LGBT?
- 25- Você lembra como era o seu comportamento no ensino fundamental?
- 26- Seus pais participam das reuniões escolares? Isso tem algum valor para você?
- 28- Você conhece estudantes que não se assumem (homossexuais)? Quais seriam as dificuldades desses estudantes?
- 29- O ambiente escolar é propício para se assumir? É mais acolhedor que outros ambientes frequentado por jovens? Qual ambiente você julga mais acolhedor?
- 30- Acha que seria importante estudos de gênero e sexualidade nas escolas?
- 31- O que poderia ser feito para melhorar o ambiente escolar em relação a estudantes LGBT?
- 32- Agora que estamos encerrando a entrevista, gostaria de saber sua opinião sobre essa entrevista e sobre o tema da pesquisa.
- 33- Que sugestões você daria para melhorar esse roteiro de entrevista?

Apêndice B

Roteiro de Entrevista Semiestruturada (estudantes que participaram das oficinas)

Nome (fictício): _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Religião: _____

- 1- O que você entende por homossexualidade?
- 2- Se você tiver que explicar para alguma pessoa o que é homossexualidade, ou como é uma pessoa homossexual, o que você diria a essa pessoa? Em sua opinião, qual é a origem da homossexualidade?
- 3- já presenciou práticas homofóbicas?
- 4- Como você percebe a relação de estudantes homossexuais com os professores?
- 5- Você já vivenciou alguma cena de homofobia por parte de professores ou colegas? Se sim, conte-me em detalhes como foi que aconteceu. Que pessoas estavam envolvidas nesse acontecimento? Como você se sentiu presenciando tudo? Você teve alguma reação? O que pensa disso? O que aconteceu depois? Que consequências esse fato teve?
- 6- Quem são as pessoas que mais ofendem homossexuais? Como são essas ofensas? Como ele reage? O que você pensa sobre isso? Você acredita que é possível evitar essas hostilidades? Como? O que poderia combater isso e evitar que isso acontecesse outras vezes?
- 7- Como eles (Homossexuais) enfrentam as situações de discriminação?
- 8- Já presenciou alguma situação (de ofensas) que foi mais marcante para você? Por quê?
- 9- Qual é a postura dos professores quando ocorre alguma ofensa contra estudantes homossexuais? Eles interferem ou não? Se sim, como? O que você pensa disso?
- 10- Você se sente discriminada(o) por outras pessoas pelo fato de ter amizade com homossexuais?
- 11- Você acha que os alunos, professores e demais funcionários da escola estão preparados para receber os alunos LGBT ? Por quê? O que precisaria acontecer para as pessoas pudessem conviver melhor com esses alunos?
- 12- Você se incomodaria se uma aluna transexual utilizasse o banheiro feminino?
- 13- Qual é sua opinião sobre a educação sexual na escola? Você acha necessário tratar de assuntos relacionados ao gênero e sexualidade na sala de aula? Por quê?
- 14- O que você acha que deve ser mudado na escola em relação a esse assunto?

15- Agora que estamos encerrando a entrevista, gostaria de saber sua opinião sobre essa entrevista e sobre o tema da minha pesquisa.

16- Que sugestões você daria para melhorar esse roteiro de entrevista?

17- Para preservar sua identidade, ao escrever meu relatório científico com os resultados desta pesquisa eu não poderei mencionar o seu nome verdadeiro, mas sim um nome fictício. Você poderia me sugerir um nome com o qual eu posso identificá-la(o) em meu estudo?

18- Você gostaria de me perguntar alguma coisa?

Apêndice C

Roteiro de Entrevista Semiestruturada (professores)

Dados do participante

Nome (fictício): _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Religião: _____

- 1- O que é homossexualidade para você?
- 2- Durante a sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que discutiu temas relacionados a gênero e sexualidade?
- 3- Você acha importante que os professores tenham uma preparação com palestras, discussões em grupo, leituras para uma melhor compreensão a respeito de atitudes éticas para receber os alunos LGBT?
- 4- Como é a sua vivência como professor(a) desses alunos homossexuais?
- 5- Você tem alguma religião? Ela tem alguma influência no seu modo de agir com esses alunos?
- 6- Você já sentiu alguma dificuldade em se aproximar desses alunos?
- 7- Você já vivenciou alguma cena de preconceito com esses alunos?
- 8- Você acha que os outros professores estão preparados para lidar com essa sexualidade homoerótica? O que você pensa a respeito disso?
- 9- O que você percebe na relação entre os demais alunos com os alunos homossexuais?
- 10- Você acha necessário tratar de assuntos relacionados a gênero e sexualidade na sala de aula? Por quê?
- 11- Como você vê a concepção dos outros professores em relação aos alunos homossexuais?
- 13- A direção e a coordenação da escola participam da vivência escolar desses alunos?
- 13- Os pais desses alunos costumam estar presentes nas reuniões escolares?
- 14- Como é o desempenho desses alunos? Você acha que a identidade deles tem alguma influência?
- 15- Qual é a sua expectativa em relação a esses alunos?
- 16- Agora que estamos encerrando a entrevista, gostaria de saber sua opinião sobre essa entrevista e sobre o tema da pesquisa.
- 17- Que sugestões você daria para melhorar esse roteiro de entrevista?
- 18- Para preservar sua identidade, ao escrever meu relatório científico com os resultados desta

pesquisa eu não poderei mencionar o seu nome verdadeiro, mas sim um nome fictício. Você poderia me sugerir um nome com o qual eu posso identificá-la(o) em meu estudo?

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE
Para menor ou pessoas vulneráveis

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o termo de consentimento livre e esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia; identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa. Os jovens que participarão dessa pesquisa têm de **16 a 17** anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na **E.E. Fausta Garcia Bueno**, onde os jovens responderão um questionário sociodemográfico e serão desenvolvidas seis oficinas abordando a temática das sexualidades não heteronormativas, discriminação e homofobia. Durante essas oficinas, pretende-se identificar estudantes e professores que queiram participar de discussões sobre sexualidade e homofobia. Para isso, será usado/a Nas oficinas, filmes e textos cuja temática aborde questões ligadas à sexualidade não heteronormativa e homofobia, selecionados a partir do que foi produzido por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual. São produtos que surgem para combater o sexismo e a homofobia nas escolas e que servem de embasamento para futuras ações que possam vir a realizar. como aqueles produzidos a partir do Plano Brasil sem Homofobia, cursos como Educação sem homofobia, caderno Escola sem homofobia e outros que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pertencente ao gabinete da Presidência da República. O uso desse material é considerado seguro, mas é possível ocorrer **conflitos morais e choque de valores**. **Este documento foi feito em duas vias, uma ficará com você e outra comigo**. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones **(67) 9.xxxxx** do pesquisador **Flávio Luiz Pezzi Gouvea** que será disponibilizado à direção da Escola e aos participantes diretamente.

Mas há coisas boas que podem acontecer como **a ampliação da compreensão sobre os**

fenômenos que envolvem questões de gênero, sexualidades e homofobia; respeito e tolerância. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os jovens que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. **Flávio Luiz Pezzi Gouvea.** Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**, que tem o objetivo de analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia.; identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa. Entendi todas as coisas que podem acontecer, entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir de ser um participante da pesquisa. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento li e concordo em participar da pesquisa.

Campo Grande, ____ de _____ de _____ 2018

Assinatura do menor

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome completo do pesquisador: Flávio Luiz Pezzi Gouvea

Telefone para contato: (67) 9.9xxx-xxxx

E-mail: flpezzi@gmail.com

Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Os estudantes da E.E. Fausta Garcia Bueno foram convidados a participarem da pesquisa: **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS** na qual queremos analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia; identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa. Os jovens que participarão dessa pesquisa têm de **16 a 17** anos de idade. Você não precisa autorizar a participação se não quiser, é um direito seu e não terá problema algum se autorizando, posteriormente vier a desistir. A pesquisa será feita com estudantes do 3º ano do ensino médio, onde os jovens responderão um questionário sociodemográfico e serão desenvolvidas seis oficinas abordando a temática das sexualidades não heteronormativas, discriminação e homofobia. Durante essas oficinas, pretende-se identificar estudantes e professores que queiram participar de discussões sobre sexualidade e homofobia. Para isso, será usado/a Nas oficinas, filmes e textos cuja temática aborde questões ligadas à sexualidade não heteronormativa e homofobia, selecionados a partir do que foi produzido por políticas públicas indutoras de ações voltadas para atender reivindicações de grupos LGBT e pesquisadores que estudam questões de gênero, homofobia e diversidade sexual. “São produtos que surgem para combater o sexismo e a homofobia nas escolas e que servem de embasamento para futuras ações que possam vir a realizar” (NOGUEIRA; D'ANDREA, 2014, p. 39)⁴, como aqueles produzidos a partir do Plano Brasil sem Homofobia, cursos como Educação sem homofobia, caderno Escola sem homofobia e outros que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pertencente ao gabinete da Presidência da República. O uso desse material é considerado seguro, mas é possível ocorrer constrangimentos, cansaço, **conflitos morais e choque de valores, mas a qualquer momento se necessário o participante pode interromper a entrevista e retornar quando quiser. Este documento foi feito em duas vias, uma ficará com o(a) senhor(a) e outra comigo.** Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones **(67)9.xxxxx** do pesquisador **Flávio Luiz Pezzi Gouvea**.

⁴ NOGUEIRA, P. H. Q.; D'ANDREA, A. C. E. **Juventudes, sexualidades e relações de gênero**. Belo Horizonte, UFMG, 2014.

Mas há coisas boas que podem acontecer como **a ampliação da compreensão sobre os fenômenos que envolvem questões de gênero, sexualidades e homofobia; respeito e tolerância.** Ninguém saberá a identidade dos estudantes que estarão participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que forem obtidas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os jovens que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou a pesquisador (**NOME**). Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu _____, responsável legal pelo estudante _____ autorizo sua participação na pesquisa **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**, que tem o objetivo de analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia.; identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa. Entendi todas as coisas que podem acontecer, entendi que posso dizer “sim” e autorizar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desautorizar sua participação na pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de consentimento li e concordo com sua participação.

Campo Grande, ____ de _____ de _____ 2018

Assinatura do menor

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome completo do pesquisador: Flávio Luiz Pezzi Gouvea

Telefone para contato: (67) 9. xxxx-xxxx

E-mail: flpezzi@gmail.com

Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS** voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador **Flávio Luiz Pezzi Gouvea**, a qual pretende analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia.; identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas; descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar; apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade; apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa.

Sua participação é voluntária e se dará por meio do preenchimento de um **formulário de dados sociodemográficos** que favorece a coleta de informações específicas, como itens de conforto doméstico e grau de escolaridade do chefe da família (Critério de Classificação Econômica Brasil). Em linhas gerais, são coletados dados referentes à idade dos participantes, escolaridade, profissão/ocupação, renda familiar, religião, situação conjugal, número de filhos, composição da família de origem e/ou constituída; **roteiro de entrevista semiestruturada**: elaborado a partir dos objetivos deste estudo e dividido em três versões: um para estudante homossexual, uma para os colegas de classe e outra para os professores, sendo composto por questões que pretendem investigar a temática, priorizando-se a qualidade da interação entre entrevistado e entrevistador de modo a favorecer respostas mais espontâneas na exploração de assuntos mais complexos. Os encontros serão realizados individualmente, em situação face a face, em ambiente da escolha do participante e ao longo de um período a ser definido conforme a necessidade. As entrevistas, assim como as oficinas, serão audiogravadas mediante a aprovação dos participantes. Em seguida, o conteúdo será transcrito literalmente e na íntegra de acordo com normas já estabelecidas. O uso desse material é considerado seguro, mas é possível ocorrer constrangimentos, cansaço, **conflitos morais e choque de valores, mas a qualquer momento se necessário o participante pode interromper a entrevista e retornar quando quiser. Este documento foi feito em duas vias, uma ficará com o (a) senhor(a) e outra comigo.** Se o (a) Sr (a) aceitar participar, contribuirá para **a ampliação da compreensão sobre os fenômenos que envolvem questões**

de gênero, sexualidades e homofobia; respeito e tolerância.

Se depois de consentir sua participação na pesquisa o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo sem prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será sempre mantida em sigilo.

Eu, _____, fui informado e aceito participar da pesquisa: **VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS**, onde o pesquisador Flávio L. Pezzi Gouvea me explicou como será toda a pesquisa de forma clara e objetiva.

Campo Grande, de de 2018

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador: Flávio Luiz Pezzi Gouvea

Telefone para contato: 9.xxxx-xxxx

E-mail: fpezzi@gmail.com

Para sanar dúvidas a respeito da Ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: 3902-2699 ou cesh@uems.br.

Transcrição das entrevistas

Informo ao leitor que os nomes adotados são fictícios a fim de proteger a identidade das professoras.

Entrevista com Angélica

Pesquisador:- Vamos, vamos começar? Posso fazer algumas perguntas? No dia em que você se apresentou você se identificou como uma menina com orientação homossexual, correto?

Angélica:- Sim, isso mesmo.

Pesquisador:- Quando você sentiu que era diferente, que tinha uma sexualidade diferente das outras meninas?

Angélica: - Com 12 anos de idade, porém eu não me aceitava, não me aceitava eu mesmo.

Pesquisador:- Havia alguma pressão externa?

Angélica:- Eu mesma não me aceitava, não era questão de pressão externa era porque eu sempre fui, vamos dizer, o “orgulho da família”. Então para mim isso era errado, eu não podia ter esse pensamento, quando eu tinha esses pensamentos quando eu olhava uma pessoa diferente eu pensava comigo: não, isso eu não posso, vou desapontar minha família.

Pesquisador: - E para se assumir, como foi?

Angélica: - Bom, eu tive um envolvimento com o esporte, que foi o futebol, e minha tia que eu morava era contra eu jogar bola até, então eu continuei, né, mesmo assim! E depois eu fui morar com uma outra tia minha onde ela começou com insinuações, perguntava, perguntava se havia alguma coisa diferente comigo, se eu era lésbica? E aí, eu com 15 anos de idade, ela fez uma provocação onde eu caí, aí eu falei, aí ela mandou eu ir embora de casa.

Pesquisador: - E por que você morava com ela?

Angélica:- Porque a minha mãe sofreu um acidente quando eu tinha 12 anos de idade e nesses 12 anos eu morava em Anastácio com uma outra tia minha porque no entanto eu era menor e a minha mãe teve que ficar internada, aí eu fui cuidada por tias.

Pesquisador: - E a sua mãe agora?

Angélica: Eu moro com ela, eu vim embora com a minha mãe quando eu tinha 16, 17 anos.

Pesquisador: - Você já tinha se assumido?

Angélica: - Eu assumi com 15 anos, mas para minha mãe não, não assumi por causa da doença, porque com o acidente que ela teve, ela bateu a cabeça e aí ela já tinha depressão. Aí eu preferi não contar, quando ela melhorou

mais, depois de anos tomando remédio ela recebeu comentários da minha tia, aquela mesma que não me aceitava. Então ela chegou em mim e falou do jeito meio bruto, mas ela falou e aí eu falei que era verdade e hoje ela não me aceita, mas ela também não me mandou embora de casa nem nada. Agora ela só tem a mim, né! Então quer dizer que ela tolera, né! E eu respeito o ambiente dela, não levo ninguém em casa.

Pesquisador:- Você já se sentiu discriminada, se sente discriminada?

Angélica: - Eu me sinto, assim, dependendo das ocasiões e dos lugares. Sabe, porque se eu tô em casa com a família, assim, eu procuro não transparecer, não tocar no assunto. Eu só falo o que eles dão liberdade, entende? Na rua, bastante as pessoas não aceitam, né? E serviço também, na escola quando eu cheguei também, aí eu levo essas coisas na esportiva, né!

Pesquisador: -Você tem namorada?

Angélica:-Tenho

Pesquisador: -E vocês têm receio de demonstrar algum afeto em público?

Angélica:- Na verdade eu tenho minha própria consciência de que eu vou me mostrar em público em um ambiente que é pra mim. As vezes a gente sai de mão dada, normal. Nada de ficar de pegação, de beijação como as pessoas pensam que é, nem nada. A gente tem o nosso lugar e a gente respeita o ambiente alheio.

Pesquisador:- Se o ambiente público fosse mais tolerante, você acha que poderia demonstrar afeto com a sua namorada?

Angélica: não, porque mesmo que fosse tolerante eu penso nas crianças. Ninguém é obrigado a ver, porque criança é uma coisa muito curiosa, então ela vai perguntar. Eu tenho para mim que eu tenho um pensamento muito diferente de todas as outras meninas que são iguais a mim. Porque eu via isso e eu achava errado, então eu não quero que alguém fique de pegação na frente de uma sobrinha minha, de uma prima minha. Isso me incomodaria, mesmo eu sendo(lésbica), me incomodaria. Se bem que as minhas sobrinhas são totalmente abertas, elas sabem, elas perguntam e elas dão benção até para a menina que está comigo.

Pesquisador: Já sentiu discriminação em sala de aula?

Angélica:- preconceito, não. Comentários do tipo: “a que desperdício, é porque nunca ficou comigo, não sei o quê”. Eu sempre tive uma opinião própria, eu nunca precisei de ficar com um homem para saber que eu gosto de mulher e sempre são os meninos que fazem esses comentários.

Pesquisador:- E os professores? Como eles lidam com a sua sexualidade?

Angélica:- A maioria dos professores, desde outras escolas, eu nunca deixei transparecer nem nada, eu nunca disse que eu era lésbica. As vezes rola comentário e às vezes teve professor que perguntou se era mesmo, teve professor que pegou e tipo, não se afastou, mas ele respeitou o meu espaço mesmo ele sendo contra, ele respeitou o meu espaço, brincava e nada mais. É o respeito, né?

Pesquisador:- O que você considera mais importante na família?

Angélica:- O respeito, eu prezo muito respeito na minha família. Que nem eu falei, eu só falo no assunto se eles tocarem, não que eu chegue fale. Eu só cheguei na minha família uma vez para falar de alguém, quando eu estava passando dificuldade com essa pessoa.

Pesquisador: você tem religião?

Angélica - Eu sou evangélica, mas eu não frequento. Eu acho um desrespeito. Tem gente que fala que não, mas eu não me sinto confortável dentro da igreja, mais não é que eu agrida a igreja, mas é para mim uma coisa, tipo, eu e Deus. As pessoas que estão dentro da igreja não interferem.

Pesquisador:- E sua vida social, frequenta algum espaço LGBT?

Angélica:- Eu frequentei bastante quando eu era novinha, eu queria conhecer bastante como era, mas hoje eu sou mais tranquila. Eu faço a minhas reunião na casa de alguém, em casa e tal. A gente faz reuniões e chama pessoas do nosso ambiente, entendeu? A gente se reúne em casa, na casa de amigos, de terceiros.

Pesquisador:- Você se sente à vontade com sua sexualidade na escola?

Angélica:- Eu me sinto, porque ninguém fala, assim diretamente, alguma coisa explícita. Só quando eu entrei mesmo, e depois eu me impus porque a minha vida quem tem que dar as coordenadas dela sou eu e não deixei ninguém falar da minha vida e então hoje eu me sinto bem à vontade. Eu chego, vou para minha sala e eu só converso com elas, com o pessoal da minha sala, então!

Pesquisador: -você acha que se impor ajudou ou se você escondesse essa sexualidade seria diferente?

Angélica:- Não, eu não esconderia porque antes mesmo de eu assumir, eu já não conseguia guardar isso de mim. Eu sempre quis a minha liberdade desde nova, então eu também não precisei me expor para escola, a não ser naquele dia do seminário que eu falei, mesmo porque foi uma opção minha falar, a professora mesmo me disse que eu não era obrigada a falar e eu me impus porque eu não gosto de falta de respeito, eu não falto com respeito no espaço

hétero. Mesmo porque, eu não dou em cima nem nada, entendeu? Muitas vezes é o contrário que acontece e as pessoas já pensam outras coisas, aí eu prefiro ficar na minha, sou tipo de pessoa que eu espero alguém chegar e vir falar comigo do que eu ir.

Pesquisador: -Você já tinha assumido em sala, mas não para a escola?

Angélica: -É, assumido em sala, mas não para a escola toda.

Pesquisador:- Você percebe se a escola, outros estudantes ou professor sente algum desconforto em relação a sua sexualidade?

Angélica:- Não, sobre minha sexualidade não. Eu acho que teve muito atrito quando começamos a falar do seminário sobre a homossexualidade porque pareceu que ninguém queria falar do assunto.

Pesquisador:- Quando começou a falar, então mexeu numa ferida?

Angélica:- A partir do seminário que as coisas, aí as pessoas começaram a tomar posicionamento contrário. Por isso que no dia do seminário eu fui meio que ignorante no final porque eu acho um absurdo, porque só quando é para falar, que nem eu falei lá, quando é para falar da relação sexual entre duas meninas ou entre dois homens é fetiche, é gostoso, todo mundo quer saber. Agora, quando era para fazer perguntas interessantes sobre uma coisa que as pessoas deveriam ter a mente mais aberta, não teve perguntas.

Pesquisador:- Você aprendeu alguma coisa que não sabia com esse trabalho ou o que você leu, você já sabia?

Angélica: - Não, o que eu sabia era bem pouco. Eu acho que eu deveria..., eu acho que eu deveria até me sentir envergonhada porque eu deveria saber mais sobre o meu mundo, entendeu? E foi bem interessante porque eu aprendi as coisas de outros países, né? Porque eu achava que o negócio era mais aqui, só que eu, ainda, até que dei graças a Deus que aqui, por mais que está no ranking que o Brasil é quase o segundo no mundo com maior preconceito, eu acho que outros países, pelo que eu estudei, é pior em questão de prisão, morte, violência, essas coisas.

Pesquisador: - E o que você acha desses movimentos como a parada do orgulho LGBT?

Angélica: Eu acho assim, que é um dia nosso, que é um dia de se divertir respeitando o espaço. Como eu sempre digo: sempre é necessário respeitar o espaço do próximo. Eu me revolto sim, às vezes eu mesma, assim, dentro do nosso mundo, às vezes nós mesmos somos homofóbicos porque eu não gosto de certas manifestações, que nem teve... Jesus Cristo, né! Que fizeram lá, eu não gostei daquilo, eu não gosto. Quando a gente tem o nosso momento, as

travestis, elas vão bem despidas, então eu acho isso o cúmulo do ridículo e acho que não tem necessidade disso, entende! Eu acho que é um dia que é para gente mostrar que é o nosso dia, não para a gente se aparecer, para a gente se aparecer a gente tem os nossos locais específicos para isso.

Pesquisador:- Quais são os espaços que você se informa sobre essas questões LGBT? Tem alguma página na internet, você conhece algum site que fale sobre questões LGBT?

Angélica:- Não, em questão a isso nunca procurei saber mesmo, é só tipo, quando tem... quando alguém compartilha algum link, tal! Aí eu vou ver.

Pesquisador:- Você participa de alguma rede social, Facebook, WhatsApp, Tinder?

Angélica:- Não, só WhatsApp e Facebook. Eu tinha feito uma conta no Twitter também, mas eu não sei mexer, não sei mexer naquele negócio, não gostei.

Pesquisador:- Como você se sentia quando separavam, desde a infância que ficou na sua memória, os meninos e meninas para jogar queimada ou outras brincadeiras? Como que você se sentia ou se sente em relação a isso?

Angélica:- Eu desde criança, eu brigava muito com menino, sabe? Porque eu não suportava os comentários, entendeu? Eu defendia as meninas.

Pesquisador:- Mas você era mais de ter amizade com os meninos ou com as meninas?

Angélica: Eu era, eu andava mais com as meninas, eu tinha, eu tinha amizade com os meninos para jogar bola, eu curtia jogar futebol e até hoje eu jogo. E eu jogo hoje no time de meninas, na escola quando era criança eu brincava com eles também e hoje em dia, na minha aula de educação física a gente tem as nossas atividades juntos e a gente joga normal, mas quando eu era menor eu andava com as meninas, mas jogava bola com os meninos. Sim, sim eu brincava com menina e com menino, eu não era assumida nem nada, não entendia desse negócio, era brincadeiras normais, não tinha nada de segundas intenções, eu brincava sim, era brincadeira normal.

Pesquisador:- você achava chata as brincadeiras das meninas, como que era?

Angélica:- Nunca optei por, tipo, uma preferência de brincadeira que não fosse do tipo, entendeu? Eu brincava de tudo, brincava de boneca, fazia vestidinho, roupinha, tudo normal, uma menina normal.

Pesquisador:- Você acha que a escola está preparada para receber alunos LGBT?

Angélica:- Então! Nessa questão de coordenação sim, mas em relação aos

alunos que estudam, nem todos. Os professores também, porque nenhum faltou com respeito do tipo: “Ah! Eu não quero”, nunca ouvi ninguém falar assim: “eu não quero aquele aluno ali porque ele é gay”. É mais os alunos mesmos, falta esse assunto dentro das salas.

Pesquisador:- Seus pais participam das atividades escolares?

Angélica:- Não. Minha mãe nunca participou, sempre quando eu tinha alguma coisa em relação a família, nunca ninguém vinha.

Pesquisador:- E como você se sente em relação a isso, essa ausência? Você acha que tem alguma coisa ou não tem nada a ver com a sua sexualidade?

Angélica:- Não, nunca teve nada a ver com a minha sexualidade. Não! Foi por conta que a minha vida foi difícil mesmo, ainda é. Desde criança por conta que meu pai não me criou, a minha mãe teve um acidente, eu fui morar com meus parentes e tudo mais, aí eu nunca tive esse envolvimento nem quando era para entrega de nota, essas coisas na verdade, quando era menor era só para isso que ia na escola, né? Agora que mudou um pouco, mas é só para isso mesmo, nunca eles, nunca foram chamados para nada não, e mesmo que tivesse convite para eles irem na escola eu não chamava porque eu não gostava.

Pesquisador:- Você conhece algum estudante gay, LGBT que não se assume?

Angélica:- Conheço, e as dificuldade para ele se assumir é porque o primeiro pensamento que vem é a família, porque eu conheço uma pessoa, ela é menor e aí se ela faz isso, para família e a família não apoia, entendeu? Ela pode ser mandada embora de casa igual eu fui, sei lá? Pode ter várias reações da família.

Pesquisador:- As reações contrárias é que impedem uma pessoa se assumir?

Angélica:- Sim, e definir também o que ela vai fazer a partir dali.

Pesquisador:- Qual o espaço mais fácil para se assumir? Dos espaços que você conhece, da escola, família, rua, trabalho qual é o mais fácil para se assumir?

Angélica:- Ah! Eu acho que entre amigos, dependendo do lugar que você vai. Sei lá, alguém que você sente que..., você se sinta confortável em contar, mas nem sempre é assim que acontece, nem você achando que você está ali com seu melhor amigo, você não consegue falar.

Pesquisador:- O que você acha que seria importante sobre questão de gênero e sexualidade na escola? O que você acha da escola trabalhar essas questões?

Angélica:- Eu acho que seria importante, é importante, mas também teria um

certo preconceito dos pais, porque para os pais isso é incentivar a criança a falar o que sente, o que é, entendeu? E muitos pais não aceitam, mas acho que seria importante porque ou ele ia se descobrir como pessoa ou ele ia ter um pensamento bom ao próximo, entendeu? E aprender a respeitar também, ou não. Ele ia mostrar também que não tá ali para isso, que ele não gosta de gente assim, que ele ia reagir diferente que nem houve no seminário. E muitas pessoas agiram diferente, teve pessoa que levantou e foi embora, não teve estômago para ouvir uma coisa que era tão simples e ninguém tava ali se mostrando, se pegando nem nada, era só um conteúdo.

Pesquisador:- E esse conteúdo, ele poderia ser ensinado para as pessoas, para os estudantes a partir de que série?

Angélica:- Ah, eu sei lá! Eu acho que sétimo, oitavo ano talvez. Vou para mais por uma questão de respeito, sabe? Não explicar abertamente o que é cada um, é só uma questão de respeito, é só de chegar e de falar existe pessoas assim, assim e assim. Não é falar: tem menina que gosta de menina, tem menino que gosta de menino. E não falando: “olha você tem que gostar”, não querendo impor, é só mostrando para eles que existem pessoas diferentes deles e que quando eles veem, eles não reagir de uma forma preconceituosa. Seria só esclarecer porque eu queria assim, que nem a minha sobrinha ela sabe de mim desde novíssima, novíssima, novíssima mesmo. Hoje em dia ela tem 12 anos e quando eu chego na casa dela com alguém ela da benção para mim e ela da benção para pessoa que está comigo, aí ela me chama no cantinho: “tia é sua namorada?” se é, eu falo, se não é eu falo também. E aí, por ela ter um gênio forte. Que nem eu, desde menina, sempre brinquei de boneca e tudo mais, ela não, ela gosta de carrinho, ela gosta de camiseta, só que ela chegou e falou para a mãe dela: “mãe eu não sou lésbica eu gosto de menino” aí são coisas invertidas. Agora, uma pessoa transparece ser uma menina, desde a infância e outras transparece ser um gênero mais masculino desde a infância e nem assim deixa de ser hetero. Eu acho que é isso que as pessoas ficam equivocadas. Mas como? Era uma menina, brincava de boneca e agora gosta de menina? Mas como? Não sei o que? Ela parece menino, ela vai ser sapatão? Não. A menina gosta de menino, e aí?

Pesquisador:- Você acha que é isso que a escola deveria explicar para os estudantes?

Angélica:- Ah... tem aqueles comentários assim, tipo, ah, por que você gosta de menina se você não se veste como um menino? Não era mais fácil você ficar com o menino, é questão de se... é questão de se sentir confortável

consigo mesmo. Eu não vejo necessidade de cortar meu cabelo curto ou de andar feito um menino, porém eu sou uma mulher, eu uso brinco, eu uso maquiagem, só que eu gosto de outra mulher.

Pesquisador:- O que poderia ser feito para melhorar o ambiente escolar em relação aos estudantes LGBT? Você acha que eles ficam muito isolados?

Angélica:- Não, não, não vejo gente isolado não. Eu tenho um sério problema de fazer amizade com pessoas assim... porque eu não gosto de gente, como que eu vou usar a palavra..., uma pessoa inconveniente, eu não gosto de gente inconveniente, entendeu? Não gosto de comentários intolerantes, aí eu já passo para ignorância eu não vou bater nem nada, mas simplesmente eu vou dar uma resposta que vai deixar a pessoa no canto dela.

Pesquisador:- Você acha que as pessoas que tem essa sexualidade, elas acabam meio que marginalizadas do convívio, ou só se misturam com pessoas que tem a cabeça mais aberta?

Angélica:- Vai de pessoa para pessoa. Tem pessoas que são muito tímidas e fica na dela e se não chegar nela para conversar, para saber da vida dela, ninguém vai saber. Que nem quando eu cheguei na escola, ficava na minha. Se a pessoa vir conversar comigo, brincar comigo eu brincava e às vezes também tem que ter moderação de brincar, porque às vezes as pessoas entendem errado. Eu já tive uma certa discussão com uma colega de sala porque ela brincava explicitamente comigo, aí eu retornava na mesma brincadeira, mas isso não quer dizer que eu queria pegar ela ou dar em cima dela, até ela me dá uma resposta dizendo: “ai, sai, eu não sou lésbica” aí eu peguei e fui e falei: “então você não brinque assim comigo porque você sabe que eu sou, só que não quer dizer que eu estou brincando assim com você, que eu estou dando em cima de você ou que eu te quero. Eu sei a sua opção sexual, você sabe a minha e acabou. Se Você misturou as coisas o problema é seu”.

Pesquisador:- você acha que menino é mais marginalizado que as meninas?

Angélica:- Os meninos são. Porque é questão de fetiche, de achar bonito. Para a sociedade, mulher com mulher, (e) para os homens é normal. Se a mulher do marido ver “ah! Não sei o quê” mas ele tá achando legal, pode ter certeza que ele está achando legal. Agora, quando é dois homens, os homens dão preconceito e já para o lado das mulheres, elas acham legal, elas vem principalmente se for dois gays, bonitos, elas falam: “ah! Que desperdício, que não sei o quê”, mas há comentários do tipo: “eu podia estar no meio, não sei o quê”, entendeu? É uma situação inversa dos homens.

Pesquisador:- Bacana, gostaria de me perguntar alguma coisa?

Angélica:- Não, estou bem tranquila mesmo, tá tudo certo.

Pesquisador:- Então Angélica, muito obrigado.

Angélica:- Que nada, obrigado a você. Tá tudo ok? Tchau, tchau.

Entrevista Margot

Pesquisador: Eu conversei com seus alunos sobre o seminário violência contra homossexualidade e eles falaram muita coisa e eu percebi que eles também utilizaram as informações das pesquisas para conversar comigo. Vários espaços na sociedade estão discutindo essa temática, a televisão, a igreja entre outras. Então eu queria perguntar o seguinte: Houve alguma dificuldade, como que você se sentiu quanto a reação dos alunos, como a de outros professores a essa proposta de discutir sexualidade e homofobia na escola?

Margot: Isso é um assunto muito abrangente, na realidade o título do seminário foi violência contra os homossexuais, porém é quase impossível você não tratar de outros assuntos como preconceito e discriminação, porque todos são atos de violência, mas o que me levou a fazer esse tipo de trabalho, né, ele não começou nesse seminário, sabe? Foi a minha chegada aqui na escola, então! A minha chegada aqui na escola, o que eu observei? Um grande número de jovens homossexuais, muito grande e também um espaço aonde eu ficava imaginando como ele se sentia, se ele estava inserido ou não, como que as pessoas observavam, como ele se sentia nesse espaço e para minha surpresa, assim! É porque é tão perceptível, né? No estereótipo, na aparência, essa presença dos homossexuais aqui. Eu fiz uma pesquisa, eu fiz uma pesquisa perguntando se alguns deles, alguma vez, no espaço escolar já havia sentido alguma rejeição, alguma discriminação e todos foram unânimes. Então falei: “bom, então é o momento da gente discutir esse assunto”. É polêmico? É polêmico. Houve uma resistência muito grande, inclusive eu me lembro de uma colega que colocou no grupo da escola assim: “que a diretora deveria tomar muito cuidado”, né? “Porque tinha professor tratando de assuntos tão perigosos”, né? “Que a direção poderia até responder por isso”. Obviamente, eu tudo que faço, tenho no meu planejamento. Eu faço esse planejamento, ele é aprovado pela coordenação e antes mesmo dele ser aprovado, eu conversei com a direção da escola, né? Então eles me deixaram muito à vontade para discutir, eles disseram: “você vai chutar muitas pedras, vai encontrar muitos problemas, você está preparada para isso?” Bom, preparado ninguém tá né? Mas toda ação tem uma reação e alguém vai ter que falar sobre isso. E com isso, aconteceu aquela grande discussão sobre a cartilha, né? Aquela cartilha famosa do programa lá do MEC que me parece que foi rejeitada, mas foi muito discutida que é o “Brasil contra homofobia”, então eu falei: “eu não vou

abordar isso aí, porque eu não tenho instrumento, porque é algo que está sendo elaborado, que está sendo discutido. Então eu vou ficar na questão do preconceito, da discriminação e da violência. Então eu observei que a grande discussão era, embora perceptível no andar, no falar, nos trejeitos, mas eles não eram assim, muito bem vistos, né? E eu quero deixar bem claro que a classe de professores, eu não vou generalizar, mas uma boa parcela é preconceituosa e nós temos aqui também homofóbicos, né? Então para falar sobre esse assunto você tem que se despir, então você tem que estar preparado.

Inclusive para minha surpresa, eu nem sabia que era sapatão, me rotularam como sapatão na escola, eu achei muito divertido porque para mim é uma grande surpresa, porque eu não sabia que era sapatão, porque um colega veio para mim e disse: “olha, tu fica apoiando essa conversa louca de homossexuais aí, estão dizendo que você é sapatão”. Aí eu disse, ai que legal! Porque eu não sabia, até eu vou estudar um pouco mais sobre essa atitude, porque eu me acho tão feminina pra ser considerada sapatão(risos). Porque eu não sabia, vou até no meu terapeuta para descobrir isso, né? Porque às vezes até o seu colega sabe e você não sabe (risos).

Este ano o grupo pediu que nós trabalhássemos alguns temas pertinentes, eu não sei se era uma determinação, porque eu já não faço mais parte do grupo. Daí eu fui convidada a me retirar do grupo do EJA até por conta, eu não tomei conhecimento porque eu continuo no espaço escolar, e vou continuar discutindo esse assunto, mas foi nos dado vários temas e eu fui justamente trabalhar, dar continuidade a esse tema porque eu acho importante esse tema e para minha surpresa ele foi abraçado por alunas evangélicas, por alunos homofóbicos, Inclusive. Eu lembro de um menino que ele disse: “Professora” e ele era assim, bem né? Aquele estereótipo bem macho, ele falou assim: “eu não vou falar sobre isso não” e eu disse: “isso vale nota, isso é só uma pesquisa, ninguém tá pedindo aqui para você beijar outro homem”, né? Eu acho que na medida que eu fui fazendo a pesquisa, que eu fui trabalhando o assunto, eu trabalhei muito aquele autor o Fly, Peter Fry e trabalhei também..., eu recebi ajuda de uma professora de espanhol que eu achei extremamente pertinente, que ela trabalhou a teoria Queer e eles foram devagar, entendendo a necessidade de discutir a ótica da teoria. Então eu acho que eu consegui convencê-los de que tinha alguém sim, estudando isso, que isso não era uma fala minha, que não era um modismo. Modismo acadêmico e não era porque..., porque se sabe que tem muita gente e até

professores, mesmos, homossexuais na escola, e sim, por conta de que você aqui, faz ciência. Então eles entenderam a proposta e para mim é extremamente gratificante saber que foi feito. As respostas desse pessoal que orientei, as respostas foram dadas a luz da pesquisa deles. Então eu fico feliz porque eu acho que eu cumpri a missão que era justamente conscientizá-los disso, essa questão do modo de ser do homossexual, que não é uma doença, não é um modismo, não é nenhuma uma... como é que eu vi uma pessoa dizendo para mim, nesses grupos...? Que houveram vários debates e alguém disse assim: “não professora, é que hoje em dia eles não sabem o que exatamente, o que eles querem, eles vão com homem, vão com mulher” e eu digo mas qual é o problema de ir com homem e ir com mulher? Você não tem o livre-arbítrio, você não é dono do teu corpo, não é dono do teu saber? Talvez, talvez seja por essa, essa forma de eu conduzir com suavidade algo assim tão,... tão pertinente, né? Que tenha deixado esse pessoal bem à vontade, porque eu penso que a questão sexual é um problema seu, ele vai ser um problema na sociedade quando você for preconceituoso ou extremamente uma pessoa radical, homofóbica. Aí ele se transforma numa questão social, né? Que vai envolver outros. A sua escolha só diz respeito a ti. A gente então tentou abordar o máximo que pode nesse seminário, nessa pesquisa. Infelizmente esse ano eu já não vou trabalhar mais com eles, é um outro professor que possivelmente não trabalhará por conta da religião dele. Eu acredito que ele não trabalhara esse tema, mas eu continuo discutindo esse tema nas aulas de sociologia do ensino regular.

Pesquisador: Você percebe que essa questão da homofobia quando aparece, a escola está preparada para esse desafio? Ela sabe lidar com essas questões de homofobia?

Margot: Bom, se a gente entende escola como uma instituição hierarquizada e verticalizada, eu te diria que não. Um professor para falar sobre homofobia, ele tem que se desprender dos seus preconceitos, dos seus dogmas. Ele tem que romper com uma série de preconceitos. Então eu diria que não, a escola não tá, não tá preparada, mas os alunos estão prontos, eles se permitem, eles se permitem discutir este tema, eles são mais abertos, totalmente abertos até porque é uma geração com sede de saber.

Pesquisador: E muitos estão abertos a esse tipo de assunto?

Margot: Eles estão, eu me lembro que durante o processo de preparação para o seminário eu tive apenas, de 150 alunos ou mais, eu só tive duas alunas que não participaram. Elas se negaram, mesmo sabendo que elas corriam

risco de serem reprovadas, mas elas se negaram a tocar no assunto e como elas têm uma certa idade você não tem muito o que fazer, né? Você não tem muito o que fazer então é uma escolha delas, mas embora elas não tenham feito o trabalho, que era a redação final, eu dei uma oportunidade a elas que só se pronunciassem e elas disseram que: “acho que isso não é assunto para ser tratado em sala de aula” e aí eu identifiquei que elas eram de uma religião um pouco..., um pouco mais intolerante.

Pesquisador: Essa questão da resistência, você acha que algum segmento mais fundamentalista - porque nem toda religião cristã é fundamentalista - tem esse fundamentalismo radical em relação à sexualidade, alguns tem uma leitura um pouco mais progressista?

Margot: Então, né! Eu diria para você que as religiões de matriz africana são as que melhor aceitam, eu posso dizer aceitam porque eu tenho observado um número muito grande de homossexuais nessas religiões, né. E nós temos a umbanda que ela é cristã, mas quer queira ou não, ela é de matriz africana, kardecista e católica. Então, mas a igreja hoje eu..., a igreja católica assim observando no meu período e discutindo em sala de aula, ouvindo meus alunos eu não me aprofundi nesse tema. Eu percebi que eles não comentam, não falam..., através da fala dos meus alunos e é a protestante, ela é radical, ela diz olha a bíblia, Deus fez o homem. Bem, ainda é aquela interpretação aos moldes daquele profeta político, daquele cara que queria realmente... bom, muito embora a igreja também tenha esse discurso de que Deus fez o homem, enfim. E aí a gente sabe que tem todo um modo de produção capitalista sobre essa questão, você tem que render herdeiros, né? Para dar continuidade à produção, porém eu percebo que não sei se no Islamismo, não sei no judaísmo, eu não tenho nenhum aluno desse segmento religioso então eu não vou saber te responder, mas eu percebi que aqueles que são de religião de matriz africana eles não sentem essa resistência como os de outra igreja, outra religião, desculpa!

Pesquisador: Você acha que a maneira como eles lidaram com essa temática não foi diferente da maneira como eles lidam com outras temáticas que estão no currículo onde alguns se interessaram mais, outros se interessaram menos. Houve mais interesse ou menos interesse? Como é que você sentiu a relação dos estudantes com esse conteúdo?

Margot: Aceitação ou não? Bom, primeiro que é um tema da disciplina né? É... os meus alunos todos foram convidados a se pronunciarem, né? Se contra, se a favor tem que ter um porquê, então num primeiro momento eu

percebi que uma grande maioria era contra e me chamou muita atenção porque quando eu comecei através dos textos que fui lendo e discutindo, eu fui chamada umas duas vezes aqui no corredor, eu fui chamada por duas alunas que disseram: “professora eu tenho muito medo de falar deste assunto” e quando ela faz isso eu digo: “tu tem homossexual na família” e ela disse: “não, eu gosto de mulher, mas eu fui obrigada a casar.” Quer dizer, então você percebe que as pessoas ainda estão, como diria os homossexuais, estão no armário. Então você olha para aquela mãe de família que ainda vem com a filhinha do lado, para estudar porque uma delas tem esse perfil e chega, e te chama aqui no corredor (voz embargada) e faz uma declaração dessa! Quer dizer, para isso eu não estava preparada, como não estou preparada para ouvir isso, né? E você vai dizer o que para essa pessoa, né? Então, também é uma das características de porque a escola não está preparada. Eu acho que as formações que nós recebemos tá muito a desejar, deixa muito a desejar na questão de formação. Nesse assunto então, eu penso que nós deveríamos abrir, assim, para se discutir em toda escola, deveríamos ter sim, um convênio com as Universidades, com psicanalistas, com assistente social, delegados, sabe! Tem que ter muita coisa, porque um assunto que mexe com muita, mas muita coisa mesmo. Então, voltando a sua questão, porque eu fugi um pouquinho, como é um tema da disciplina, né? E ele ia culminar, se era um artigo, então todos fizeram exceto essas duas alunas que a discussão foi verbal, apresentação delas foi verbal e eu levei em consideração porque elas conseguiram me convencer do porque elas não queriam discutir esse assunto e ali implícito estava um discurso religioso, mas era um argumento, entendeu? É um argumento, então o professor que vai discutir esse assunto ele tem que estar preparado para ouvir um “não”. “Eu não gosto, eu não quero, eu não vou”, mas ele tem que fazer esse aluno se pronunciar, porque não? Entendeu? E você tem que respeitar esse, não... Né?

Pesquisador: E você teve que aprender, teve que estudar alguma coisa para passar ou já tinha algum tempo que você já estava acrescentando leituras necessárias, se interessando?

Margot: Eu diria para você que (risos) eu sou assim, muito de resolver as coisas na hora, os meus planejamentos, eu estou sempre entrando em conflito com eles porque eu sempre estou mudando. Eu percebo que o professor tem que ter esse filing, se o assunto naquele momento que você está falando de criança e surja o assunto pedofilia, esquece a cartilha do

ECA e vai falar de pedofilia porque o aluno está te dando sinais daquilo que ele quer saber, entendeu? É aquilo que ele quer saber, então eu percebi que foi como eu te disse no começo de tudo, eu percebia que eles queriam saber mais, embora fossem resistentes ao tema eles queriam saber mais, era o motivo deles interpelar... aqui pelo corredor.

Pesquisador: Eu vi aluno citando Judith Butler, a referência que eles utilizaram foi muito boa. Como que vocês chegaram nessa referência? Eles que encontraram, como é que foi?

Margot:É, como eu estava, como que eu estava orientando né, de uma forma que são alunos do EJA né? É o EJA, não é o ensino regular que o menino vem aqui tem tempo e tal. Eu tô trabalhando com aquele cara que pega no pesado, que tá o dia todo no supermercado, como pedreiro, como pintor, empregada doméstica, a dona de casa que vem de saco cheio e vem aqui só para socializar. Então é, eu fui devagar, o que eu pude, assim, extrair desses pensadores de forma bem suave, bem sucinta eu fui passando para eles, entendeu? É como eu te disse, primeiro eu apresentei a parte da pesquisa científica, dessa grande preocupação do mundo da ciência para com a questão da homossexualidade, da homofobia, do preconceito, então eu fui fazendo esse caminho, então para você ter uma ideia, esses alunos foram se identificando com os teóricos, eu não sei se você pode perceber, mas ali nós tínhamos evangélicas, tinham homossexuais e tinham bissexuais.

Pesquisador: Conversei com algumas meninas que se assumiram e elas revelaram que tinham pouco conhecimento da situação que elas mesmas estavam vivendo, como a ideia de que não pode usar termos como homossexualismo, a ideia sobre papéis diferentes de gênero e elas disseram que entraram em contato com esse conhecimento pelo trabalho.

Margot: Então como eu te disse, o professor ele tem que se permitir, você sabe que hoje, você também é professor, sabe que a gente tem pouco tempo para preparar uma aula com qualidade e como eu te disse, eu trabalho na pressão e quando eu vejo que a coisa tem que funcionar aí eu tenho que botar ela para funcionar. Então eu fiz assim, eu elenquei alguns autores interessantes que fossem bem acessíveis, que elas tivessem acesso, né? E que o menino ali também tivesse uma compreensão melhor dentro daquilo que é possível ser trabalhado no EJA, mas eu também fiquei muito surpresa porque até então, eu não fui assim... estimulada a fazer esse trabalho, eu não fui estimulada, eu fui... Foi me dado carta branca para trabalhar, mas você precisa de algum material para você fazer. Eu te digo, olha não, eu não sei se

é uma realidade de todas as escolas, porém eu não tive este estímulo, né? Mas aos poucos essa pesquisa, esse trabalho de pesquisa ele vai fluindo, né? É uma pena que a gente não tem tempo de fazer este tipo de trabalho, por exemplo, ele exigiu que eu trabalhasse três meses com eles intensamente trabalhando, pegando teoria, dados de pesquisas, estatísticas, documentários, depoimentos, fazendo leituras de artigos. São vários artigos que eu busquei fornecer para eles, então tive o auxílio dessa colega, né? Que trabalha aqui e ela demonstrou ter interesse também, né, pelo resultado desse trabalho, mas por isso eu convidei também ela, foi uma das poucas pessoas que realmente tinha interesse em ver o resultado, né? O resultado, embora incipiente porque as pesquisas são mais aprofundadas, mas esse primeiro contato com o mundo da teoria, né, a gente esquecer um pouquinho livro didático e partirmos para alguns teóricos. Essa professora ela está aqui. Se quiser, você pode falar com ela.

Pesquisador: Bom, então acho que é isso aí! Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Margot: Não, eu acho que... eu penso assim, que é um tema que não tem como esgotar, né? Os homossexuais estão aí, a violência tá aí, a que se trabalhar muito ainda a igualdade das pessoas. Embora eu não acredito muito nessa igualdade, não sou bem bem aristotélica “tratar iguais os desiguais, desiguais aos iguais” porque eu não acredito que se nós fossemos iguais isso causaria tanta celeuma, tanta polêmica. Esse tipo de assunto, eu acho que a gente tem que dar continuidade, cabe a nós educadores trabalharmos estes temas polêmicos porque os nossos alunos estão preparados para isso, quem não está preparado para isso são os professores, entendeu?

Pesquisador: Os alunos relataram algumas dificuldades que eles tiveram, de rejeição por parte de alguns professores e também de alguns estudantes.

Margot: Sim, sim. Porque aquilo que você não conhece, os assuntos que nós ainda vivemos a máxima: “política, futebol e religião não se discute”, mas como não, né? Então eu acho que nós educadores estamos pecando, a gente está muito preocupado em vencer um conteúdo que generaliza tudo, entendeu? E esquecemos, né? Das necessidades básicas que a nossa comunidade aqui necessita. Então o que eles querem discutir, eles vão discutir nas escolas, nas minhas aulas de sociologia sempre vai ser assim, eu sempre fui muito aberta, quer dizer, eu tenho que estudar um pouquinho mais, né, que os outros colegas porque eu aceitei esse desafio e eu acho que

é isso que faz o profissional crescer, é sair desse conformismo que é o nosso referencial curricular.

Pesquisador: Você disse que no conteúdo programático para EJA, da abertura para falar sobre essas questões?

Margot: O que chegou na realidade, na verdade o seminário não abre essa exceção, eu abri essa exceção no seminário. Ele falava de meio ambiente, de sustentabilidade, ele falava de água, de tratamento de água, essas coisas, e falava de diversidades. Quando eu..., quando eu vi a palavra diversidade, foi aí que eu disse, opa! É aqui que eu vou, eu vou falar de violência contra os homossexuais, entendeu? Quando apareceu esta palavra, ela não aparecia lá no currículo, então a palavra diversidade é que me deu a deixa para poder trabalhar.

Pesquisador: obrigado, Margot.

Margot: Eu estou sempre aqui, se precisar de alguma coisa pode falar comigo, tá! Estou sempre aqui a disposição, viu.

Entrevista Sueli

Pesquisador: - Como foi essa experiência de trabalhar esse conteúdo, como foi sua participação?

Sueli: - Então! Era um projeto que a secretaria de educação indicou e aí cada grupo de professores tinha que escolher uma linha e aí caiu eu e a Margot para trabalhar com a homossexualidade, e como eu queria trazer para o meu lado, o espanhol, aí eu trouxe a Judith Butler junto com as obras do Almodôvar. Então eu casei o espanhol junto com a homossexualidade nas minhas aulas de Espanhol. Então eu trouxe todas as figuras que o Almodôvar trabalhou junto com a teoria da Judith Butler, que é o que ele mais enfatiza em todos os seus filmes. Então eu apresentei a (personagem) Agrado do filme *Tudo sobre minha Mãe* e eu apresentei também um filme *Além do desejo*, um filme onde o Antônio Bandejas era um homossexual e o assassino de toda a trama. E também *A pele que habito*, em que o Antônio Banderas faz toda aquela operação num personagem, transformando esse personagem em uma mulher, contra vontade do mesmo. Então foi bem interessante, eu não pude explicar muito, porque o tempo era curto.

Pesquisador: - E eles assistiram o filme todo ou você fez alguns cortes?

Sueli: - Não, só alguns trechos e aí eu montei os slides com as personagens, explicando cada um, a teoria Queer dentro das questões de hoje, de ser uma drag queen, e como surgiu a drag queen na década de 60 para cá e os estudos feministas. Só que foi... não deu para fazer muita coisa e tudo que eu vi na faculdade, com eles. Teria sido bacana se tivesse tempo para trabalhar melhor isso, com eles.

Pesquisador: - Você teve contato com essa temática na faculdade, mesmo?

Sueli: - Foi na pós-graduação, que eu fiz na UEMS de Dourados, com o professor Paulo Pressoto que foi o professor de Literatura e cinema hispânico.

Pesquisador: - Então quando veio essa proposta, você já tinha conhecimento dessa temática?

Sueli: Sim, já tinha me informado um pouco. Principalmente com essa teoria do sair do armário.

Pesquisador: - E como você sentiu os alunos, como eles lidaram com essa temática?

Sueli: - Olha! As mulheres de mais idade foi bem complicado, porque para elas não é aceito, não é normal tratar desse tema. Tanto que muitas só fizeram porque era obrigado e Valia nota, caso contrário elas não

participariam. A Aline é uma menina que ela é... cristã, só que ela disse que ia trabalhar esse tema: “assim... não é o meu tema favorito, mas é o tema com o qual eu vou trabalhar, não é errado, nem pecado falar disso, e que cada um é cada um e eles tem a sua escolha”. Então ela foi um exemplo de que mesmo a religião não impede de você abordar o tema sexualidade ou transgênero na sala de aula, mas algumas senhoras não gostaram. Os meninos não tiveram problema nenhum, foram os que menos tiveram problemas foram os meninos até porque tem alunas que são homossexuais, que são assumidas. Tanto que uma do módulo, agora do módulo 4, são duas meninas assumidas. Rapazes, rapazes é difícil de você ver aqui, é muito difícil ainda, tem uma certa timidez, mas as meninas são bem mais,

Pesquisador: - Ah, sim! Elas utilizaram, quando eu conversei com elas, elas utilizaram alguns termos e eu achei interessante que elas aprenderam esses termos com esses trabalhos. Então, quando eu perguntei de onde vem isso, mesmo aquelas que têm participação no universo LGBT, disseram que nesse espaço não tiveram esse contato e que algumas coisas mais elaboradas foram com esse projeto que você orientou.

Sueli: - Sim, e até questões de legislação também. Elas não conheciam as questões históricas do movimento LGBT, dos personagens homossexuais na Índia, como eles são recebidos, como eles são tratados. Porque na Índia os homossexuais em uma festa são recebidos até bem, eles não são alvejados nem nada, porque eles entram, para eles, para cultura indiana é para abençoar a relação do casal, mas tem países que não aceitam, que acaba tendo penas de morte. Eu não lembro qual é o país que tem a sentença de morte para quem se assume homossexual, não sei se é na Tailândia, mas é alguma coisa assim, tanto é que a maioria dos tailandeses que se assumem, tanto transexual, transgênero, travesti, eles saem do país. Tem o caso de uma cantora que participou, não sei se foi no The Voice ou naquele outro programa, ela saiu da Tailândia. Só que como ela fez sucesso a Tailândia foi obrigada aceitar ela de volta, então ela se tornou um ícone da Tailândia.

Pesquisador: - O professor, como que ele se comporta, eles tiveram resistência?

Sueli: - Teve, teve bastante resistência. Os que fizeram parte de outro grupo mesmo, foram os que se negaram a trabalhar com a gente. Tanto que foi só eu, a Margot e o Adrian o professor de biologia que também é homossexual, a Margot por ser de sociologia e filosofia, e eu. Aí, dos outros professores teve sim preconceito, teve um que falou claramente que não queria e que não

ia trabalhar esse tema porque ele não aceita.

Pesquisador: - Você acha que a escola tem dificuldades com esse conteúdo? Se viesse a ser obrigatório, teria dificuldade de trabalhar com ele?

Sueli: - Com certeza, com certeza por parte de alguns colegas e por parte dos alunos, porque tem muita gente que fala que aceita, mas não aceita, entendeu? E outros não aceitam e pronto. Então se fosse obrigatório traria muito problema porque nem todo mundo aceita, até a nossa abordagem foi um pouco complicada no começo.

Pesquisador: - Teria alguma coisa a mais que você gostaria de colocar sobre esse tema, essa temática?

Sueli: - Não, acho que foi bacana para mim principalmente, porque introduzir Judith Butler no ensino regular é a glória. Ela é uma teórica muito difícil, eu sofri um bocado para aprender um pouco sobre ela e eles pegaram bem rápido.

Sueli: - Realmente, teve uma aluna, a Nylene, eu acho que ela falou sobre Judith Butler com muita desenvoltura e falou ainda um assunto extenso que coube a ela naquela apresentação.

Sueli: - Foi, foi! Ela e a Aline, as duas.

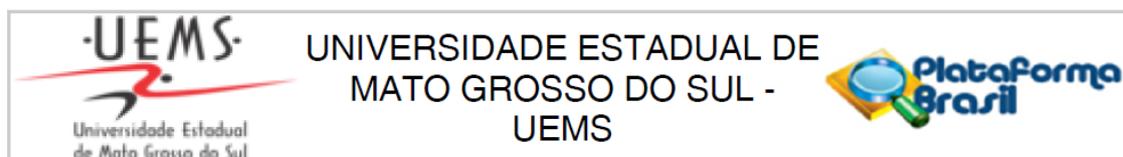
Sueli: - Realmente, quando eu conversei com elas, elas traziam muitas informações que adquiriram com essa atividade, com esse projeto.

Sueli: - Realmente.

Pesquisador: - Mas tá ok, Sueli. Eu agradeço.

Sueli: - Nada, eu é que agradeço.

Anexos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VOZES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADES E HOMOFOBIA NA ESCOLA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADES NÃO HETERONORMATIVAS

Pesquisador: FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 89881718.8.0000.8030

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.756.684

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa de cunho qualitativo que pretende discutir entre outras coisas, a forma como as questões inerentes ao gênero, sexualidade e questões afins são abordadas e discutidas na escola.

Objetivo da Pesquisa:

Geral:

Analisar fatores que colaboram ou dificultam a abordagem de temas relacionados a homossexualidade e homofobia.

Específicos:

Identificar concepções de estudantes e professores sobre sexualidades não heteronormativas.

Descrever comportamentos homofóbicos vivenciados por estudantes em ambiente escolar.

Apresentar dificuldades da instituição escolar em abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade.

Apontar estratégias para a escola no que se refere à prevenção da discriminação de indivíduos com orientação sexual diferente da heteronormativa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentam-se adequadamente descritos em todos os documentos.

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351

Bairro: Cidade Universitária

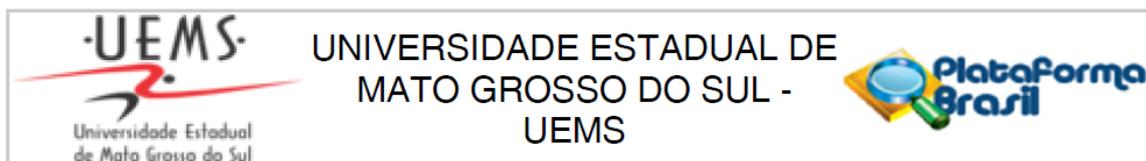
CEP: 79.804-970

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (67)3902-2699

E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.756.684

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa importante e de alto grau de relevância para as questões que inferem gênero.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão todos apresentados e estão adequados. O cronograma também está adequado.

Recomendações:

Algumas alterações sugeridas no projeto anterior foram feitas, a saber as que inferem o TCLE e o TALE. As questões anteriores que traziam como mote a questão da religião/religiosidade também foram alteradas. Mas ainda estão presentes, portanto recomenda-se que este comitê avalie a desinência das mesmas para entender se elas afetam a ética ou não. Ex.: Questão 13 do roteiro dos estudantes:- Você tem alguma religião? Se sim, é praticante?

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pautado na discussão realizada no Comitê o projeto encontra-se Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1122571.pdf	17/06/2018 12:34:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Vozes_de_Estudantes_sobre_sexualidade_e_Homofobia.pdf	17/06/2018 12:33:28	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_Livre_Responsavel.pdf	17/06/2018 12:32:42	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Livre_Esclarecido.pdf	17/06/2018 12:32:25	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_Esclarecido.pdf	17/06/2018 12:31:53	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_2700931.pdf	17/06/2018 12:31:17	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
Folha de Rosto	doc0folha_de_rosto.pdf	17/05/2018 21:17:54	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351

Bairro: Cidade Universitária

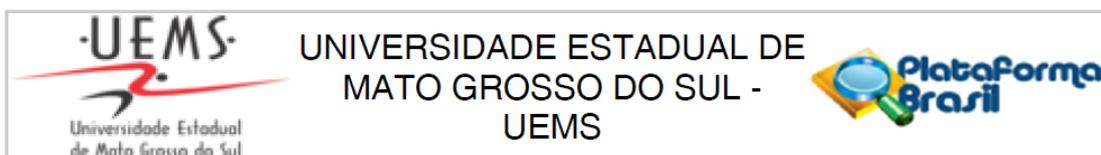
CEP: 79.804-970

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (67)3902-2699

E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.756.684

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AutorizoDiretora.pdf	05/05/2018 09:31:44	FLAVIO LUIZ PEZZI GOUVEA	Aceito
---	----------------------	------------------------	-----------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 05 de Julho de 2018

Assinado por:
Cynthia de Barros Mansur
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br



CrITÉrio Brasil 2015 e atualizaçŁo da distribuıŁo de classes para 2016

A metodologia de desenvolvimento do CrITÉrio Brasil que entrou em vigor no inıcio de 2015 estŁ descrita no livro *EstratificaçŁo SocioeconÔmica e Consumo no Brasil* dos professores Wagner Kamakura (Rice University) e JosŁ Afonso Mazzon (FEA /USP), baseado na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE.

A regra operacional para classificaçŁo de domicılios, descrita a seguir, resulta da adaptaçŁo da metodologia apresentada no livro Łs condiçŁes operacionais da pesquisa de mercado no Brasil.

As organizaçŁes que utilizam o CrITÉrio Brasil podem relatar suas experiŁncias ao ComitŁ do CCEB. Essas experiŁncias serŁo valiosas para que o CrITÉrio Brasil seja permanentemente aprimorado.

A transformaçŁo operada atualmente no CrITÉrio Brasil foi possıvel graçŁas a generosa contribuiçŁo e intensa participaçŁo dos seguintes profissionais nas atividades do comitŁ:

Luis Pilli (Coordenador) - LARC Pesquisa de Marketing
 Bianca Ambrósio -TNS
 Bruna Suzzara – IBOPE InteligŁncia
 Marcelo Alves - Nielsen
 Margareth Reis – GfK
 Paula Yamakawa – IBOPE InteligŁncia
 Renata Nunes - Data Folha
 Sandra Mazzo - Ipsos
 Tatiana Wakaguri – Kantar IBOPE Media

A ABEP, em nome de seus associados, registra o reconhecimento e agradece o envolvimento desses profissionais.

SISTEMA DE PONTOS**Variáveis**

	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louca	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2

Grau de instrução do chefe de família e acesso a serviços públicos

Escolaridade da pessoa de referência	
Analfabeto / Fundamental I incompleto	0
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	1
Fundamental II completo / Médio incompleto	2
Médio completo / Superior incompleto	4
Superior completo	7
Serviços públicos	
	Não Sim
Água encanada	0 4
Rua pavimentada	0 2

Distribuição das classes para 2016

As estimativas do tamanho dos estratos atualizados referem-se ao total Brasil e resultados das Macro Regiões, além do total das 9 Regiões Metropolitanas e resultados para cada uma das RM's (Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza).

As estimativas são baseadas em estudos probabilísticos do Datafolha, IBOPE Inteligência, GFK, IPSOS e Kantar IBOPE Media (LSE). O perfil da classe é domiciliar.

Classe	Brasil	Sudeste	Sul	Nordeste	Centro Oeste	Norte
A	2,9%	3,6%	3,4%	1,4%	4,2%	1,8%
B1	5,0%	6,2%	6,2%	2,7%	5,3%	3,4%
B2	17,3%	21,0%	20,6%	10,5%	18,7%	11,7%
C1	22,2%	25,3%	28,0%	15,1%	23,0%	17,9%
C2	25,6%	25,4%	24,8%	25,6%	27,5%	26,3%
D-E	27,0%	18,5%	17,0%	44,7%	21,3%	38,9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Classe	9RM's	POA	CWB	SP	RJ	BH	BSB	SSA	REC	FOR
A	4,3%	3,7%	5,4%	4,8%	3,5%	3,5%	9,9%	4,1%	2,0%	3,4%
B1	6,6%	6,5%	8,2%	7,5%	5,9%	5,7%	9,6%	5,2%	4,4%	4,3%
B2	19,5%	20,7%	24,3%	23,1%	17,5%	18,4%	22,0%	13,8%	13,2%	12,8%
C1	24,3%	27,0%	27,6%	28,4%	23,2%	24,0%	22,0%	18,1%	16,7%	15,0%
C2	25,9%	27,0%	22,8%	25,0%	26,6%	27,5%	21,7%	28,5%	28,5%	26,1%
D-E	19,4%	15,1%	11,7%	11,2%	23,3%	20,9%	14,8%	30,3%	35,2%	38,4%
TOTAL	100%									

Cortes do Critério Brasil

Classe	Pontos
A	45 - 100
B1	38 - 44
B2	29 - 37
C1	23 - 28
C2	17 - 22
D-E	0 - 16

Estimativa para a Renda Média Domiciliar para os estratos do Critério Brasil

Abaixo são apresentadas as estimativas de renda domiciliar mensal para os estratos socioeconômicos. Os valores se baseiam na PNAD 2014 e representam aproximações dos valores que podem ser obtidos em amostras de pesquisas de mercado, mídia e opinião. A experiência mostra que a variância observada para as respostas à pergunta de renda é elevada, com sobreposições importantes nas rendas entre as classes. Isso significa que pergunta de renda não é um estimador eficiente de nível socioeconômico e não substitui ou complementa o questionário sugerido abaixo. O objetivo da divulgação dessas informações é oferecer uma ideia de característica dos estratos socioeconômicos resultantes da aplicação do Critério Brasil.

Estrato Sócio Econômico	Renda média Domiciliar
A	20.888
B1	9.254
B2	4.852
C1	2.705
C2	1.625
D-E	768
TOTAL	3.130

PROCEDIMENTO NA COLETA DOS ITENS

É importante e necessário que o critério seja aplicado de forma uniforme e precisa. Para tanto, é fundamental atender integralmente as definições e procedimentos citados a seguir.

Para aparelhos domésticos em geral:

Devem ser considerados todos os bens que estão dentro do domicílio em funcionamento (incluindo os que estão guardados) independente da forma de aquisição: compra, empréstimo, aluguel, etc. Se o domicílio possui um bem que emprestou a outro, este não deve ser contado pois não está em seu domicílio atualmente. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Banheiro

O que define o banheiro é a existência de vaso sanitário. Considerar todos os banheiros e lavabos com vaso sanitário, incluindo os de empregada, os localizados fora de casa e os da(s) suíte(s). Para ser considerado, o banheiro tem que ser privativo do domicílio. Banheiros coletivos (que servem a mais de uma habitação) não devem ser considerados.

Empregados Domésticos

Considerar apenas os empregados mensalistas, isto é, aqueles que trabalham pelo menos cinco dias por semana, durmam ou não no emprego. Não esqueça de incluir babás, motoristas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, considerando sempre os mensalistas.

Note bem: o termo empregado mensalista se refere aos empregados que trabalham no domicílio de forma permanente e/ou contínua, pelo menos cinco dias por semana, e não ao regime de pagamento do salário.

Automóvel

Não considerar táxis, vans ou pick-ups usados para fretes, ou qualquer veículo usado para atividades profissionais. Veículos de uso misto (pessoal e profissional) não devem ser considerados.

Microcomputador

Considerar os computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks. Não considerar: calculadoras,

agendas eletrônicas, tablets, palms, smartphones e outros aparelhos.

Lava-Louça

Considere a máquina com função de lavar as louças.

Geladeira e Freezer

No quadro de pontuação há duas linhas independentes para assinalar a posse de geladeira e freezer respectivamente. A pontuação será aplicada de forma independente:

Havendo uma geladeira no domicílio, serão atribuídos os pontos (2) correspondentes a posse de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2ª porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. Dessa forma, esse domicílio totaliza 4 pontos na soma desses dois bens.

Lava-Roupa

Considerar máquina de lavar roupa, somente as máquinas automáticas e/ou semiautomática. O tanquinho NÃO deve ser considerado.

DVD

Considere como leitor de DVD (Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil) o acessório doméstico capaz de reproduzir mídias no formato DVD ou outros formatos mais modernos, incluindo videogames, computadores, notebooks. Inclua os aparelhos portáteis e os acoplados em microcomputadores. Não considere DVD de automóvel.

Micro-ondas

Considerar forno micro-ondas e aparelho com dupla função (de micro-ondas e forno elétrico).

Motocicleta

Não considerar motocicletas usadas exclusivamente para atividades profissionais. Motocicletas apenas para uso pessoal e de uso misto (pessoal e profissional) devem ser consideradas.

Secadora de roupas

Considerar a máquina de secar roupa. Existem máquinas que fazem duas funções, lavar e secar. Nesses casos, devemos considerar esse equipamento como uma máquina de lavar e como uma secadora.

Modelo de Questionário sugerido para aplicação

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.

Vamos começar? No domicílio tem _____ (LEIA CADA ITEM)

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de US\$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa).

Nenhum critério estatístico, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmarções frequentes do tipo “... conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas pelo critério é classe B...” não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem, porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussão em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério econômico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da adequação do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.